

Andreza Carubelli Sapata

**O articulador discursivo *então* e suas várias funções  
no texto escrito do Brasil**

Universidade Estadual de Campinas  
Instituto de Estudos da Linguagem  
2005

1 Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

1.1 Sapata, Andreza Carubelli.  
1.2 Sa O Articulador discursivo então e suas várias funções no português  
65 escrito do Brasil / Andreza Carubelli Sapata. -- Campinas, SP : [s.n.],  
a 2005.

Orientador : Eduardo Roberto Junqueira Guimarães.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de  
Estudos da Linguagem.

1. Então (Articuladores discursivos). 2. Texto. 3. Argumentação. I.  
Guimarães, Eduardo Roberto Junqueira. II. Universidade Estadual de  
Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

(oe/iel)

Palavras-chave em inglês (Keywords): Text, Argumentation.

Área de concentração: Semântica.

Titulação: Mestrado.

Andreza Carubelli Sapata

**O articulador discursivo *então* e suas várias funções  
no texto escrito do Brasil**

Dissertação apresentada ao curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

**Orientador: Prof. Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães**

Universidade Estadual de Campinas  
Instituto de Estudos da Linguagem  
2005



## **Orientador**

Prof. Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães

## **Banca**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carolina Maria Rodríguez Zuccolillo

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Elias de Oliveira

## **Suplente**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Regina Castellanos Pfeiffer



Dedico este trabalho aos meus irmãos Amanda e Carlos (Caitinho), razão de minha dedicação, que com palavras de incentivo, abraços e muito carinho me ajudaram a concluir este trabalho.



## **Agradecimentos**

Ao Prof. Eduardo Guimarães, pelos inúmeros esclarecimentos teóricos e pela paciência, compreensão e dedicação com que conduziu a orientação;

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ingedore Koch, por participar da banca de qualificação e esclarecer, com seus livros, muitas dúvidas;

Às professoras que fizeram parte da banca, Carolina Rodríguez e Sheila Elias, que, mesmo sem me conhecerem, gentilmente aceitaram meu convite;

A minha mãe, Maria Ester, pelas orações e por estar presente, tanto nos momentos tranquilos como nos mais conturbados;

A meu pai, Carlos Alberto, que, mesmo sem querer e, talvez, sem perceber, fez-me amadurecer muito cedo e traçar meus objetivos;

Ao meu noivo, Maurício, que aguardava alegremente minha chegada de Campinas, mesmo nas noites de intenso inverno, e muito me incentivou e admirou meu trabalho;

As minhas priminhas Giulia, Camila, Sofia e Laís, que com serenos sorrisos de criança apaziguaram meus conflitos internos e me proporcionaram muita alegria;



## **Resumo**

O propósito desse estudo é analisar, por um lado, as funções argumentativas, bem como os fenômenos semânticos da polifonia e implicação estabelecidos por *então* no texto escrito, e por outro, o operador *então* na organização textual, contrapondo-o aos outros operadores conclusivos, considerando tipo de discurso, grau de formalidade do texto, etc. Para tanto, abordar-se-ão aspectos apontados pela Semântica Enunciativa, especialmente os estudos de Oswald Ducrot e Eduardo Guimarães, e Lingüística Textual, principalmente os estudos de Ingedore Koch, e serão utilizados, como *corpus*, materiais retirados de jornais e revistas de reportagens publicados no Brasil.

## **Abstract**

The purpose of this study is research, on one hand, the argumentative functions, as well as polyphony and implication set by *so* in written text, and, on another hand, the operator *so* in the textual organization, comparing to others conclusive operators, considering type of discourse, formality degree, etc. In order to this, it will be mentioned aspects of Enunciative Semantic, specially the studies of Oswald Ducrot and Eduardo Guimarães, and Textual Linguistic, mainly the studies of Ingedore Koch, and it will be used, as *corpus*, materials extracted from newspaper and magazines published in Brazil.



## Apresentação

O propósito deste trabalho é analisar, por um lado, as funções argumentativas, bem como outros fenômenos semânticos, como a polifonia e implicação estabelecidos por *então* no texto escrito, e por outro, o operador *então* na organização textual, contrapondo-o aos outros operadores conclusivos, considerando tipo de discurso, grau de formalidade do texto, etc. Para tanto, abordar-se-ão aspectos apontados pela Semântica Enunciativa, especialmente as teorias de Oswald Ducrot e Eduardo Guimarães, e pela Lingüística Textual, principalmente os estudos de Ingedore Koch.

O levantamento de dados foi efetuado num *corpus* extraído de leituras de periódicos publicados no Brasil, como os jornais *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo*, e as revistas *Veja*, *Cláudia*, *Nova*, *Pais & Filhos*, *Mãe* e *Querida*.

Nesses periódicos procuramos encontrar conjunções conclusivas nos seguintes tipos de textos, do mais informal para o formal, são elas:

- nível informal: anúncios e entrevistas;
- nível intermediário: matérias assinadas e cartas de leitores e editores;
- nível formal: editoriais e ensaios.

As conjunções analisadas foram selecionadas de acordo com a apresentação feita das conjunções conclusivas pelas gramáticas tradicionais, que são: *logo*, *portanto*, *por conseguinte*, *então*, *por isso* e *pois*. No entanto, das 126 (cento e vinte e seis) ocorrências analisadas, nenhum caso de *por conseguinte* foi encontrado.

No primeiro capítulo do estudo serão apresentadas considerações sobre retórica e argumentação e ainda serão mostrados, principalmente, os estudos de Oswald Ducrot sobre a argumentação na língua, escala argumentativa, topos argumentativo e polifonia, que nortearam essa pesquisa, e a contribuição de Carlos Vogt para a Semântica Argumentativa com o seu estudo sobre as orações comparativas.

O segundo capítulo apresentará um estudo sobre a articulação de orações no Brasil, principalmente a junção conclusiva, e uma análise das conjunções conclusivas encontradas no *corpus*, que foram submetidas a nove fatores: 1) Tipo de operador; 2) Possibilidade de substituição por *logo*; 3) Possibilidade de ser antecedido da conjunção *e*; 4) Mobilidade dos operadores dentro da oração; 5) Possibilidade de focalização do operador por meio de

clivagem ou de partículas especiais; 6) Tipo de domínio lingüístico; 7) Gênero textual; 8) Presença de vírgula após o operador; 9) Operador-iniciador de período ou operador-iniciador de oração.

O penúltimo capítulo traz todas as ocorrências com o operador *então*, organizadas em dezesseis grupos de acordo com as semelhanças (verificadas na análise dos fatores) entre elas.

Por fim, o último capítulo tratará do comportamento textual das ocorrências com *então* e detalhará o comportamento argumentativo do *então-conclusivo*, mais freqüente em nosso *corpus*, com base nos estudos de Guimarães (1987).

## Índice

<b>1</b>	<b><i>A argumentatividade da língua</i></b>	<b>17</b>
1.1	<b>Retórica e Argumentação</b>	<b>17</b>
1.2	<b>A argumentatividade da língua</b>	<b>20</b>
1.2.1	Semântica Argumentativa no Brasil: Carlos Vogt	23
1.2.2	Argumentação e “Topos” Argumentativo	30
1.2.3	A teoria polifônica proposta por Ducrot (1987)	35
1.2.4	Considerações Finais	39
<b>2</b>	<b><i>A articulação de orações no português escrito do Brasil: a junção conclusiva</i></b>	<b>41</b>
2.1	<b>A articulação de orações</b>	<b>41</b>
2.1.1	A junção conclusiva em abordagens tradicionais	50
2.1.2	A junção conclusiva sob perspectivas textuais	51
2.2	<b>Os grupos de fatores</b>	<b>55</b>
2.2.1	Tipo de juntor	56
2.2.2	Possibilidade de substituição pelo marcador <i>logo</i>	56
2.2.3	Possibilidade de anteposição do marcador <i>e</i>	60
2.2.4	Mobilidade dos jutores dentro da oração	61
2.2.5	Possibilidade de focalização do juntor por meio de clivagem ou de partículas especiais	64
2.2.6	Tipo de domínio lingüístico	65
2.2.7	Gênero textual	66
2.2.8	Presença de vírgula após o juntor	68
2.2.9	Juntor como iniciador de período	68
2.3	<b>Caracterização de cada juntor</b>	<b>69</b>
2.3.1	Logo	69
2.3.2	Pois	71
2.3.3	Portanto	71
2.3.4	Então	73
2.3.5	Por isso	75
2.4	<b>Considerações Finais</b>	<b>77</b>
<b>3</b>	<b><i>Análise de grupos de ocorrências</i></b>	<b>79</b>
3.1	<b>Quadro Resumido</b>	<b>97</b>
<b>4</b>	<b><i>Análise textual e argumentativa do corpus</i></b>	<b>101</b>
4.1	<b>Análise textual</b>	<b>101</b>
4.1.1	Então – temporalidade	101
4.1.2	Então – causalidade	102
4.1.3	Então – condicionalidade	103
4.1.4	Então – conclusão	104
4.1.5	Então – anafórico-sequencial	107
4.1.6	Então – sequencial	108
4.1.7	Então – intensificador	109
4.2	<b>Análise argumentativa de então-conclusivo</b>	<b>110</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>125</b>
<b>6</b>	<b><i>Referências Bibliográficas</i></b>	<b>129</b>



# Capítulo I

## 2 A argumentatividade da língua

### 2.1 Retórica e Argumentação

Os estudos sobre Retórica têm sua origem na Grécia Antiga e se destacam também em Roma, principalmente nas obras de Cícero.

A Retórica teve uma enorme importância na democracia ateniense, em que o saber falar, para persuadir e convencer, se torna essencial: nos tribunais, nas assembleias políticas, nas praças públicas, nos encontros sociais... A Retórica assume, assim, no seu início, "um caráter pragmático: convencer o interlocutor da justeza da sua causa" (Ducrot e Todorov, 1978: 99). Aquilo que se põe em primeiro plano, com a Retórica, é o que, desde Austin, chamamos a "performatividade" da linguagem, pois a argumentação é um ato ilocucionário e a persuasão pode ser comparada a um ato perlocucionário.

De "técnica de persuasão", a Retórica transforma-se, com Aristóteles, num corpo de conhecimentos, categorias e regras - que, quem quiser bem falar e convencer deve aplicar ao discurso. Segundo Aristóteles (de cuja concepção indicaremos apenas algumas linhas essenciais), a Retórica visa descobrir os meios que, relativamente a qualquer argumento, podem levar à persuasão de um determinado auditório; o seu objeto é o "verossímil" ou "provável".

Posteriormente, e num processo que se estende até ao século XIX (século que marca o seu desaparecimento como disciplina escolar), a Retórica vai perdendo influência e reduzindo o seu campo, sofrendo as seguintes modificações: perde o seu objetivo pragmático imediato, deixando de ensinar como persuadir para passar a ensinar como fazer "belos discursos", o que causou um grande período de esquecimento da Retórica, pois esta se reduziu ao simples inventário de figuras de linguagem.

Ainda em nosso século, a Retórica é apresentada como inventário de figuras de linguagem em Manuais de Gramáticas, sendo entendida como oratória, ou seja, a arte de bem falar em público, reduzindo-se a discursos políticos, jurídicos e de homenagens públicas.

A Lingüística, por algum tempo, também se afastou dos estudos da retórica e da argumentação, visto que essas duas matérias de estudos ultrapassavam os limites da frase.

Os trabalhos de Perelman deram um novo impulso aos estudos da argumentação, tentando aliar os principais elementos da retórica aristotélica a uma visão atualizada do assunto. No plano geral, a argumentação é vista como busca da persuasão de um auditório pelo orador. Deste modo, é a representação do alocutário que constitui o modo de o locutor argumentar, formando um processo enunciativo.

Os trabalhos de tal autor visam revalorizar a Retórica Antiga, inserindo-a no quadro mais geral de uma teoria da argumentação.

Assim, segundo Perelman, "a teoria da argumentação, concebida como uma Nova Retórica, cobre todo o campo do discurso que visa convencer ou persuadir, seja qual for o auditório a que se dirige e a matéria a que se refere" (Perelman, 1993: 24). Argumentar é "fornecer argumentos, ou seja, razões a favor ou contra uma determinada tese. Uma teoria da argumentação, na sua concepção moderna, vem assim retomar e ao mesmo tempo renovar a retórica dos Gregos e dos Romanos, concebida como a arte de bem falar, ou seja, a arte de falar de modo a persuadir e a convencer".(Perelman, 1987: 234).

Das várias condições que, segundo Perelman, qualquer argumentação implica, citemos as seguintes: ela é situada, insere-se num determinado contexto, dirige-se a um auditório determinado; o orador, pelo seu discurso, visa exercer uma ação de persuasão sobre o auditório; os auditores devem estar dispostos a escutar, a sofrer a ação do orador; querer persuadir implica a renúncia, pelo orador, a dar ordens ao auditório, procurando antes a sua adesão intelectual; essa adesão nada tem a ver com a verdade ou a falsidade das teses que o orador procura defender, mas antes com o seu poder argumentativo; argumentar implica, finalmente, pressupor que é tão possível defender uma tese como a sua contrária. (Perelman, 1987:234).

A argumentação não se restringiu somente às teorias de Perelman, e sim tornou-se novamente objeto de análise dos lingüistas na Teoria da Enunciação.

Segundo Koch (1981), o texto tornou-se o objeto central de diversas tendências da lingüística moderna, como a Análise do Discurso – que, com base nos textos, buscava identificar nele marcas de um sujeito psicológico, o discurso subjacente, a ideologia presente, etc. - a Lingüística Textual – que busca analisar nos textos os processos de

referenciação/seqüenciação calcados no conhecimento de mundo do produtor e receptor do texto - e a Semântica Argumentativa – que busca no texto marcas lingüísticas que orientam argumentativamente o interlocutor do texto. *Para Vogt (apud Koch 1981), “esta última, preocupada com a macrossintaxe do discurso, postula uma pragmática integrada à descrição lingüística, isto é, como algo intermediário entre o sintático e o semântico, considerando os três níveis como indissoluvelmente integrados. Em decorrência, postula que a argumentatividade está inscrita na língua, ou seja, a enunciação se apresenta no enunciado por meio de uma série de marcas, de modo que só se torna possível alcançar o seu verdadeiro sentido levando-se em conta essa marcas. É por meio delas que se poderá chegar à macrossintaxe do discurso, o que constitui objetivo da Semântica Argumentativa.”*

Nessa área de análise lingüística, destaca-se Ducrot, que defende uma perspectiva integrada da Pragmática, pretendendo conciliar a perspectiva pragmática com a língua. Assim, Ducrot recusa claramente a distinção entre Semântica e Pragmática, entre o sentido do enunciado e a intenção da enunciação. Dentro da concepção integrada da Pragmática, Ducrot apresenta as seguintes propostas fundamentais: a) distinção entre frase e enunciado (e conseqüente distinção entre significação da frase e sentido do enunciado); b) a noção da língua como "instrução"; c) a noção de semântica argumentativa, fundada na existência de significação nos topoi ou lugares do processo argumentativo; d) a noção de "polifonia enunciativa".

Tal autor sustenta que o sentido de um enunciado deve ser entendido como função de combinações possíveis desse enunciado com outros enunciados da língua, isto é, como função de sua orientação argumentativa.

Para o estudioso, o ato lingüístico fundamental é o ato de argumentar, o de orientar outrem, por meio de palavras, a determinada conclusão, fazendo com que o falante, por meio da língua, apareça orientando seu interlocutor a determinada conclusão. O locutor nessa teoria não tem nenhuma realidade psicológica, mas sim puramente semântica, determinada pelo sentido do enunciado, portanto, lingüisticamente constituída. Deste modo, compreender uma enunciação é apreender essas marcas deixadas pela língua.

## 2.2 A argumentatividade da língua

A enunciação, para Ducrot, é um evento, cuja descrição está feita, de certa forma, no interior do próprio enunciado. A situação passa a ser um conceito lingüístico, isto é, a enunciação só inclui da situação aquilo que é lingüisticamente produzido como situação: do ponto de vista lingüístico, não há contexto sem texto.

Entender o sentido de um enunciado como o “retrato” de sua enunciação é admitir que ele implica (mostra) o modo como aquilo que se diz é dito, ou seja, tanto a sua força ilocucionária, como o futuro discursivo que, a partir dele, se abre às conclusões para as quais ele se apresenta como argumento.

Deste modo a língua é dotada de argumentatividade e é permitido negar a existência do discurso neutro. Como apresenta Koch (1981:173), “*se todo enunciado aponta para determinadas conclusões, não há discurso ingênuo, descomprometido; por detrás dele, existe sempre uma ideologia, ainda que a da objetividade*”.

Daí postula-se a existência de um ato ilocucionário fundamental – o de argumentação – que estará subjacente a outros atos de linguagem.

Dentro dessa teoria – Ducrot (1980- apud Koch, 1981:174) – atribui-se às frases uma orientação argumentativa, calculável de acordo com regras explícitas, de tal modo que estas orientações permitem prever o valor argumentativo contido nos enunciados. Isto porque a significação das frases, bem como a dos morfemas que as compõem, contém instruções sobre a maneira como os enunciados devem ser interpretados. Estas instruções são marcadas por certos morfemas ou conectivos que nessa teoria são chamados de operadores argumentativos<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Koch (1981) afirma que tais operadores têm sido alvo de uma série de estudos importantes, na linha da Semântica Argumentativa. Dentre eles, poderíamos destacar os de Ducrot (1972) sobre os operadores *para que, de modo que, porque, pois*; Ducrot e Vogt (1979) sobre o *mas*, Vogt (1977) sobre os operadores de comparação; Vogt (1978) sobre o *porque, pois, já que*; Salomão (1978) e Geraldí (1981) sobre o *se*, Guimarães (1980 e 1981) sobre o *mas* e o *embora*; Anscombe (1975) e Anscombe e Ducrot (1976) sobre o *mas* e as estruturas comparativas; Ducrot et alii (1980) sobre *mas, decididamente, aliás* e outros.

Ressalta de todos os trabalhos citados que os períodos formados por enunciados ligados por meio de operadores argumentativos apresentam as características seguintes:

- a. o emprego desses períodos equivale à realização de duas enunciações sucessivas, ou seja, dois atos de linguagem diferentes;
- b. o que se afirma não é a relação existente entre o conteúdo de dois enunciados, mas sim cada um deles, introduzindo-se o segundo por intermédio de sua relação com o primeiro. Por essa razão, eles

Dentro desse estudo é preciso admitir que existem enunciados cujo traço constitutivo é o de serem empregados para orientar o interlocutor para certos tipos de conclusões.

Argumentar, para Ducrot, significa apresentar A em favor da conclusão C, apresentar A como devendo levar o destinatário a concluir C. Daí decorre a necessidade de incluir na descrição semântica das frases as indicações relativas à sua orientação argumentativa.

Guimarães (1987) e Geraldi (1981) afirmam que a argumentação é uma atividade estruturante do discurso, pois é ela que marca as possibilidades de sua construção e lhe assegura a continuidade. É ela a responsável pelos encadeamentos discursivos, articulando entre si enunciados ou parágrafos, de modo a transformá-los em texto: a progressão do discurso se faz, exatamente, através das articulações da argumentação.

Assim, a argumentação pode ser considerada como importante elemento coesivo.

Se a pressuposição, ao instituir o quadro para o desenvolvimento do discurso, garante-lhe a coerência, a argumentação, ao articular entre si os enunciados, por meio dos operadores argumentativos, estruturando, assim, o discurso enquanto texto, apresenta-se como principal fator, não só de coerência, mas também de coesão, condições básicas da existência de qualquer discurso.

Ducrot e Guimarães afirmam que a argumentatividade não constitui apenas algo acrescentado ao uso lingüístico, ao contrário, está inscrito na própria língua. Deste modo o uso da linguagem é inerentemente argumentativo.

Nessa concepção a própria gramática de uma língua é reconhecida também pelo seu valor retórico ou argumentativo.

Assim, considerando-se como constitutivo de um enunciado o fato de orientar a seqüência do discurso, isto é, de determinar os encadeamentos possíveis com outros enunciados capazes de continuá-lo, faz-se preciso admitir que existem enunciados cujo traço constitutivo é o de serem empregados para orientar o interlocutor para certos tipos de conclusão, com exclusão de outros. Para descrever tais enunciados, torna-se necessário

---

poderiam ser apresentados sob forma de dois períodos (separados por dois-pontos, ponto e vírgula e ponto-final) ou poderiam ser proferidos por locutores diferentes. Para verificar se se trata ou não de proposições autônomas, são utilizados os critérios de: alcance da pergunta, alcance da negação, encadeamento do discurso, extraposição e quantificação.

determinar sua orientação discursiva, ou seja, as conclusões para as quais eles podem servir de argumento.

Dentro desse quadro, considera-se a argumentação como uma questão lingüística, não derivada de condições de verdade ou de seu caráter lógico, mas sim inserida na concepção de enunciação, orientando argumentativamente conteúdos semânticos marcados por regularidades lingüísticas.

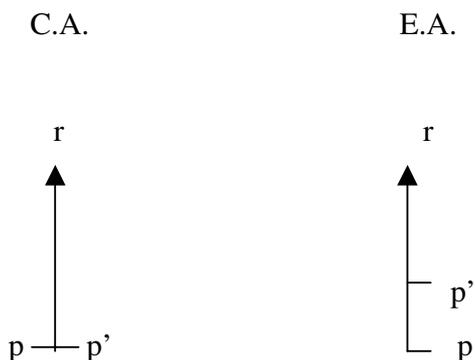
Segundo Ascombe e Ducrot (1976), orientar argumentativamente com um enunciado X é apresentar seu conteúdo A como devendo conduzir o interlocutor a concluir C, ou seja, orientar argumentativamente é dar A como uma razão para se crer em C.

Desenvolveremos ainda os conceitos de classe (C.A.) e escala argumentativas (E.A.), segundo os estudos de Ducrot (1981).

A primeira noção a ser definida é a de classe argumentativa (C.A.). Um locutor – entendido como sujeito falante inserido numa situação de discurso particular – coloca dois enunciados p e p' na classe argumentativa determinada por um enunciado r, se ele acredita que p e p' são argumentos a favor de r. “*Suponhamos, por exemplo, que a vinda de Pedro e Paulo me parecem, tanto uma quanto a outra, autorizar a conclusão ‘A reunião foi um sucesso’.* Neste caso, *dir-se-á que os enunciados ‘Pedro veio e Paulo veio’ pertence à classe argumentativa determinada por ‘A reunião foi um sucesso’.*”

Assim os dois argumentos p e p' de igual força argumentam para uma mesma conclusão r.

No entanto, se um locutor coloca p e p' na C.A. determinada por r, sendo p' um argumento superior a p em relação a r, comportando tal relação de ordem/importância, então tem-se uma escala argumentativa (E.A.). Exemplificando, dizer que “Paulo quer ser prefeito e mesmo presidente”, pressupõe-se que certa conclusão (Paulo é ambicioso) pode ser autorizada por esses dois títulos simultaneamente, e mais pelo segundo que pelo primeiro.



Por fim, é relevante elucidar que a relação conclusiva é caracterizada como uma relação argumentativa tal que, em construções *x logo y*, o locutor apresenta o conteúdo A de x como argumento para o conteúdo C de y. Assim percebe-se que a teoria argumentativa passa por duas fases até aqui apresentadas: uma em que a relação argumentativa se dá por meio de enunciados (o enunciado A conduz ao enunciado-conclusão C) e outra em que a relação argumentativa se estabelece por meio do conteúdo dos enunciados (o conteúdo A do enunciado x é argumento para o conteúdo C de y).

### 2.2.1 Semântica Argumentativa no Brasil: Carlos Vogt

Para Vogt, tudo na língua é comparação ou, pelo menos, muita coisa – muito mais do que se pensa, já que tudo é posto em relação: os termos comparados, as qualidades, os enunciados, os interlocutores, etc.

O que Vogt procura mostrar em sua obra “O intervalo semântico” é que formas lingüísticas do enunciado comparativo realizam, fundamentalmente, um tipo de comparação caracterizada como meio de orientar argumentativamente. Assim, a significação do enunciado residiria menos no que ele diz, do que na orientação que dá à seqüência do discurso.

É entendido aqui como intervalo semântico “as relações entre locutor e destinatário que constituem o próprio sentido de nossos enunciados, e que lhes dão uma organização comparativa”.(Vogt, 1977)

“É no intervalo entre a língua e a fala, entre a competência e a performance, entre o enunciado e a enunciação, que estes marcadores de subjetividade habitam, pondo em xeque a rigidez destas dicotomias e criando sobre a barra (/) do silêncio lógico os túneis de passagem dos murmúrios da história.” (Vogt, 1977)

Nesse intervalo a linguagem é atividade e é nele que o Homem a possui e é possuído, pois ela deixa marcas e orienta o discurso.

Para Vogt, o comparativo representa uma estrutura privilegiada desse intervalo, onde se tem a intuição de que a comparação guarda, de alguma forma, um julgamento que situa o Homem diante do mundo, e não só expressa graus e medidas.

Nesta obra, Vogt afirma que a língua reserva, na rigidez do sistema, espaços de subjetividade. Deste modo, a pressuposição, os pronomes pessoais, os performativos, as marcas de apreciação são elementos que não podem ser compreendidos senão como a criação de uma orientação do discurso.

De certa forma, este estudo contribui no sentido da constituição de um componente pragmático na descrição lingüística, mas concebendo-o não isoladamente do resto da análise, e sim integrado aos componentes sintático e semântico.

O livro segue fazendo análises dos operadores argumentativos *mesmo*, *ainda*, *também* e outros e ainda apresenta o trabalho consistente sobre a comparação, parte que é mais estudada no decorrer da obra.

Assim, trataremos resumidamente dos estudos de Vogt sobre a comparação, em que os adjetivos são apresentados em dois grupos: os dependentes que, como o próprio nome diz, dependem da orientação dada pelos termos comparado e comparante, como os adjetivos quente e frio que para serem utilizados com coerência é necessário saber se os termos são orientados para uma dessas duas escalas; por exemplo, sopa e café são orientados para quente, assim como cerveja e coca-cola são para frio. Já os independentes, independem dos termos comparados, como em *João é mais/menos inteligente/burro que Pedro*, em que os termos comparados *João* e *Pedro* não são orientados para os adjetivos *inteligente* e *burro*.

Sobre o par de adjetivos dependentes, como *quente/frio* em *O café está mais quente que a sopa*, Vogt afirma:

1)A comparação é uma estrutura que semanticamente se analisa sempre em termos de tema (*café*) e comentário (*sopa*);

2)O comentário sempre se apresenta como um argumento “em favor” do tema, ou seja, se a sopa está morna e, por isso não tão gostosa, dizer que o café está mais quente é um julgamento em favor do tema;

3)O tema e o comentário são permutáveis do ponto de vista sintático, mas não do ponto de vista argumentativo, isto é, se B é um argumento favorável a A, então A é um argumento desfavorável a B;

4)Tal particularidade dá à comparação um caráter argumentativo por excelência, pois, como já observou Sapir (1969), o problema do grau não pode ser analisado em termos de informação objetiva, isto é, em termos de medida, e sim de orientação.

5)Dada, então, uma estrutura do tipo:

A é (está) mais X que B

A é (está) menos X que B

A é (está) tão X quanto B

é necessário ainda levar em conta o tipo de propriedade que virá preencher a variável X, pois supõe-se que se as variáveis A e B são preenchidas respectivamente por *café* e *sopa*, não podemos preencher X com o adjetivo *macio*, pois os itens A e B já orientam argumentativamente para determinadas direções;

6)No caso da oposição *quente/frio*, estes adjetivos dependem ainda, para a distribuição marcado/não-marcado, do preenchimento das variáveis A e B, isto é, dos elementos comparados quanto à propriedade. Se A e B são elementos catalogados como *quentes*, então *quente* é o termo positivo da oposição e conseqüentemente o termo não-marcado, isto é, que pode ser utilizado por toda a escala, e *frio* é o termo marcado; se A e B, ao contrário, são catalogados como normalmente *frios*, então *frio* é o termo positivo da oposição e conseqüentemente o termo não-marcado, enquanto *quente* é o termo marcado;

7)Em virtude desta flutuação é possível usar o adjetivo *frio*, quando A e B são catalogados *quentes*, como não-marcado, e o adjetivo *quente*, como não-marcado, quando A e B são catalogados *frios*, no comparativo de superioridade. *Frio* e *quente* correspondem neste caso a expressões verbais como *esfriar a sopa*, *esquentar a cerveja* que significam

um processo de gradação equivalente a *tornar a sopa menos quente e tornar a cerveja menos gelada* e não, absolutamente, *tornar a sopa fria e tornar a cerveja quente*;

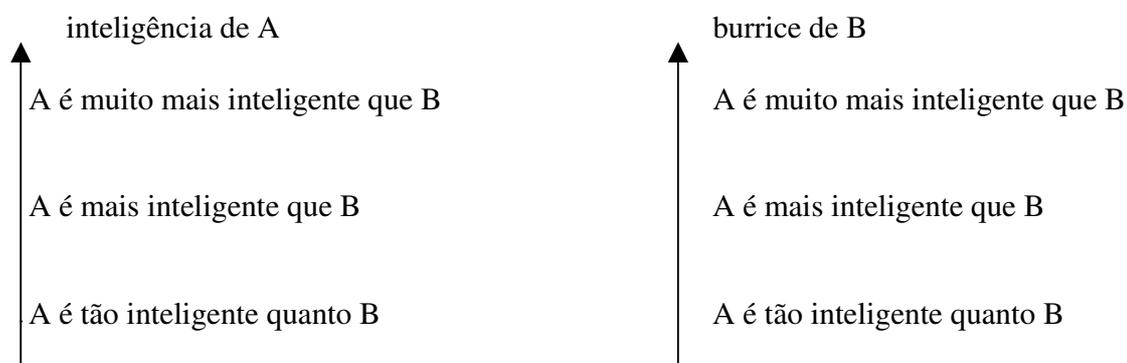
8) Nem o comparativo de inferioridade, nem o de igualdade, admitem, dependendo dos elementos comparados A e B, *quente* ou *frio* como não-marcado;

9) Deste modo, pode-se ainda falar em termos de marcado e não-marcado para a oposição *quente/frio*, desde que antes se levem em conta os elementos que vão preencher as variáveis A e B;

10) Tal análise vale também para os outros pares de oposição cujos adjetivos não podem receber o traço positivo e negativo antes do preenchimento das variáveis A e B. É o caso, por exemplo, da oposição *velho/novo, grande/pequeno*;

11) Uma vez que este tipo de adjetivo depende não só da estrutura argumentativa para realizar o seu valor de argumentação como também dos termos comparados, Vogt propõe que os chamemos de *adjetivos dependentes do ponto de vista argumentativo*, para distingui-los de adjetivos como *inteligente/burro, corajoso/covarde*, etc., que não apenas independem dos termos comparados como também determinam a possibilidade de realização ou não da estrutura argumentativa em que ocorrem. Propondo chamá-los de *adjetivos argumentativamente independentes*, apresentaremos uma importante afirmação do autor.

Ao dizer *Pedro é tão inteligente quanto João* o enunciado se torna ambíguo quanto a relação tema/comentário, de tal forma que pode tanto construir um julgamento favorável à inteligência de Pedro e, neste caso, o argumento é favorável a inteligência de João, como um julgamento desfavorável à inteligência de João e, neste caso, o argumento é a burrice de Pedro. Verifica-se melhor tal relação no seguinte gráfico, em que aparecem uma mesma ordem escalar, porém orientada argumentativamente diferente nos dois casos:



Essa ambigüidade argumentativa é quebrada se no enunciado aparece algum operador argumentativo que já indicaria a orientação a seguir. Veja:

*Até/Mesmo Pedro é tão inteligente quanto João.*

Ao utilizarmos tais partículas o enunciado perde sua ambigüidade e ganha uma só direção argumentativa: julgamento sobre a burrice de João com base no argumento desfavorável sobre a inteligência de Pedro.

Vogt passa no final desse capítulo a caracterizar a noção de marca, já que caracterizou ao longo de seu trabalho *inteligente* e *quente* como não-marcados (aqueles que apresentam ambigüidade quanto à orientação argumentativa) e *burro* e *frio* como marcados (não apresentam *ambigüidade*). Porém é necessário deixar claro que para um termo ser classificado como marcado ou não-marcado, deve-se considerar a situação argumentativa para determinar o valor semântico do enunciado, já que essas categorias não são fixas. Basta pensar numa situação em que a característica de ser burro é favorável, como na escolha de um testa de ferro na direção de uma empresa, em que o enunciado *Pedro é tão burro quanto João* gera ambigüidade e *burro* passa a ser o termo marcado.

Vejam a noção de marca:

1) A noção de marca nos adjetivos independentes é dada pelo próprio adjetivo e não depende dos elementos comparado e comparante. Por exemplo, no par *inteligente/burro*, o adjetivo positivo *inteligente* é não-marcado, pois realiza todas as possibilidades lógicas. Observe:

Consideremos os seguintes enunciados com a ocorrência do adjetivo *inteligente*:

*Pedro é tão inteligente quanto João.*(1)

*Pedro é mais inteligente que João.* (2)

*Pedro é menos inteligente que João.*(3)

Logicamente temos as seguintes situações:

(1) a – Se B (João) é X (inteligente)  $\longrightarrow$  A (Pedro) é X

b – Se B é  $\sim$ X  $\longrightarrow$  A é  $\sim$ X

(2) a – Se B é X  $\longrightarrow$  A é X

b – Se B é  $\sim$ X  $\longrightarrow$  A é X ou  $\sim$ X

(3) a – Se B é X  $\longrightarrow$  A é X ou  $\sim$ X

b – Se B é  $\sim$ X  $\longrightarrow$  A é X

Não é difícil de verificar que, linguisticamente, todas estas possibilidades se realizam:

(1) a - Pedro é tão inteligente quanto João, por isso ambos podem resolver o problema.

b - Pedro é tão inteligente quanto João, mas ambos são poucos dotados.

(2) a – Pedro é mais inteligente que João, por isso também conseguirá resolver o problema.

b - Pedro é mais inteligente que João, mas é também medíocre.

(3) a – Pedro é menos inteligente que João, mas é talentoso.

b - Pedro é menos inteligente que João, portanto não resolverá o problema que o outro não resolveu.

Com o adjetivo oposto, *burro*:

*Pedro é tão burro quanto João.*(1')

*Pedro é mais burro que João.* (2')

*Pedro é menos burro que João.*(3')

Logicamente temos as seguintes situações:

(1') a – Se B (João) é X (burro  $\longrightarrow$  A (Pedro) é X

b – Se B é  $\sim$ X  $\longrightarrow$  A é  $\sim$ X

(2') a – Se B é X  $\longrightarrow$  A é X ou  $\sim$ X

b – Se B é  $\sim$ X  $\longrightarrow$  A é  $\sim$ X

(3') a – Se B é X  $\longrightarrow$  A é X

b – Se B é  $\sim$ X  $\longrightarrow$  (b') A é X ou (b'') A é  $\sim$ X

Entretanto, do ponto de vista lingüístico, as coisas se passam de maneira diversa. Na verdade, o adjetivo *burro* não permite senão a efetivação da possibilidade b), de cada

enunciado, e ainda no caso do comparativo de inferioridade, isto é, no enunciado (3'), apenas (b'') é realizado lingüisticamente.

Os enunciados abaixo ilustram o exposto acima:

- (1') a - Pedro é tão burro quanto João, mas ambos são talentosos.  
b - Pedro é tão burro quanto João, por isso também não vai conseguir resolver o problema.
- (2') a - Pedro é mais burro que João, por isso talvez consiga resolver o problema.  
b - Pedro é mais burro que João, por isso também não conseguirá resolver o problema.
- (3') a - Pedro é menos burro que João, mas ambos são inteligentes.  
b' - Pedro é menos burro que João, logo, ele é talentoso.  
b'' - Pedro é menos burro que João, talvez ele consiga resolver o problema.

2) Por termo não-marcado da oposição entende-se aquele que, dada a estrutura geral da comparação (A e \* X \* B, onde \* são os operadores da comparação), que é argumentativamente ambígua, ao preencher a variável X, mantém esta ambigüidade. O adjetivo não-marcado *inteligente* gera ambigüidade. Veja:

*Pedro é tão inteligente quanto João,*

pode constituir-se como: a)um argumento favorável a Pedro;

b)um argumento desfavorável a João.

No caso a), a inteligência de Pedro é o tema e João é dado como comentário; no caso b), o tema é a burrice de João e o comentário é a inteligência de Pedro.

3) Por termo marcado da oposição entende-se aquele que, ao preencher a variável X, desfaz esta ambigüidade argumentativa, situando a comparação na zona negativa da escala;

(1) *Pedro é até mesmo tão inteligente quanto João.*

(2) *Pedro é até mesmo tão burro quanto João.*

Em (1) o que se vê é a confirmação da ausência de marca no adjetivo *inteligente* que tanto pode ser usado como argumento para a inteligência de Pedro como para a burrice de João, tornando o enunciado ambíguo; enquanto que o adjetivo *burro* não pode senão ser utilizado como argumento para a burrice de Pedro e João, desfazendo-se assim a ambigüidade.

4) A diferença fundamental entre os adjetivos argumentativamente independentes (como *inteligente/burro*) e os adjetivos argumentativamente dependentes (como *quente/frio*) está, então, em que, ao contrário dos primeiros, estes são insuficientes em si mesmos quando preenchem a variável X para manter ou desfazer a sua ambigüidade, isto é, é necessário primeiro, para que isto ocorra, que os elementos A e B sejam preenchidos.

5) O termo positivo ou não-marcado da oposição pode ser ainda definido como aquele que permite argumentar com o positivo e/ou negativo, e o termo negativo ou marcado pode ser definido como o termo que não permite argumentar senão com o negativo.

As observações de Vogt sobre a comparação põem em cena a teoria de Ducrot sobre topos argumentativo, visto que na comparação são inseridos itens lexicais (adjetivos) que por si próprios já denotam uma escala gradual – o que também será afirmado na teoria ducrotiana.

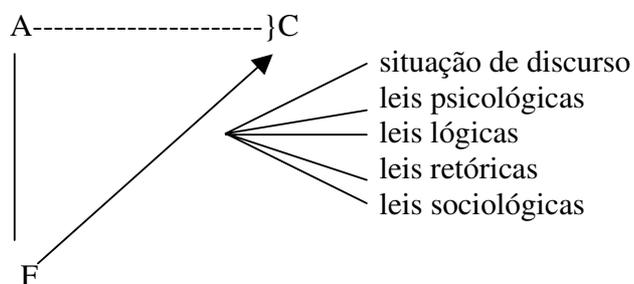
Ainda é pertinente ressaltar que essa teoria coloca sempre dois lexemas em comparação numa escala, como veremos a seguir com mais detalhes.

### **2.2.2 Argumentação e “Topos” Argumentativo**

Antes de Ascombe e Ducrot formularem que a argumentação está na língua e introduzirem a noção de topos argumentativo, este último esboça o que ele denominou de concepção tradicional da argumentação – à qual se opunha.

Tal concepção afirma que um sujeito falante produz o enunciado A como argumento para a conclusão C, mostrando o movimento argumentativo de duas entidades que se supõe independentes. Por um lado o enunciado-argumento A deve indicar um certo fato – representação da realidade – que pode ser real ou falso, validado ou invalidado,

independente da intenção de dele concluir C. Por outro o sujeito falante deve supor que este fato F implica a verdade e a validade de C.



Nessa concepção, a língua não desempenha um papel essencial na argumentação, somente fornece os conectivos que assinalam uma relação argumentativa entre A e C. O movimento argumentativo é explicado pela situação do discurso e pelos princípios lógicos, psicológicos, retóricos, sociológicos, etc.

Ducrot recusa tal esquema, pois duplas de frases podem enunciar um mesmo fato F com pares de enunciados semelhantes sem autorizar a mesma conclusão, mesmo sendo idêntica a situação do discurso. Veja:

- (a) Pedro estudou pouco.
- (b) Pedro estudou um pouco.

Ao enunciar (a) e (b), é sempre o mesmo conteúdo factual que se comunica. Se (a) é verdadeiro, (b) também o é. Apesar disso a escolha de (a) e (b) correspondem a orientações argumentativas totalmente diferentes, ou seja, (a) e (b) não servem, num primeiro momento, para orientar para a mesma conclusão, pois (a) pode levar à conclusão *Pedro não será aprovado no exame* e (b) conduz à conclusão *Pedro será aprovado no exame*. Deste modo a orientação argumentativa está diretamente ligada à frase e não simplesmente ao fato que a frase inscreve. Daí afirma-se que a argumentação está nas frases e, portanto, na língua.

Ducrot (1989) afirma que “a significação de certas frases contém instruções que determinam a intenção argumentativa a ser atribuída a seus enunciados: a frase indica como se pode, e como não se pode argumentar a partir de seus enunciados”.(Ducrot, 1989: 18)

Voltando aos exemplos (a) e (b) para verificar que ambas podem levar agora a uma mesma conclusão “Pedro será aprovado no exame”. Tudo depende do que se considera como a melhor razão para o êxito: se se pensa que o estudo leva ao êxito, toma-se (b) como argumento. Se se pensa que ele leva ao fracasso (porque ele cansa, enerva...) o argumento será (a).

*“O problema geral é que as possibilidades da argumentação não dependem somente dos enunciados tomados por argumentos e conclusões, mas também dos princípios dos quais se servem para colocá-los em relação”.*(Ducrot, 1989: 21)

Ducrot formula sua teoria da argumentação que não se restringe aos enunciados em sua totalidade, mas aos elementos semânticos que constituem seu sentido. Assim, o enunciado E contém um elemento semântico *e* que possui um valor argumentativo. Tal afirmação é verdadeira se o enunciado E satisfaz três condições:

- 1) *e* é um conteúdo no sentido de E;
- 2) *e* é considerado, na enunciação de E, como uma justificação para uma certa conclusão *r*. Esta conclusão pode estar explícita ou implícita. Ela é explícita se é expressa por um enunciado C encadeado a E (a). Do contrário, ela é implícita (b). Por outro lado, *r* pode ou não ser levado em conta pelo locutor (c).

*a) O tempo está bom (E). Vamos passear (C).*

o elemento *e* representa o bom tempo, afirmado em E. A conclusão *r*, explicitada em C, é levada em conta.

b) X: Você quer ver este filme?

Y: Eu já o vi.

a resposta de Y indica um fato que, como tal, é suficiente para apoiar uma conclusão negativa que não é explicitada.

c) Imaginemos que Y, no diálogo anterior, tenha respondido “eu já o vi, mas terei prazer em revê-lo”. Neste enunciado reencontra-se o mesmo elemento *e* do diálogo precedente (“*e*=o fato de Y já ter visto o filme”). E, por outro lado, *e* é ainda argumentativamente orientado para *r*, ou seja, para a refutação da proposição (“*p* mas *q*”

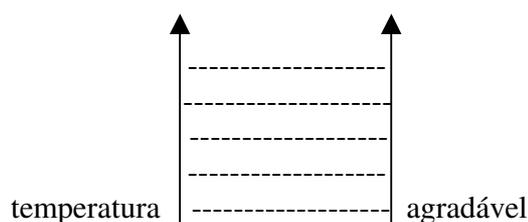
implica que *p* veicula um conteúdo dirigido para uma certa conclusão, que *q* veicula um conteúdo dirigido para a conclusão inversa e que o locutor conclui, no discurso que ele sustenta, a partir de *q* e não de *p*). A diferença essencial entre os dois diálogos é que, no segundo, o locutor, admitindo a orientação de *e* para *r*, recusa levar em conta esta conclusão. Pode-se dizer que a conclusão *r* é ao mesmo tempo implícita e não levada em conta.

3) Para que *e* possua o que se chama um valor argumentativo, uma terceira condição deve ser preenchida. A orientação de *e* para *r* deve estar fundamentada em um princípio argumentativo denominado por Ducrot de “topos” - uma “garantia” que autoriza a passagem de *A* a *C* - que apresenta, ao menos, três propriedades: universalidade, generalidade e gradualidade.

O princípio da universalidade - que é suposta e pretendida - se concretiza na medida em que uma comunidade lingüística admite partilhá-lo, à qual pertençam pelo menos aquele que realiza a orientação argumentativa - enunciador - e aquele a quem ela é proposta - destinatário. Como exemplo, usaremos o encadeamento “O tempo está bom; vamos à praia”. Não seria possível apresentar o calor como justificativa para ir à praia se não se supusesse que a pessoa a quem se fala a admite.

O segundo princípio - o da generalidade - decorre do primeiro e deve ser considerado válido não só na situação a qual é aplicado, mas também em um grande número de situações análogas. No exemplo anterior, o movimento argumentativo supõe que não somente no momento em que se fala, mas sempre, o calor torna a praia agradável.

O princípio da gradualidade entende que a passagem do conteúdo *e* para a conclusão *r* estabeleça duas escalas graduais, entre as quais haja uma correspondência, de modo que o sentido na qual se percorre uma, implica um certo sentido para o percurso da outra. Por exemplo, neste caso, quanto mais se sobe uma escala, mais se sobe a outra. Voltando ao exemplo “Está fazendo calor; vamos à praia”, interpreta-se o mesmo com o topos “o calor torna a praia agradável”. Tal topos coloca em relação gradual as escalas da temperatura e do agradável (Quanto mais calor, mais agradável é a praia.).



Ducrot ainda mostra em sua teoria sobre a gradualidade do topos uma distinção para topos e formas tópicas. Para ele todo topos tem duas formas tópicas equivalentes. Suponhamos que o locutor utilizou-se do topos gradual “o estudo leva ao êxito”, nele há uma escala crescente de trabalho e crescente de êxito, denominada forma tópica 1 (+trabalho/+êxito) e uma escala decrescente de trabalho e decrescente de êxito, denominada forma tópica 2 (-trabalho/-êxito), ambas sendo equivalentes, não podendo se admitir uma e recusar a outra, sendo possível a substituição de uma pela outra sem apresentar caráter ilógico.

Deste modo, cada topos pode aparecer sob duas formas tópicas. Assim, um topos dito concordante, que fixa para suas escalas P e Q o mesmo sentido de percurso, pode aparecer sob as formas : “+P, +Q” e “-P, -Q”. Do mesmo modo, um topos discordante, que atribua a P e Q sentidos de percurso opostos, pode se apresentar sob duas formas: “+P, -Q” e “-P,+Q”.

É possível ainda multiplicar por dois o número de formas tópicas construídas a partir de P e Q. Basta inverter as escalas: a uma FT “-P, -Q” corresponde, por exemplo, uma recíproca “-Q, -P”. Porém essa inversão não leva a uma equivalência, transformando profundamente o topos ou gerando um novo topos. Vejamos:

Se tomarmos a FT “Quanto mais trabalho, mais êxito” (+T +E) que aparece nas situações descritas acima e invertê-la, teremos (+E +T), ou seja, “Quanto mais êxito, mais trabalho”. Essa inversão só será entendida em outra situação enunciativa, em que, por exemplo, um advogado em seu trabalho está tendo cada vez mais sucesso, êxito em suas causas e por isso está se tornando muito conhecido no meio e procurado por muitos interessados que sabem que ele sempre obtém êxito em seu trabalho, assim quanto mais ele tem êxito em suas causas judiciais, mais ele consegue cliente e trabalho.

Verifica-se, portanto, que a distribuição do topos geralmente leva a situações enunciativas e conclusões diferentes.

À escolha do topoi e da forma tópica acrescenta-se, enfim, no momento em que há um encadeamento argumentativo, a decisão de utilizar a FT para uma conclusão determinada. Nesse caso, o locutor apresenta ainda um enunciador que, apoiando-se sobre os precedentes, explora a forma tópica para um objetivo particular. Há necessidade de distinguir esse enunciador conclusivo daquele que simplesmente aplica a FT, porque o locutor pode ter, perante eles, atitudes diferentes. Isso é observado claramente nas seqüências discursivas do tipo “Faz calor, mas eu estou cansado”. O primeiro segmento deste enunciado mostra um enunciador que aplica à situação a FT “Mais calor, mais agradabilidade” (supondo que o enunciado global seja, por exemplo, utilizado para recusar uma proposição de ir à praia), e o locutor lhe dá seu consentimento. Porém, o locutor põe em cena outro enunciador – ao qual, desta vez, ele se opõe – que explora essa FT para sugerir uma conclusão (o banho) recusada pela argumentação contida no segundo segmento.

Finaliza-se deste modo a descrição dessa terceira fase na teoria da argumentação proposta por Ducrot. Passaremos a seguir a apresentar a teoria polifônica da enunciação que auxilia e se encaixa nas análises argumentativas feitas até aqui.

### **2.2.3 A teoria polifônica proposta por Ducrot (1987)**

Antes de apresentar a teoria polifônica de Ducrot, é pertinente discutir o termo *enunciação*, que pode ser compreendido a partir de três concepções:

- 1) pode designar a atividade psico-fisiológica, juntamente com o jogo de influências sociais que a condiciona, ocorrida no momento de produção do enunciado;
- 2) pode ser entendida como o produto da atividade do sujeito falante, ou seja, pode ser entendida como o enunciado proposto por Ducrot;
- 3) pode ser considerada como o acontecimento construído pelo aparecimento de um enunciado, sendo essa última definição proposta por Ducrot que afirma que “*a realização de um enunciado é de fato um acontecimento histórico: é dado existência a alguma coisa que não existia antes de falar e não existirá depois. É essa aparição momentânea que chamo ‘enunciação’*”. (Ducrot, 1987:168)

Dentro da teoria da enunciação, distinguem-se frase e enunciado. O primeiro é entendido como o objeto teórico, que não pertence ao domínio do observável. O segundo é aquele que pode ser observado, considerado como a manifestação particular de uma frase.

Deste modo, o enunciado é definido como um fragmento de discurso, já a frase é vista como entidade abstrata suscetível de ser manifestada por uma infinidade de enunciados.

Ducrot chama de significação da frase sua caracterização semântica e, sentido do enunciado, a caracterização semântica do enunciado.

É o sentido do enunciado que dá a descrição da enunciação, entendida como as indicações argumentativas e ilocutórias da linguagem e, ainda, como as indicações, que o enunciado apresenta, no seu próprio sentido, sobre o(s) autor(es) eventual(ais) da enunciação.

Deste modo, dizer que um enunciado, segundo a filosofia da linguagem, possui uma força ilocutória é o mesmo que atribuir a sua enunciação um poder jurídico. “*Utilizando um enunciado interrogativo, pretende-se obrigar, pela própria fala, a pessoa a quem se dirige a adotar um comportamento particular, o de responder e, do mesmo modo, pretende-se incitá-lo a agir de uma certa maneira, se se recorre ao imperativo, etc.*” (Ducrot, 1987:163).

Finalizando esta apresentação da teoria polifônica formulada por Ducrot verifica-se que é o enunciado que mostra a enunciação e assinala, em sua enunciação, a sobreposição de vozes.

Afirmando que o enunciado apresenta a sobreposição de vozes, Ducrot questiona a unicidade do sujeito.

A unicidade do sujeito não seria questionada se todos os enunciados se apresentassem como “*Na semana passada, eu estava em Paris*” para responder à pergunta “*Onde você estava na semana passada?*”, pois nele, facilmente, encontramos as três propriedades constitutivas do sujeito falante, pois L é o indivíduo a quem a pergunta é endereçada e que articula a resposta, é designado por *eu* e assume a responsabilidade do ato de afirmação presente no enunciado.

Mas a tese da unicidade do sujeito começa a ser contestada em enunciados mais complexos como quando L, a quem se censurou por ter cometido um erro, retruca: “*Ah! Eu*

*sou um imbecil: você não perde por esperar!*”. L, nesse enunciado, ainda é o produtor das palavras, é ainda designado por *eu*, é responsável pelo primeiro ato de afirmação do enunciado, apesar de ele ser atribuído ao ponto de vista de seu interlocutor.

Locutor é definido por Ducrot como responsável pelo enunciado, é referido pelo pronome *eu* e outras marcas de primeira pessoa e ainda é distinguido do sujeito falante, já que aquele é ser do discurso e este, ser empírico, psicológico.

Há nas formulações de Ducrot dois tipos de locutores: um *locutor enquanto tal* (L) e outro *locutor enquanto ser do mundo* ( $\lambda$ ). L é apresentado pelo enunciado como o responsável pela enunciação, pertence ao comentário da enunciação e  $\lambda$  é apresentado pelo enunciado como uma pessoa “completa” que possui, entre outras propriedades a de ser a origem do enunciado, pertence à descrição do mundo.

Podem ainda aparecer, no sentido do enunciado, vozes que não são as de um locutor. Essas vozes são atribuídas a enunciadores, que se expressam através da enunciação sem que se utilizem palavras precisas. Os enunciadores falam no sentido da enunciação, expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude e não suas palavras.

Ducrot compara a dupla locutor/enunciador à dupla autor + ator/personagem na linguagem teatral e, na teoria narrativa apresentada por Genette (1972 – apud Ducrot 1987: 195), o locutor é associado ao narrador, o produtor efetivo externo ao sentido do enunciado é comparado ao autor e, por fim, o enunciador corresponde ao que Genette denomina “Centro de perspectiva”, ou seja, a pessoa de cujo ponto de vista são apresentados os acontecimentos. Genette diferencia narrador de “Centro de perspectiva” afirmando que aquele é quem fala e este é quem vê.

*“O locutor apresenta uma enunciação de que se declara responsável – como exprimindo atitudes de que pode recusar a responsabilidade. O locutor fala no sentido em que o narrador relata, ou seja, ele é dado como fonte de um discurso. Mas as atitudes expressas neste discurso podem ser atribuídas a enunciadores de que se distancia – como os pontos de vista manifestados na narrativa podem ser sujeitos de consciência estranhos ao narrador. (...) enunciador e centro de perspectiva servem para fazer aparecer no enunciado um sujeito diferente não somente daquele que fala de fato, (sujeito falante/romancista), mas também daquele de que se diz que fala (locutor/narrador).”*  
(Ducrot, 1987: 196-197)

Ressalta Ducrot que existem determinados morfemas e, portanto, frases, que favorecem ou mesmo impõem a leitura polifônica.

a) *Segundo (diz) x*: em seguida a enunciados como “*Segundo diz Pedro, o tempo vai mudar*”, parece muito mais comum encontrar encadeamento do tipo “*eu vou passear*”, do que “*Ele é mesmo otimista*”.

b) o condicional ou a forma *parece que* impõem a leitura polifônica, quando um jornalista escreve “*Parece que o preço do petróleo vai abaixar*” ou “*O preço do petróleo baixaria brevemente*”, entendem-se os enunciados como reproduzindo a fala de alguém, de modo que eles poderão ser apresentados como argumentos para conclusões do tipo: “*os esforços do governo foram coroados de sucesso*”, mas não para “*ainda há pessoas que acreditam em Papai Noel*”.

c) certos morfemas como *já que, pois*, que permitem numa conversação, retomar algo que acaba de ser dito pelo alocutário, em oposição a outras como *porque, com efeito*, que não o permitem.

A: O tempo está bonito. (E2)

B: Ótimo, vamos sair (E1), já que/pois o tempo está bonito.(E2)

d) a negação: todo enunciado do tipo não-p pode ser descrito como a realização de dois atos ilocucionários: um, que é a afirmação de p por um enunciador E1, que se dirige a um destinatário D1; outro, que consiste na rejeição desta afirmação por um enunciador E2 que se dirige a um destinatário D2. Assim, todo enunciado negativo apresenta-se como uma espécie de diálogo cristalizado: no quadro de uma concepção enunciativa do sentido, o evento enunciativo é representado, no sentido de um enunciado negativo, como o defrontar de dois enunciadores. Nele se faz alusão à asserção real ou virtual de p, por uma personagem diferente do locutor. É por esta razão que o locutor, ao empregar um enunciado do tipo não-p, faz alusão à proposição p que este encerra;

e) morfemas como *mas e embora*, também podem impor ao enunciado uma leitura polifônica. Através deles, o locutor faz falar um enunciador diferente dele, para depois apresentar a sua objeção. É o caso da concordância parcial, quer na argumentação formal, quer na conversa cotidiana.

f) os fenômenos da pressuposição e da ironia, entre outros (Ducrot, 1987).

#### 2.2.4 Considerações Finais

Resumindo tudo que foi apresentado, chega-se a formulações que esboçam as linhas gerais da Semântica Argumentativa proposta por Oswald Ducrot, Ascombre e Carlos Vogt, apesar de analisarem fatos distintos da língua:

1- A língua, vista como um conjunto de frases semanticamente descritas, determina, parcialmente pelo menos, as orientações e valores argumentativos apresentados no discurso. Esta é a tese fundamental da “teoria da argumentação na língua”.

2- Esta determinação frásica da argumentatividade produz-se particularmente através de operadores argumentativos;

3- Todo ato de argumentação e, mais geralmente, toda orientação argumentativa de um elemento semântico implica que sejam convocados topoi graduais;

4- Cada topos tem duas formas recíprocas e equivalentes, uma forma “Quanto mais...” e uma forma “Quanto menos...”;

5- Os operadores argumentativos impõem condições sobre as formas tópicas mobilizadas;

6- Não se pode utilizar uma língua – na medida pelo menos em que ela comporta operadores argumentativos – senão se se tem a sua disposição e se se pressupõe topoi;

7- Ainda que a utilização da língua exija que se disponha de topoi, a língua não determina o conteúdo específico destes topoi. Dito de outra forma, a mesma língua pode ser utilizada por coletividades que admitem topoi contrários (não é, aliás, raro que uma mesma coletividade possua topoi contrários). O que é necessário é a existência de topoi reconhecidos pela coletividade. Caso contrário parece-me impossível utilizar expressões como “Pedro trabalhou pouco/um pouco”, “São somente 8 horas...” etc;

8- Segundo Vogt, muito da língua é comparação, pois estabelecemos relações entre os termos comparados, os interlocutores, os enunciados, etc., construindo, assim, o intervalo semântico;

9- A comparação orienta argumentativamente, pois, mesmo na comparação de igualdade, a enunciação indica sempre o tema da oração comparativa como o favorecido. Exemplo: João é tão alto quanto Pedro. Nesse exemplo, embora João e Pedro tenham a mesma altura, prefere-se que João realize alguma ação, já que ele é o tema da oração;

10- Resumindo comparação, temos:

- o comparativo dá a escala (isto é, quais enunciados são mais fortes);
- o adjetivo dá a zona (isto é, uma apreciação sobre A e B, no caso do adjetivo marcado);
- *mesmo, até, até mesmo* dão a indicação do tema e comentário e a indicação de que o comentário tem mais força argumentativa.

## Capítulo II

### 3 A articulação de orações no português escrito do Brasil: a junção conclusiva

#### 3.1 A articulação de orações

Para o que será exposto, faz-se necessário, primeiramente, um maior detalhamento sobre o que se vem denominando de articulação de orações.

De acordo com o tratamento que a abordagem tradicional dá a este tópico, a articulação de orações pode ser realizada de duas maneiras: justaposição e conexão.

A articulação de orações por justaposição é feita por meio de pausas entonacionais, representadas no texto escrito por vírgulas (,), pontos (:) e ponto-e-vírgula (;).

*“Não fui à festa do seu aniversário: não me convidaram.”*

A ligação dessas duas orações foi realizada por meio de uma pausa marcada na escrita por dois-pontos (:). No nível sintático a relação entre as duas orações não é marcada, porém depreendemos uma subordinação causal. Este tipo de construção também é chamada de assindética e segundo Said Ali (1931) *“é feita por concisão ou elegância de estilo, quando se pode contar com a inteligência do ouvinte para perceber o sentido sem a partícula”*.

Assim, para deixar clara a intenção do locutor, prefere-se articular orações por meio de partículas que funcionam como elo (conexão). São elas as conjunções, que além de elo, servem à linguagem para evitar que duas orações se apresentem como iniciais, dando a uma das orações o caráter de seqüente e assinalando a relação lógica que a seqüente tem com a inicial.

Darei a seguir visões tradicionais de como as conjunções são descritas por alguns gramáticos.

*“É a expressão que liga orações ou, dentro da mesma oração, palavras que tenham o mesmo valor.”* (BECHARA,1966:194)

*“A conjunção é geralmente tida por uma palavra invariável que serve para ligar orações.”*  
(SAID ALI, 1931:218)

*“Conjunções são palavras que relacionam entre si:*

*a) dois elementos de mesma natureza (substantivo + substantivo, adjetivo + adjetivo, advérbio + advérbio, oração + oração)*

*b) duas orações de natureza diversa, das quais a que começa pela conjunção completa a outra ou lhe junta uma determinação.”* (LIMA, 1915:160)

*“Conjunções são vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração.”* (CUNHA & CINTRA, 1985:565)

Em meio a tantas abordagens, conclui-se que conjunções são vocábulos invariáveis que ora ligam termos de mesma natureza,

*“A maré e o tempo não esperam por ninguém.”*

ora ligam orações.

*“Paulo bebe e fuma.”*

*“É necessário que você parta agora.”*

As conjunções são divididas em coordenativas e subordinativas.

*“As conjunções que relacionam termos ou orações de idêntica função gramatical têm o nome de coordenativas.*

*Ex: “ Ou você trabalha, ou você estuda.”* (CUNHA & CINTRA, 1985: 565)

*“Denominam-se subordinativas as conjunções que ligam duas orações, uma das quais determina ou completa o sentido da outra.*

*Ex: “É necessário que você trabalhe.”*(idem)

Koch (1995:9), sobre as perspectivas tradicionais de articulação de orações, apresenta as orações coordenadas como independentes, visto que não há encaixamento no interior da matriz, não desempenhando papel sintático umas dentro das outras, embora unidas num mesmo período; e as subordinadas como orações que se encaixam no interior

de uma matriz, desempenhando a função sintática do constituinte no lugar do qual se opera a inserção.

Tendo visto a junção de orações sob as perspectivas tradicionais, resta-nos verificar esse tópico em abordagens lingüísticas.

Mateus *et al* (1983) encaram a articulação de orações como um processo de coesão textual, pois “todos os processos de seqüencialização asseguram uma ligação lingüística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície do texto.”

A conectividade seqüencial para esta autora é dividida em mecanismos lingüísticos:

- Coesão Gramatical:

- coesão frásica;
- coesão interfrásica;
- coesão temporal;
- coesão referencial;

- Coesão Lexical.

Dentre esses tipos de coesão, o que nos interessa nesta pesquisa, é a coesão interfrásica, que designa os processos de seqüencialização que exprimem vários tipos de interdependência semântica das frases. Os elementos lingüísticos que assinalam esta junção são os conectores frásicos e as pausas.

*“Ao contrário do que acontece com os conectores lógicos, os conectores lingüísticos podem exprimir vários valores juntivos. Um caso notório é do conector e, que pode exprimir uma conjunção (A cortina ergueu-se devagarinho e a criança loura espreitou.), uma relação causal (Estava mau tempo e decidimos ficar em casa.) e uma implicação formulada na modalidade do não-factual (Não trabalhes agora e depois logo vêes como é.)”.*(MATEUS et al, 1983:138)

As pausas podem também assinalar valores juntivos diferentes.

Nessa perspectiva textual, encontram-se quatro tipos de junção. São elas:

- Conjunção: a compatibilidade é a relação semântica em que se baseia a conjunção. Nesse tipo de junção a ordem de ocorrências textuais pode corresponder a ordem de ocorrência dos fatos.

*Vim, vi e venci.*

- Disjunção: conecta frases seqüencialmente, exprimindo conteúdos alternativos. Os conectores de disjunção podem ser:

- inclusivos: quando as alternativas são compatíveis;

*Queres queijo ou fruta?*

*Quero as duas coisas.*

- exclusivos: quando as alternativas se excluem;

*A esta hora ou estou na faculdade ou estou no centro.*

- Contrajunção: ocorre quando:

- uma situação contrasta com aquilo que sabemos ser o curso normal dos acontecimentos,

*Todos os passageiros do avião morreram, mas o piloto escapou ileso.*

- o curso dos acontecimentos não foi/não é conforme as expectativas de um certo indivíduo;

*Embora não esteja com pachorra para os aturar, eles vêm cá jantar.*

- exprime a não satisfação de condições para que uma situação tenha lugar;

*Apesar de não ter um tostão, João quer comprar um carro.*

- Subordinação: designa o tipo de junção que conecta frases cujos conteúdos proposicionais mantêm entre si uma relação hierárquica de dependência semântica.

As seqüências formadas por este tipo de junção são chamadas condicionais, já que o antecedente pode exprimir a causa ou a razão do estado de coisas descrito pelo conseqüente.

As seqüências condicionais são divididas em:

- factual / real;

- não-factual / hipotética;

- contrafactual / irreal;

Dessas, as orações condicionais factuais são as que mostram a junção conclusiva, razão pela qual somente este tipo de construção será descrito.

As seqüências condicionais factuais - “também designadas causais - caracterizam-se semanticamente pelo fato de os conteúdos proposicionais expressos pelo antecedente e pelo conseqüente deverem ambos estar no mundo real.” (MATEUS et al, 1989:41)

*Pedro não estudou e chumbou no exame.*

*Pedro não estudou, por isso chumbou no exame.*

Koch (1989:62), analisando a junção de orações, afirma que não somente conjunções podem ser responsáveis pela conexão interfrásica. Para ela, advérbios sentenciais e outras palavras de ligação podem também estabelecer entre orações, enunciados ou partes de texto, diversos tipos de relação semântica e/ou pragmática. Sobre os operadores conclusivos, percebe-se que a autora, em seus estudos, encaixa-os numa relação de causalidade - (p porque b). Essa relação de causalidade expressa-se pela conexão de duas orações, uma das quais encerra a causa que acarreta a consequência contida na outra.

*O torcedor gritou demais: então ficou rouco.*

*O torcedor ficou rouco porque gritou demais.*

Nessa abordagem, a junção conclusiva e explicativa, que são separadas nas gramáticas tradicionais, aparecem juntas, mas a conclusiva exprime uma consequência e a explicativa, uma causa.

A junção conclusiva e explicativa são muito próximas tanto no sentido que estabelecem quanto no travamento sintático. Para Garcia (1982:14) esses dois tipos de junção são os que mais se aproximam das conjunções subordinativas por estabelecerem a mais clara relação de mútua dependência entre as orações por elas ligadas. Para esse autor, a junção conclusiva e a explicativa constituem uma falsa coordenação, pois há uma coordenação gramatical mas uma subordinação semântica.

Em um artigo intitulado *A articulação entre orações no texto*, Koch (1995) faz uma retrospectiva sobre esse tema, valendo-se de várias abordagens e autores. Primeiramente Koch relata os tipos de junção oracional vistos por Bally (1932). Para esse autor há três tipos de enunciação que possuem a característica comum de ligar dois termos através de um liame gramatical, provocando uma rigidez crescente: a coordenação, a segmentação e a soldadura.

Segundo o autor, ocorre coordenação semântica entre A e B se e somente se:

- 1) A for uma proposição independente, correspondendo a um ato de enunciação completo que permanece idêntico a si mesmo, que seja ou não seguido de B, comportando, pois, em si mesmo, um tema e um comentário.
- 2) B toma A por tema, apresentando-se como um comentário a ele concernente.

A coordenação semântica distingue-se da sintática por fundamentar-se nos atos de enunciação realizados por ocasião da produção dos enunciados, podendo ocorrer sem qualquer marca gramatical aparente (como, por exemplo, as conjunções ou mesmo quando A e B estiverem ligados por conjunções ditas de subordinação).

Já a junção por soldadura ocorre quando duas orações são produzidas num mesmo ato de enunciação, correspondente a uma única intenção, de tal modo que a primeira não constitui um ato de linguagem acabado, independente da segunda.

A segmentação dá origem a uma única frase, resultante da condensação de duas coordenadas, mas na qual a soldadura é imperfeita, podendo-se, assim, distinguir duas partes, uma com função de tema e outra com função de comentário.

As abordagens funcionalistas e/ou pragmáticas, por sua vez, vêm postulando outros tipos de relações produzidas por meio da articulação de orações; e as abordagens discursivo-textuais vêm mostrando que tais relações se estabelecem quer no interior de um período, quer entre períodos, parágrafos e seqüências textuais, independentemente de sua extensão, dedicando, pois, um lugar de destaque aos sinais de articulação ou articuladores textuais.

Segundo Koch, outra teoria que merece ser lembrada é a *Rhetorical Structure Theory*, desenvolvida por Mann & Thompson (1987, 1988). Os autores oferecem uma descrição funcional de tais relações, quer estejam ou não gramatical ou lexicalmente sinalizadas. A teoria define quatro tipos de objetos: relações, esquemas, aplicação de esquemas e estruturas.

Os esquemas definem a organização estrutural das combinações existentes no texto. São definidos em termos de relações e especificam como porções de texto podem co-ocorrer. Juntamente com as convenções de aplicação de esquemas, determinam as estruturas retóricas de textos possíveis.

As relações definem liames possíveis que podem ocorrer entre duas porções de texto. Estabelecem-se entre porções textuais não sobrepostas, sendo as relações entre elas, na maioria das vezes, assimétricas, constituindo uma, o núcleo, e outra, o satélite.

As relações se dividem em:

- tópicas: de ordem semântica, ideacional, são aquelas cujo efeito pretendido é que o leitor reconheça a relação em questão. As relações tópicas são: elaboração, circunstância,

“solucionamento”, causa desejada, resultado desejado, causa não intentada, resultado não intentado, propósito, condição, interpretação, avaliação, “caso não-marcado”, reafirmação, sumário seqüência, contraste.

- apresentacionais: de ordem pragmática, são aquelas cujo efeito pretendido é incrementar alguma predisposição no leitor, por exemplo, o desejo de agir de determinada forma, a avaliação positiva, a crença ou a aceitação do núcleo. As relações apresentacionais são: motivação (aumenta o desejo), antítese (aumenta a avaliação positiva), *background* (aumenta a aceitação da veracidade do fato), capacitação (aumenta a probabilidade), evidência (aumenta a crença), justificativa (aumenta a aceitação) e concessão (aumenta a avaliação positiva).

Por fim, Koch aborda em seu artigo os estudos de Halliday & Hasan (1976) e Ducrot.

Halliday & Hasan tratam a articulação de orações sob o rótulo de conjunção, que, segundo eles, tem a função de estabelecer algum tipo de relação entre o sentido de duas passagens contínuas do texto, de tal modo que a interpretação da segunda é dependente da relação em que se encontra com a primeira. Como principais relações conjuntivas, citam a aditiva, a adversativa, a causal e a temporal.

Já Koch, baseada nos estudos de Ducrot, postula dois tipos básicos de relação:

- relações do tipo lógico-semântico: expressam relações entre estados de coisas, entre “fatos” do mundo real e/ou de outros mundos possíveis. São relações de causalidade, condicionalidade, mediação, conformidade, tempo, modo, disjunção lógica, que poderiam ser caracterizadas em termos de “frases ligadas”, já que são expressas através de um único ato de fala, no qual se apresenta um tema e, a respeito dele, se enuncia uma relação entre dois fatos.

- relações do tipo discursivo-argumentativo: tem-se dois ou mais atos de fala, podendo o primeiro ser enunciado independentemente do segundo, vindo esse a encadear-se ao primeiro para justificá-lo, contradizê-lo, explicitá-lo, etc. Entre tais relações destacam-se as de conjunção e disjunção argumentativas, contrajunção, explicitação/justificativa, comprovação, conclusão, generalização/extensão, correção/redefinição/atenuação e comprovação.

Segundo Carone (1988), a coordenação torna possível uma troca de elementos, pertencendo, portanto, ao eixo paradigmático, visto que todos os membros de um paradigma poderiam, hipoteticamente, comutar com aquele que está presente em um ponto da cadeia sintagmática. Também para essa autora, a coordenação é formação de seqüências abertas, a que pode sempre agregar mais um elemento.

*Ele vende móveis.*

*Ele (vende e) compra móveis.*

*Ele compra móveis.*

Já a subordinação pertence ao eixo sintagmático, em que um elemento depende de outro, formando seqüências fechadas, tendo, portanto, como principal argumento, o binarismo.

*É urgente que venhas.*

Percebe-se com esse estudo que somente as orações aditivas e alternativas formam seqüências abertas; já as orações adversativas, explicativas e conclusivas formam seqüências fechadas, coordenando-se em pares - quer dizer, trata-se de um procedimento sintático de estruturação binária - da mesma maneira do sintagma formado por subordinação.

Segundo Haiman & Thompson (*apud* ABREU:1992) há seis critérios formais associados à subordinação. São eles:

- Identidade de sujeito e/ou tempo e modo

A identidade do sujeito e/ou tempo e modo permite deixá-los não especificados na oração subordinada.

*Deixando de trabalhar para a Máfia, Everaldo encontrou a paz.*

- Redução de uma das orações

A redução ocorre por “redundância discursiva” de duas maneiras diferentes:

- por elipse: *Salete trabalha mais que Diana (trabalha).*

- por perda do tempo finito (*opposition loss*): *Eu recomendo submeter à nova proposta imediatamente.*

- Incorporação marcada gramaticalmente de uma das orações

Nesse caso, uma das orações pode ser vista como parte de outra por critérios gramaticais.

- Incorporação de 1º grau: *Eu disse que Juliana foi aprovada.*

- Incorporação de 2º grau: *Eu comprei meu primeiro carro, quando eu fiz dezoito anos.*

Deste modo, as orações substantivas seriam resultado de uma incorporação de 1º grau, porque envolvem argumentos; e as adverbiais, resultado de uma incorporação de 2º grau, porque envolvem satélites.

Podemos acrescentar também uma incorporação mais periférica ainda e chamá-la de incorporação de 3º grau, para descrever o encaixe das orações adjetivas.

- Incorporação de 3º grau: *O carro que eu comprei tem dois anos de garantia.*

- Ligação entonacional

Esse critério está ligado à ausência de pausa entre duas orações. Se não há pausa entre duas orações, elas estão ligadas entonacionalmente.

*Eu quero que Rubens vença a corrida.*

- Uma oração está dentro do escopo da outra

Se uma oração B está dentro do escopo de uma oração A, interrogando ou negando A, também interroga-se e nega-se B.

*Você sabe se Carlos saiu?*

Ao mesmo tempo em que se pergunta se *você sabe*, se pergunta se *Carlos saiu*.

- Não obrigatoriedade de iconicidade temporal entre duas orações

Esse princípio reflete a ordem dos tempos numa seqüência temporal.

*Vera foi ao mercado, para comprar leite.*

A inversão das orações não altera o sentido, ou as torna agramaticais.

*Para comprar leite, Vera foi ao mercado.*

Logo não há iconicidade temporal.

- Identidade das duas orações, do ponto de vista da perspectiva do ato de fala

Trata-se da diferença entre o discurso direto e indireto.

*O Zinho disse: \_ Eu pesquei um pintado enorme.*

*O Zinho disse que pescou um pintado enorme.*

No primeiro exemplo, temos dois atos de fala, o do narrador e o de Zinho; no segundo, apenas o do narrador. Logo, neste último caso, temos a identidade do ponto de vista do ato de fala e, portanto, subordinação.

Seguindo esses critérios Abreu (1992) conclui que as orações subordinadas prototípicas são as substantivas, pois apresentam todos os princípios descritos anteriormente.

*É bom que ele viaje.*

As mais prototípicas das coordenadas, segundo esse autor, são as aditivas, adversativas e conclusivas, pois não possuem nenhum dos critérios descritos.

Após a detalhada descrição dos variados modos de articulação de orações, passaremos agora a descrever o objeto central de nossa pesquisa: a junção conclusiva.

### **3.1.1 A junção conclusiva em abordagens tradicionais**

Nesse tópico, buscamos verificar o tratamento que se tem dado a esse tipo de construção dentro da abordagem gramatical tradicional. Encontramos diferentes considerações que, em geral, não definem satisfatoriamente todas as propriedades formais e/ou funcionais desse tipo de junção.

Enfatizando aspectos puramente formais, Cunha & Cintra assim definem as orações coordenadas conclusivas:

*“(as orações coordenadas conclusivas) servem para ligar à anterior uma oração que exprime conclusão, consequência.” (CUNHA & CINTRA, 1985:567)*

Com essa definição de junção conclusiva, instala-se uma problemática das orações conclusivas que se inicia na sua definição por alguns gramáticos que é a mesma para a

subordinada consecutiva, pois este tipo de junção também indica uma consequência decorrente do processo expresso pelo verbo da oração principal.

Conclui-se pois aqui que os critérios formais são insuficientes para definir a junção conclusiva.

Outra problemática que se encontra nesse tipo de construção é que a junção conclusiva não conta com conjunções puras, mas sim com unidades adverbiais, segundo Bechara (1999).

*“Levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenadas certos advérbios que estabelecem relações inter-oracionais ou intertextuais (...). Percebe-se que tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel conector das conjunções coordenadas, apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidades semânticas.” (BECHARA,1999:321)*

Said Ali (1931) explica como ocorre esse processo de formação de “conjunções” por meio de unidades adverbiais.

*“Em algumas das locuções conjuncionais, o elemento advérbio nada mais é que um vocábulo deslocado de uma oração para outra. Devia modificar a um verbo, mas afasta-se dele, emigra da respectiva oração, atraído por uma partícula, à qual se une, resultando dessa liga uma conjunção de nova espécie. Às vezes a locução conjuncional vem a adquirir valor muito diverso do sentido de advérbio.” (SAID ALI, 1931:222)*

Assim é, pelo fato de constituir assunto tão controverso na literatura clássica, devido às razões arroladas acima, que a junção conclusiva vem sendo objeto de estudo desta pesquisa.

### **3.1.2 A junção conclusiva sob perspectivas textuais**

Nesse tópico serão abordados, principalmente, aspectos semânticos que caracterizam a junção conclusiva, visto que os sintáticos foram insuficientes para definir esse tipo de construção.

“Segundo a doutrina tradicional e ortodoxa, as orações coordenadas se dizem independentes e as subordinadas, dependentes. Modernamente, entretanto, a questão tem sido encarada de modo diverso. Dependência semântica mais do que sintática observa-se também na coordenação, salvo, apenas, talvez, no que diz respeito às conjunções *e*, *ou*, *nem*. Que independência existe, por exemplo, na oração “portanto não sairemos.”? Independência significa autonomia, não só na função, mas também de sentido. A comunicação de um sentido completo só se fará com o auxílio de outro enunciado:” *Está chovendo, portanto não sairemos.*” (GARCIA, 1967:16)

As conjunções coordenativas que expressam causa, conseqüência e conclusão, legitimamente, não ligam orações de mesma natureza, tanto é certo que a que vem por qualquer delas encabeçada não goza de autonomia sintática. Em suma, coordenação gramatical e subordinação psicológica.

Um exemplo de falsa coordenação é o que se verifica no raciocínio dedutivo em que as orações de *logo*, na segunda premissa e na conclusão, são absolutamente dependentes da primeira premissa.

1ª premissa: *Todo homem é mortal,*

2ª premissa: *ora, Pedro é homem,*

conclusão: *logo, Pedro é mortal.*

Guimarães (1976) faz um estudo semântico das conjunções do português. Descreveremos a seguir o estudo direcionado de uma conjunção prototipicamente conclusiva: *logo*.

Esse autor analisa o juntor conclusivo prototípico *logo* a partir de dois princípios:

- a articulação tema/comentário entre as orações;
- a dependência ou não entre as orações. Diremos aqui que as orações são dependentes ou não-dependentes. Isto porque, do ponto de vista enunciativo, não se pode pensar numa independência absoluta entre orações.

*Maria comprou um carro, logo vendeu a casa.*

As orações não são totalmente independentes. Dizer que *Maria comprou um carro* tem a ver com a conclusão que daí se tira. E, sem dúvida, deve-se considerar *logo vendeu a casa* como parte dependente da primeira oração.

Guimarães, testando e analisando a conjunção *logo*, considera-a como coordenativa, pois apresenta a não-dependência entre as orações desenvolvidas e a especificação da articulação tema/comentário.

Guimarães (1987) também diz que *logo* exige que o locutor apresente a oração inicial como algo “certo”, para assim poder tirar uma conclusão como irrefutável, para o que é obrigatório o uso do modo indicativo do verbo.

Nesse estudo também se considera a possibilidade de substituição de *logo* por outros juntores conclusivos.

*Maria comprou um carro, portanto/por isso vendeu a casa.*

Porém nem todos os juntores desta espécie se comutam, como *\*Maria comprou um carro, então vendeu a casa*. Mas se tomarmos a linguagem oral e coloquial esse tipo de construção é comum de ocorrer.

Um outro fato abordado sobre os juntores conclusivos é que estes também podem ligar parágrafos, capítulos, termos e não só orações. Vejamos os exemplos abaixo em que há a junção de dois predicativos (termos) por meio da conjunção *portanto* (a) e a junção de dois parágrafos por meio do juntor *logo* (b).

a) “... *ser mais fidedigno, portanto, mais verdadeiro.*”

b) “...*os países europeus, de modo geral, são contrários à importação de transgênicos exatamente porque se sentem inseguros sobre os efeitos para a saúde humana e animal desse tipo de organismo.*

*Logo, se um país (no caso o Brasil) tem condições, como tem, de produzir sementes naturais, fica com um vasto mercado à sua disposição já que não terá a concorrência dos norte-americanos (formidáveis produtores), porque cerca de um terço da produção dos Estados Unidos já é transgênica, inaceitável, portanto, para os padrões europeus.*

*Não parece haver, pois, motivo nenhum para precipitar decisões na área dos transgênicos...* (PB-Mat-FSP:08/07/00:p.2:28-51)

Também o modo de uso das conclusivas varia conforme o discurso.

“*No discurso cotidiano representa-se a sustentação das conclusões ou por uma voz genérica, ou pela “convicção” do eu. No discurso científico representa-se a sustentação das conclusões na verdade das proposições enunciadas, e procura-se ocultar o evento da enunciação, atrás da perspectiva de enunciadador e destinatário universais.*” (GUIMARÃES, 1987:167)

Pezatti (1998) considera a possibilidade que a construção conclusiva sustenta de, além de exprimir nexos semânticos de causa-consequência, exprimir uma relação de inferência entre as proposições, em que a primeira é uma premissa e a segunda, a conclusão.

*Quando se é rico, têm-se muitos amigos.*

*Pedro é rico, tem, pois, muitos amigos.*

Nesse estudo dos jutores conclusivos, a autora toma a conjunção prototípica *logo* como base para analisar as unidades adverbiais que estão em vias de se gramaticalizarem com legítimas conjunções.

A prototipicidade de *logo* é comprovada por alguns critérios que definem as conjunções:

- não apresentar mobilidade no interior da sentença que inicia;

*Narciso é uma flor, logo pertence ao reino vegetal.*

*\*Narciso é uma flor, pertence, logo, ao reino vegetal.*

- não poder ser precedido de outra conjunção, como a aditiva;

*\*Narciso é uma flor, e logo pertence ao reino vegetal.*

- poder coordenar termos, como as conjunções coordenadas *e*, *ou* e *mas*;

*Você está sentindo sua emoção, daí ser mais fidedigno, logo mais verdadeiro.*

- não aceitar focalizadores, como advérbios de inclusão/exclusão, hedges e clivagem;

*\*Narciso é uma flor, é logo que pertence ao reino vegetal.*

- não ser possível a inversão das orações coordenadas pelos jutores;

*\*Logo pertence ao reino vegetal, Narciso é uma flor.*

Com base nesses critérios de identificação de legítimas conjunções conclusivas, serão analisados os outros jutores pertencentes a este paradigma: *por isso*, *então* e *portanto*.

As orações coordenadas por esses três jutores também não invertem suas posições, dando assim caráter coordenativo a esses operadores.

Porém uma característica comum verificada nesse três diferentes jutores que reforça o caráter adverbial dos mesmos é a possibilidade que eles apresentam de se deslocar para várias partes das orações.

*Narciso é uma flor, por isso pertence ao reino animal.*

*Narciso é uma flor, pertence, por isso, ao reino animal.*

O juntor *portanto* está próximo a gramaticalizar-se como conjunção coordenativa, pois, na maior parte de suas ocorrências, pode ser substituído por *logo*, coordena termos, rejeita focalizadores, não permite inversão das orações por ele ligadas, porém, confirmando ainda sua função adverbial, esse juntor pode ser precedido pela conjunção *e*.

Já o juntor *por isso* conserva ainda muitas marcas circunstanciais de justificativa e não de conclusão, visto que em alguns casos não é possível a substituição de *por isso* por *logo*. Outras características que reforçam o caráter adverbial desse juntor é que ele pode ser precedido por *e*, aceita focalizadores e não liga termos.

Por fim o juntor *então* está em vias de gramaticalizar-se como conjunção conclusiva, embora ainda mantenha algumas funções locativas e temporais. Esse juntor, reforçando sua característica adverbial, pode ser precedido pela conjunção *e* e não coordena termos, porém pode já ser considerado como conjunção conclusiva, pois se comporta como o protótipo *logo* e está sendo frequentemente usado para exprimir conclusão.

Para melhor visualização dos jutores que estão às vias de gramaticalizar-se como legítima conjunção conclusiva e quais estão mais próximos desta categoria gramatical, apresentaremos gráfico que segue:

advérbio----- conjunção  
por isso → --- → então → --- → portanto → --- → logo

### 3.2 Os grupos de fatores

Conforme mencionado anteriormente, todas as ocorrências de junção conclusiva encontradas no *corpus* foram classificadas e codificadas de acordo com nove grupos de fatores a fim de verificarmos os possíveis comportamentos de cada juntor. Os fatores serão expostos a seguir:

### 3.2.1 Tipo de juntor

No *corpus* levantado, conseguimos localizar todos os operadores mencionados, uns com maior frequência que outros, com exceção do juntor *por conseguinte*, sendo, portanto, descartado de nosso estudo. Das 126 ocorrências, temos somente uma com o juntor *pois*, duas com o juntor protótipo conclusivo *logo*, 50 com *então*, 25 com *portanto* e 48 com *por isso*.

<b>Operador</b>	<b>Número de ocorrências</b>
Logo	2
Pois	1
Portanto	25
Então	50
Por isso	48

### 3.2.2 Possibilidade de substituição pelo marcador *logo*

Esse fator objetiva reconhecer os jutores como prototípicas conjunções conclusivas, pois se os jutores selecionados não puderem alternar na posição que o marcador *logo* ocupa, eles se afastarão da possibilidade de serem considerados operadores tipicamente conclusivos, visto que *logo* é considerado o único operador prototipicamente conclusivo.

Todas as ocorrências foram submetidas a esse fator, com isso verificamos quais os jutores que, na maioria dos casos, têm caráter coordenativo conclusivo.

	<b>Substituição por <i>logo</i></b>	<b>Não-substituição por <i>logo</i></b>
<b>Pois</b>	0	1
<b>Portanto</b>	13	12
<b>Então</b>	20	30
<b>Por isso</b>	21	27

Nesse fator os jutores, para serem substituídos por *logo*, devem, primeiramente, apresentar valor conclusivo, porém há casos em que jutores apresentam tal valor e não comutam com *logo*, por não se encontrarem em posição inicial.

O jutor *pois*, que só ocorre uma única vez, não pode ser substituído por *logo*, já que, com valor conclusivo, nunca aparece na primeira posição da oração que introduz.

(1) “... os países europeus, de modo geral, são contrários à importação de transgênicos exatamente porque se sentem inseguros sobre os efeitos para a saúde humana e animal desse tipo de organismo.

*Logo*, se um país (no caso o Brasil) tem condições, como tem, de produzir sementes naturais, fica com um vasto mercado à sua disposição já que não terá a concorrência dos norte-americanos (formidáveis produtores), porque cerca de um terço da produção dos Estados Unidos já é transgênica, inaceitável, portanto, para os padrões europeus.

Não parece haver, **pois**, motivo nenhum para precipitar decisões na área dos transgênicos...”(PB-Mat-FSP:08/07/00:p.2:28-51)

Entretanto, se desconsiderarmos a posição ocupada por *pois*, verificamos que é possível a substituição por *logo*, conservando o valor conclusivo.

“**Logo** não parece haver motivo nenhum para precipitar decisões na área dos transgênicos...”

Quanto ao jutor *portanto*, constatamos que das 25 ocorrências, 13 delas aceitam substituição por *logo* e em 12 isto não é possível, ou devido à posição que ocupa, como se verifica em (2) e (3) ou ao seu forte caráter adverbial, como em (4), ou ainda quando junta ato de fala imperativo, conforme demonstra (5).

(2) “Fartos exemplos de outras unidades da federação conferem verossimilhança às suspeitas que vêm do Amapá. Não consistirá nenhuma surpresa, **portanto**, se se confirmar mais um caso de infiltração generalida do crime organizado nas instituições públicas de um estado brasileiro.”(PB-Ed-FSP;21/06/00:p.2:41-49)

(3) “Outro dia fui a um show de Brian Ferry e só por volta da sétima ou oitava música lembrei que eu nunca gostei de Brian Ferry, nem nos áureos tempos de Roxy Music. **O que eu estava fazendo ali, portanto?**”(PB-Mat-Ve:22/03/00:p.160:1-7)

(4) “Esse caso ilustra não apenas o emaranhado em que se transformou o sistema judicial brasileiro como também o divórcio crescente entre a prestação jurisdicional e os fatos sociais, econômicos e políticos, divórcio que faz a justiça chegar tarde e, portanto, falhar.” (PB-Ed-ESP:04/08/00:p.3:35-42)

Nesse último exemplo, percebe-se que *portanto* não estabelece função conjuntiva, pois não é ele que liga as orações [a justiça chegar tarde] e [falhar], e sim o juntor coordenativo *e*. Nesse caso *portanto* preserva ainda características adverbiais.

Um outro caso em que a substituição de *portanto* por *logo* é bloqueada refere-se aos casos em que esse juntor liga uma asserção a um ato de fala, como se observa em (5).

(5) “Você não precisa sair de casa. Não precisa gastar. E mesmo assim, vai ser uma festa. Pois agora, todos os sábados a partir das nove da noite, você vai curtir no Canal Fox as melhores comédias, shows inéditos, filmes e eventos da moda. Tudo direto da sua poltrona. Portanto, grave bem: Fox, o endereço para a festa de sábado.” (PB-A-QU:08/00:p.15:1-3)

Quanto ao juntor *então*, verificamos que das cinquenta ocorrências, somente vinte não aceitam a substituição por *logo*, devido ao fato de *então* manter ainda seu caráter adverbial ou estar em posição não-inicial.

Uma das ocorrências em que *então* se apresenta ainda muito próximo de unidades adverbiais é a seguinte:

(6) “Experimente o leitor desenhar as letras ao contrário, talvez já tenha experimentado... e então conhece as dificuldades que, mesmo quando se trata de letras de forma, e maiúscula, as mais fáceis de reproduzir, o exercício oferece...” (PB-Ed-Ve:21/06/00:p.170:11-19)

Nessa ocorrência *então* apresenta noções de seqüencialidade. Devido a essa característica e à presença do juntor aditivo *e*, não é possível a substituição desse juntor por *logo*, já que o papel de juntivo é exercido pelo *e*.

Verificamos também que *logo* não ocorre na mesma posição de *então* quando este não ocupa posição inicial da oração, apresentando mobilidade dentro da mesma.

(7) “Façamos simples operação: levando em conta que a área do prédio do TRT-SP é de 38.000m e o custo/m é de R\$700,00, temos então um custo final de R\$26 milhões.” (PB-Mat-ESP:06/08/00:p.2:1-6)

Nesse caso *então* tem função de junctivo conclusivo, inclusive apresenta a estrutura dedutiva, porém não pode ser substituído por *logo* por ocupar posição intercalada nessa oração.

Com relação ao junctor *por isso*, das 48 ocorrências em que ele se apresenta, 27 não aceitam a substituição por *logo*.

Nas duas ocorrências abaixo verificaremos que, apesar de *por isso* aceitar a substituição por *logo*, ele não apresenta valor conclusivo, mas sim explicativo/causal.

A substituição por *logo* altera a relação semântica entre as duas orações. Com *por isso* temos um valor causal, no nível de conteúdo e quando substituímos por *logo* introduzimos um raciocínio inferencial, no nível epistêmico, conforme se observa em (8). Já em (9), a substituição não é possível, pois não permite um raciocínio inferencial, no nível epistêmico.

(8) “Fui bancário durante 33 anos e hoje sou pequeno comerciante. Por isso conheço um pouco dos dois lados da questão, como também já a senti na própria pele.” (PB-Mat-ESP:07/08/00:p.2:10-15)

(9) “Sou esportista, por isso estou sempre de boné.” (PB-Ent-Qu:08/00:p.53:9)

Os casos em que as ocorrências não aceitaram a substituição por *logo* se devem a três fatores: 1) o junctor *por isso* está focalizado, ou 2) expressa explicação ou causa, ou ainda 3) une uma asserção a um ato de fala. Vejamos os exemplos:

(10) “Você pode criar salas exclusivas de bate-papo e convidar quem quiser para conversar. É por isso que a UOL é o maior ponto de encontro da internet brasileira.” (PB-A-Clau:01/00:p.119:24-27)

Nesse exemplo, *por isso* vem focalizado por meio de clivagem, não podendo *logo* ocorrer em mesma posição, pois o protótipo conclusivo não aceita focalizadores.

Na próxima ocorrência apresentaremos *por isso* claramente explicativo precedido por uma interrogativa *tag*, não podendo também ser substituído por *logo*.

(11) “A vida anda cada vez mais corrida, não é? Por isso fizemos um carro mais veloz do que ela. Novo Seat Ibiza.” (PB-A-Clau:01/00:p.52:1-2)

Na próxima ocorrência *por isso*, além de ser explicativo, liga uma afirmação a um outro ato de fala, tornando impossível a presença de *logo* nesse local.

(12) “*Vasenol Controle da Celulite tem microesferas de extratos de plantas e de algas marinhas que ajudam a prevenir e a controlar a celulite. Por isso, além de fazer exercícios regularmente e ter uma alimentação balanceada, massageie sua pele durante a hidratação com Vasenol Controle da Celulite.*”(PB-a-Clau-02/00:p.82:4-12)

Nesse exemplo *por isso* une a afirmação [*Vasenol Controle da Celulite tem microesferas de extratos de plantas e de algas marinhas que ajudam a prevenir e a controlar a celulite*] a um ato de fala imperativo do verbo massagear [*massageie sua pele durante a hidratação com Vasenol Controle da Celulite*].

Finalizando a análise desse fator, verificamos que um juntor, além apresentar valor conclusivo, deve ocupar posição inicial da oração para, desta forma, poder ser substituído por *logo*.

### 3.2.3 Possibilidade de anteposição do marcador *e*

A possibilidade de anteposição do marcador *e* assinala que os jutores ainda preservam caráter adverbial, pois é o juntor *e* que funciona como conjunção legítima.

	<b>Presença do marcador <i>e</i></b>	<b>Ausência do marcador <i>e</i></b>
<b>Logo</b>	0	2
<b>Pois</b>	0	1
<b>Portanto</b>	9	16
<b>Então</b>	26	24
<b>Por isso</b>	32	16

Em nossas ocorrências pudemos verificar que a maioria delas aceita tal anteposição, com exceção de *logo* e *pois*, que em nenhuma de suas ocorrências aceitam a presença do

juntor aditivo *e*. Isso nos mostra que o restante dos jutores, admitindo a anteposição do juntor aditivo, preserva seu caráter ainda adverbial.

Das 25 ocorrências com *portanto*, nove aceitam a anteposição do *e*; e das 50 ocorrências com *então*, constata-se que 26 admitem o juntor aditivo. Percebe-se que as porcentagens das ocorrências de *portanto* e *então*, que admitem a anteposição do *e*, oscilam pouco, chegando quase ao empate no caso de *então*.

Já o juntor *por isso*, o mais adverbial dos jutores encontrados em nosso *corpus*, admite em 32 ocorrências a anteposição do *e*, sendo que isso representa mais da metade das ocorrências com *por isso*, pois este faz parte de 48 ocorrências, aproximando-se, assim, cada vez mais de seu caráter ainda adverbial.

Se considerarmos, isoladamente, esse fator, somos levados a concluir, por ora, que mais uma vez *por isso* nega sua função de juntivo conclusivo, estando muito próximo ainda de seu valor adverbial. Quanto aos outros jutores, com exceção de *logo* e *pois* que não aceitam a anteposição do *e*, estão muito próximos de gramaticalizarem-se como conjunções conclusivas, embora em algumas ocorrências, por aceitarem a presença de *e*, evidenciem ainda traços adverbiais.

### 3.2.4 Mobilidade dos jutores dentro da oração

Esse fator objetiva mostrar se, como as conjunções legítimas, como *e*, *ou* e *mas*, os jutores de nosso estudo ocupam a posição fixa inicial da segunda oração, pois isso é uma característica importante para identificar um juntivo.

	<b>Mobilidade</b>	<b>Imobilidade</b>
<b>Logo</b>	0	2
<b>Pois</b>	1	0
<b>Portanto</b>	25	0
<b>Então</b>	50	0
<b>Por isso</b>	32	16

No *corpus* de nossa pesquisa foi possível constatar que somente *logo* ocupa a posição inicial fixa na oração conclusiva, já que esse é o protótipo conclusivo, entretanto com relação aos outros juntores, verificamos que todos apresentam mobilidade dentro da oração, uns com maior frequência que outros; até mesmo o juntor *pois*, que se mantém mais próximo do protótipo conclusivo, apresenta mobilidade na oração conclusiva, aparecendo intercalado aos elementos da mesma, sendo esse fator o único que diferencia *pois* de *logo*, já que para *pois* ter valor conclusivo deve vir posposto a elementos da oração conclusiva.

(1) “...os países europeus, de modo geral, são contrários à importação de transgênicos exatamente porque se sentem inseguros sobre os efeitos para a saúde humana e animal desse tipo de organismo.

*Logo*, se um país (no caso o Brasil) tem condições, como tem, de produzir sementes naturais, fica com um vasto mercado à sua disposição já que não terá a concorrência dos norte-americanos (formidáveis produtores), porque cerca de um terço da produção dos Estados Unidos já é transgênica, inaceitável, portanto, para os padrões europeus.

Não parece haver, **pois**, motivo nenhum para precipitar decisões na área dos transgênicos...”(PB-Mat-FSP:08/07/00:p.2:28-51)

Quanto ao juntor *por isso*, verificamos que das 48 ocorrências, 32 apresentam mobilidade dentro da oração, geralmente ocupando uma posição intercalada na oração conclusiva.

(13) “...o choque maior talvez decorra da comprovação de que a ação individual ou de ONGs para proteger crianças se revela insuficiente.

Não que se deva **por isso** cruzar os braços ou desmerecer a atuação dessas pessoas ou dessas organizações.” (PB-Mat-FSP:20/06/00:p.2:10-16)

Nesse exemplo *por isso* aparece claramente intercalado aos elementos da oração, mas há ocorrências em que esse juntor inicia a oração e tem a possibilidade de se mover dentro da mesma.

(14) “Ainda não inventaram nada que acabe de vez com estrias, manchas e outras imperfeições da pele. **Por isso** a Covermark desenvolveu Leg Magic, a camuflagem perfeita para queimaduras, estrias e manchas...” (PB-A-Clau:02/00:p.79:1-3)

Como já evidenciado acima, *por isso* aparece em posição inicial da oração conclusiva, porém tem mobilidade dentro da mesma, vejamos:

“Ainda não inventaram nada que acabe de vez com estrias, manchas e outras imperfeições da pele. A Covermark, **por isso**, desenvolveu Leg Magic, a camuflagem perfeita para queimaduras, estrias e manchas...”

ou ainda,

“Ainda não inventaram nada que acabe de vez com estrias, manchas e outras imperfeições da pele. A Covermark desenvolveu, **por isso**, Leg Magic, a camuflagem perfeita para queimaduras, estrias e manchas...”

Os casos em que *por isso* não tem mobilidade se devem ao fato de esse juntor vir focalizado por meio de clivagem ou partículas especiais.

Já o juntor *então* tem mobilidade em todas as ocorrências do nosso córpus, aparecendo sempre em posição inicial ou intercalada ou ainda final.

(7) “Façamos simples operação: levando em conta que a área do prédio do TRT-SP é de 38.000m e o custo/m é de R\$700,00, **temos então** um custo final de R\$26 milhões.” (PB-Mat-ESP:06/08/00:p.2:1-6)

Quanto ao juntor *portanto*, verificamos que ele também ocupa posição inicial, intercalada e final, ou seja, as três posições possíveis de um juntor aparecer.

(15) “Não é indispensável que ele arrote após cada mamada. **Portanto**, se isso não ocorre, geralmente não representa problema algum.”(PB-Car-P&F:07/00:p.6:7-11)

(16) “No livro de 75, associava-se a pobreza paulistana ao caráter fechado do regime militar, que inibia a organização popular por melhorias na qualidade de vida. Veio a abertura e o quadro não se alterou muito. O caso paulistano é, **portanto**, um dos mais dramáticos a atestar que permanece o desafio de demonstrar a efetividade social da democracia.” (PB-Ed-FSP:20/06/00:p.2:43-52)

(3) “Outro dia fui a um show de Brian Ferry e só por volta da sétima ou oitava músicalebri que eu nunca gostei de Brian Ferry, nem nos áureos tempos de Roxy Music. O que eu estava fazendo ali, **portanto?**” (PB-Mat-Ve:22/03/00:p.160:1-7)

Verificamos que em (15) *portanto* ocupa posição inicial da oração, já em (16) ele aparece intercalado aos elementos da oração e em (3) esse juntor finaliza a oração, ocupando, deste modo, todas as posições possíveis de um juntor aparecer.

Por fim, verificamos que todas as ocorrências com *pois*, *portanto* e *então* apresentam mobilidade e grande parte das ocorrências com *por isso* também apresenta tal característica, ficando só o juntor *logo* sem se mover dentro da oração, estabelecendo, assim, sua posição fixa inicial na oração.

### 3.2.5 Possibilidade de focalização do juntor por meio de clivagem ou de partículas especiais

	Presença de focalizadores	Ausência de focalizadores
<b>Logo</b>	0	2
<b>Pois</b>	0	1
<b>Portanto</b>	0	25
<b>Então</b>	0	50
<b>Por isso</b>	42	6

O único juntor que aceita qualquer tipo de focalizador é *por isso*. Os outros operadores não aceitam nenhum tipo de focalização. Assim, verificamos que *por isso*, por aceitar tais partículas, está mais próximo de ser considerado uma unidade adverbial.

Das 48 ocorrências de *por isso*, 42 delas apresentam focalização por meio de clivagem (*é que*) ou por partículas especiais (geralmente marcadas por advérbios).

(10) “Você pode criar salas exclusivas de bate-papo e convidar quem quiser para conversar. É por isso que a UOL é o maior ponto de encontro da Internet brasileira.” (PB-A-Clau:01/00:p.119:24-27)

(17) “A Índia, que completou recentemente um bilhão de pessoas e, no ritmo atual, passará a China em população no espaço de 45 anos, por isso mesmo acaba de criar um fundo especial para promover programas de planejamento familiar capazes de levá-la a estabilizar sua população em duas décadas.” (PB-Ed-ESP:04/08/00:p.3:135-146)

Em (10), verifica-se a focalização por meio de clivagem, ou seja, pelas partículas *é que*; já em (17) *por isso* vem acompanhado do focalizador *mesmo*.

No exemplo seguinte, verificamos que a partícula *tudo* também pode focalizar um operador, evidenciando o caráter anafórico.

(18) “*Há também, ainda, muita perambulação de mulheres em busca de vagas no momento do parto, além de muita falta de consideração e delicadezas nas horas anteriores ao parto, durante seu transcorrer e logo depois dele. E, afinal de contas, a mortalidade materna é ainda muito alta(...) Por isso tudo, nas últimas duas semanas concluímos outro conjunto de medidas, todas visando melhorar a qualidade da assistência pré-natal e enfrentar o problema da descontinuidade entre o acompanhamento da gravidez ao parto.*” (PB-Mat-FSP:04/06/00:p.3:143-160)

A focalização de *por isso* apareceu, na maioria das vezes, por meio de clivagem, somente quatro ocorrências foram focalizadas por meio de partículas especiais, sendo três delas com o focalizador *mesmo* e uma com o pronome indefinido *tudo*.

### 3.2.6 Tipo de domínio lingüístico

Esse fator permite-nos verificar os três tipos de domínio lingüístico em que os operadores conclusivos de nosso estudo podem atuar: referencial, epistêmico ou ato de fala.

É relevante essa classificação para podermos verificar se a junção conclusiva está mais para uma ocorrência do mundo real (referencial), para caracterização de uma inferência (epistêmico) ou ainda para se realizar em forma de ato de fala.

	<b>Referencial</b>	<b>Epistêmico</b>	<b>Ato de fala</b>
<b>Logo</b>	0	2	0
<b>Pois</b>	0	1	0
<b>Portanto</b>	15	6	4
<b>Então</b>	23	19	8
<b>Por isso</b>	31	9	8

Verificamos que todos as ocorrências com *logo* e *pois* ocorrem no domínio lingüístico epistêmico, já que caracterizam sempre uma inferência.

(19) “Dez anos de Estatuto da Criança e do Adolescente. Não temos muito o que comemorar. A falta de uma política voltada para as crianças marginalizadas, um controle de natalidade realista, esclarecimento para as adolescentes não engravidarem precocemente têm como escopo principal as crianças, logo seu estatuto é mera letra morta.”(PB-Car-FSP:13/07/00:p.2:1-9)

(1) “...os países europeus, de modo geral, são contrários à importação de transgênicos exatamente porque se sentem inseguros sobre os efeitos para a saúde humana e animal desse tipo de organismo.

Logo, se um país (no caso o Brasil) tem condições, como tem, de produzir sementes naturais, fica com um vasto mercado à sua disposição já que não terá a concorrência dos norte-americanos (formidáveis produtores), porque cerca de um terço da produção dos Estados Unidos já é transgênica, inaceitável, portanto, para os padrões europeus.

Não parece haver, pois, motivo nenhum para precipitar decisões na área dos transgênicos...”(PB-Mat-FSP:08/07/00:p.2:28-51)

Desta maneira podemos considerar que a junção conclusiva ocorre, de modo geral, no domínio lingüístico epistêmico, já que denota sempre um raciocínio inferencial.

Também evidenciamos o domínio lingüístico epistêmico nas ocorrências com *portanto*, *então* e *por isso*, porém em menor número, pois percebemos que esses juntores ocorrem com maior frequência no plano referencial, ou seja, no plano do mundo real.

### **3.2.7 Gênero textual**

Segundo Guimarães (1987), o uso das conjunções conclusivas varia conforme o tipo de discurso. Sendo assim achamos relevante verificar as ocorrências em diferentes tipos de texto: informal (entrevistas e anúncios), intermediário (matérias assinadas e cartas de leitores e editores) e formal (editoriais e ensaios). Com base em nossas ocorrências, obtivemos os seguintes resultados:

	Formal	Intermediário	Informal
<b>Logo</b>	0	2	0
<b>Pois</b>	0	1	0
<b>Portanto</b>	5	18	2
<b>Então</b>	2	5	43
<b>Por isso</b>	1	19	28

Quanto a *logo* e *pois*, verifica-se que ocorrem no mesmo tipo de texto, ou seja, intermediário, aproximando-se ainda mais um do outro. Já o restante dos jutores varia um pouco, cada um apresenta uma especificidade que demonstraremos a seguir.

O jutor *portanto* ocorre com maior frequência em textos intermediários que são constituídos por matérias assinadas e cartas de leitores e editores, ocorrendo muito pouco em texto informal, como entrevistas e anúncios.

(4) “*Esse caso ilustra não apenas o emaranhado em que se transformou o sistema judicial brasileiro como também o divórcio crescente entre a prestação jurisdicional e os fatos sociais, econômicos e políticos, divórcio que faz a justiça chegar tarde e, portanto, falhar.*” (PB-Ed-ESP:04/08/00:p.3:35-42)

Já *então* e *por isso* ocorrem mais em textos informais (entrevista e anúncios), porém *então* é mais frequente em entrevistas e opiniões, apresentando, além de conclusão, uma sequencialidade ao discurso, afirmando, assim, um caráter ainda temporal; já *por isso* ocorre com maior frequência em anúncios, estando mais próximo da junção explicativa/causal do que da conclusiva. Vejamos os exemplos:

(20) “*E por que acabou?*

*Porque não tinha mais paixão, não tinha mais tesão e poderia caminhar para algo sem generosidade. Temos uma filha para criar e vamos ser parceiros para o resto da vida, então foi melhor separar.*”(PB-Ent-Clau:01/00:p.35:10-19)

(21) “*Só não piorei porque tinha um trabalho, e sempre levei a sério o que faço. Então, fazia tudo direito.*”(PB-Ent-Qu:05/00:p.28:10-16)

(10) “*Você pode criar salas exclusivas de bate-papo e convidar quem quiser para conversar. É por isso que a UOL é o maior ponto de encontro da Internet brasileira.*” (PB-A-Clau:01/00:p.119:24-27)

(11) “A vida anda cada vez mais corrida, não é mesmo? Por isso fizemos um carro mais veloz que ela. Novo Seat Ibiza.” (PB-A-Clau:01/00;p.52:1-2)

### 3.2.8 Presença de vírgula após o juntor

Esse fator foi acrescentado no decorrer do levantamento do cópuz ao percebermos uma alternância freqüente do uso da vírgula após os jutores, apesar de muitos exemplos contrariarem as regras de pontuação das gramáticas tradicionais. Os resultados obtidos revelam que o juntor *portanto* favorece o uso da vírgula depois de si, conforme muitas gramáticas indicam ser comum, o que não se pode dizer com relação aos outros.

	Presença de vírgula	Ausência de vírgula
<b>Logo</b>	1	1
<b>Pois</b>	1	0
<b>Portanto</b>	24	1
<b>Então</b>	23	27
<b>Por isso</b>	23	25

### 3.2.9 Juntor como iniciador de período

Esse fator também se mostrou relevante no processo de levantamento de dados, pois alguns jutores não iniciavam somente orações, mas sim períodos. Isso se deve ao fato de alguns jutores não só coordenarem orações, mas sim períodos e parágrafos, como afirma Guimarães (1987).

	Iniciador de período	Iniciador de oração
<b>Logo</b>	1	1
<b>Pois</b>	0	1
<b>Portanto</b>	11	14
<b>Então</b>	31	19
<b>Por isso</b>	7	41

Verificamos que muitas vezes os juntores ligam porções textuais, sendo considerados, deste modo, iniciadores de período, conforme se verifica em (1), repetido aqui.

(1) “...os países europeus, de modo geral, são contrários à importação de transgênicos exatamente porque se sentem inseguros sobre os efeitos para a saúde humana e animal desse tipo de organismo.

Logo, se um país (no caso o Brasil) tem condições, como tem, de produzir sementes naturais, fica com um vasto mercado à sua disposição já que não terá a concorrência dos norte-americanos (formidáveis produtores), porque cerca de um terço da produção dos Estados Unidos já é transgênica, inaceitável, portanto, para os padrões europeus.

*Não parece haver, pois, motivo nenhum para precipitar decisões na área dos transgênicos...”(PB-Mat-FSP:08/07/00:p.2:28-51)*

Porém há casos em que os juntores ligam orações simples e mesmo assim iniciam um novo período, sendo caracterizado como iniciador de oração, como demonstra (22).

(22) “Ela (amamentar) é uma habilidade que precisa ser aprendida. Por isso, é importante preparar os seios durante o pré-natal...” (PB-Ent-Mae:07/00:p.50:1-3)

### 3.3 Caracterização de cada juntor

#### 3.3.1 Logo

Dos juntores estudados, *logo* é o único que pode ser considerado o representante prototípico da junção conclusiva, pois ele liga frases e assinala ao ouvinte/leitor que a proposição que introduz deve ser interpretada como conclusão, cujo fundamento é um raciocínio inferencial, conforme se verifica em (19).

(19) “Dez anos de Estatuto da Criança e do Adolescente. Não temos muito o que comemorar. A falta de uma política voltada para as crianças marginalizadas, um controle de natalidade realista, esclarecimento para as adolescentes não engravidarem precocemente têm como escopo principal as crianças, logo seu estatuto é mera letra morta.”(PB-Car-FSP:13/07/00:p.2:1-9)

Nesse exemplo, pode-se notar que *logo* tem realmente o papel de juntivo, sem precisar do auxílio de outros jutores coordenativos, como o aditivo *e*. Também nota-se que o juntor *logo* ocupa a posição fixa, própria dos jutores coordenativos, ou seja, inicia a oração que exprime a conclusão.

Do *corpus* levantado só duas ocorrências de *logo* foram encontradas (cf. (19) acima e (1) abaixo) e ambas se comportam de mesma maneira:

(1) “...os países europeus, de modo geral, são contrários à importação de transgênicos exatamente porque se sentem inseguros sobre os efeitos para a saúde humana e animal desse tipo de organismo.

*Logo, se um país (no caso o Brasil) tem condições, como tem, de produzir sementes naturais, fica com um vasto mercado à sua disposição já que não terá a concorrência dos norte-americanos (formidáveis produtores), porque cerca de um terço da produção dos Estados Unidos já é transgênica, inaceitável, portanto, para os padrões europeus.*

*Não parece haver, pois, motivo nenhum para precipitar decisões na área dos transgênicos...”(PB-Mat-FSP:08/07/00:p.2:28-51)*

As duas ocorrências foram encontradas no mesmo tipo de texto, o de formalidade intermediária. Além disso, ambas pertencem ao domínio lingüístico epistêmico, já que se fundamentam num raciocínio inferencial. Caracterizam-se ainda por não aceitarem partículas focalizadoras ou de clivagem. Deste modo, as duas ocorrências com o operador *logo* comprovam o papel de protótipo conclusivo que esse juntor desempenha. Fica claro, no entanto, que esse juntor dá origem a textos e não simplesmente orações, conforme se verifica em (1).

*[...os países europeus, de modo geral, são contrários à importação de transgênicos exatamente porque se sentem inseguros sobre os efeitos para a saúde humana e animal desse tipo de organismo] e [se um país (no caso o Brasil) tem condições, como tem, de produzir sementes naturais, fica com um vasto mercado à sua disposição já que não terá a concorrência dos norte-americanos (formidáveis produtores) ]*

Entre as duas ocorrências, distinguem-se ainda outros dois fatores, pois em (19), o juntor *logo* liga duas orações independentes e não é seguido de vírgula, já em (1), o mesmo juntor inicia uma nova porção textual e é seguido de vírgula, apesar das prescrições tradicionais. Tal fato remete ao caráter de juntor de texto e não simplesmente de frases que esse conector carrega.

### 3.3.2 Pois

Dentre as 126 ocorrências, há somente uma com o juntor *pois*, utilizado para exprimir conclusão.

(1) “...os países europeus, de modo geral, são contrários à importação de transgênicos exatamente porque se sentem inseguros sobre os efeitos para a saúde humana e animal desse tipo de organismo.

*Logo, se um país (no caso o Brasil) tem condições, como tem, de produzir sementes naturais, fica com um vasto mercado à sua disposição já que não terá a concorrência dos norte-americanos (formidáveis produtores), porque cerca de um terço da produção dos Estados Unidos já é transgênica, inaceitável, portanto, para os padrões europeus.*

*Não parece haver, pois, motivo nenhum para precipitar decisões na área dos transgênicos...*”(PB-Mat-FSP:08/07/00:p.2:28-51)

Nesse único exemplo, o juntor em questão parece adotar características discursivas, por conectar porções de texto, instruindo o leitor para interpretar a proposição que o segue como conclusão de um raciocínio inferencial.

Como *logo*, o juntor *pois* não aceita vir precedido por outras conjunções, como a aditiva *e*, nem vir acompanhado de partículas focalizadoras ou de clivagem. O único fator que diferencia *pois* de *logo* é a mobilidade, já que não é possível a *logo*, mas o é para *pois*.

### 3.3.3 Portanto

Dentro das 126 ocorrências analisadas, 25 são constituídas pelo juntor *portanto*. Esse juntor apresentou, em nosso corpus, várias características que o tornam próximo de se gramaticalizar como conjunção conclusiva: 13 ocorrências podem ser substituídas por *logo*, 16 delas não aceitam anteposição do marcador *e*, todas as ocorrências não aceitam focalizadores *e*, em uma delas, *portanto* vem unindo termos, o que afirma seu caráter de juntivo.

(1) “...os países europeus, de modo geral, são contrários à importação de transgênicos exatamente porque se sentem inseguros sobre os efeitos para a saúde humana e animal desse tipo de organismo.

*Logo, se um país (no caso o Brasil) tem condições, como tem, de produzir sementes naturais, fica com um vasto mercado à sua disposição já que não terá a concorrência dos norte-americanos (formidáveis produtores), porque cerca de um terço da produção dos Estados Unidos já é transgênica, inaceitável, portanto, para os padrões europeus.*

*Não parece haver, **pois**, motivo nenhum para precipitar decisões na área dos transgênicos...”(PB-Mat-FSP:08/07/00:p.2:28-51)*

Nesse exemplo, percebe-se que *portanto* liga os termos *transgênica* e *inaceitável*, não aceita focalizadores nem anteposição do marcador *e* e pode ser substituído por *logo* se este ocupar posição fixa inicial. No entanto esse conector ainda carrega propriedades adverbiais: todas as ocorrências têm mobilidade na oração e 15 delas ocorrem em domínio lingüístico referencial ao invés de epistêmico como o protótipo conclusivo.

Na ocorrência a seguir, veremos *portanto* como uma unidade adverbial com valor semântico causal:

(4) *“Esse caso ilustra não apenas o emaranhado em que se transformou o sistema judicial brasileiro como também o divórcio crescente entre a prestação jurisdicional e os fatos sociais, econômicos e políticos, divórcio que faz a justiça chegar tarde e, portanto, falhar.”* (PB-Ed-ESP:04/08/00:p.3:35-42)

Percebe-se, nesse exemplo, que *portanto* vem estabelecendo valor adverbial causal à oração, deixando o papel de juntivo ao marcador *e* que conecta [*a justiça chegar tarde*] e [*falhar*].

As 25 ocorrências de *portanto* se diferenciam quanto ao papel que cada uma estabelece, podendo ser divididas em três grupos: *portanto-adverbial* (cinco ocorrências), *portanto-conector* (10) e *portanto-articulador discursivo* (10).

O exemplo de *portanto-adverbial* já foi apresentado acima (em 4). Veremos a seguir duas ocorrências que ilustram do *portanto-conector* e do *portanto-articulador-discursivo*, respectivamente.

(23) *“O orçamento do município de São Paulo para o exercício financeiro de 2000 prevê a receita de cerca de 7,6 bilhões de reais enquanto o orçamento fiscal do Estado de Minas Gerais tem receita estimada de 14,2 bilhões de reais. Portanto, o governo de Minas Gerais lida com quase o dobro das somas do município de São Paulo.”* (PB-Car-Ve:22/03/00:p.31:1-9)

Nessa ocorrência, *portanto* apresenta-se como conector conclusivo em que a partir de uma premissa [o orçamento do município de São Paulo para o exercício financeiro de 2000 prevê a receita de cerca de 7,6 bilhões de reais enquanto o orçamento fiscal do Estado de Minas Gerais tem receita estimada de 14,2 bilhões de reais], tira-se a conclusão [portanto, o governo de Minas Gerais lida com quase o dobro das somas do município de São Paulo]. Nesse caso, *portanto* pode ser substituído por *logo*, não vem acompanhado pelo marcador *e* nem por focalizadores, ocupa posição inicial da oração, sendo possível também vir intercalado aos elementos da mesma, e ocorre em domínio lingüístico epistêmico por se tratar de um raciocínio inferencial.

O seguinte exemplo refere-se ao *portanto-articulador discursivo*, pois não pode ser substituído por *logo*, já que não liga frases, mas sim porções textuais, retomando um tópico já dado no discurso.

(5) “Você não precisa sair de casa. Não precisa gastar. E mesmo assim, vai ser uma festa. Pois agora, todos os sábados a partir das nove da noite, você vai curtir no Canal Fox as melhores comédias, shows inéditos, filmes e eventos da moda. Tudo direto da sua poltrona. **Portanto**, grave bem: Fox, o endereço para festa de Sábado.” (PB-A-Qu:08/00:p.15:1-3)

Analisando *portanto*, percebemos que esse juntor apresenta ainda, em alguns momentos, características próprias de advérbios, em outros, como conector, liga frases, estabelecendo conclusão a partir de inferências e, em outros ainda, funciona como articulador conclusivo, atuando na cadeia tópica.

### 3.3.4 Então

Como os demais jutores, exceto *logo* e *pois*, o juntor *então* desempenha duas funções marcantes: a de conector conclusivo e a de unidade adverbial, desempenhando papéis textuais variados.

Vejamos cada caso.

(7) “Façamos simples operação: levando em conta que a área do prédio do TRT-SP é de 38.000m<sup>2</sup> e o custo/m<sup>2</sup> é de R\$700,00, **então** um custo final de R\$26 milhões.” (PB-Mat-ESP:06/08/00:p.2:1-6)

Nessa ocorrência o operador *então* desempenha claramente a função de juntivo conclusivo, pois encerra uma conclusão com base num raciocínio inferencial.

No entanto, os fatores que aproximam o juntor *então* da categoria de conjunção conclusiva, a rejeição à anteposição do *e* e de partículas especiais de focalização ou de clivagem, co-ocorrem com os fatores que fazem de *então* uma unidade adverbial: não poder ser substituído por *logo* e ter mobilidade na oração conclusiva.

Segundo Martelota (1994) “*então* possui, no português atual, um conjunto de valores temporais e seqüenciais provenientes de sua característica anafórica de base espacial e outros valores que possuem função mais pragmático discursiva, e que são conseqüentes do processo de mudança por gramaticalização desses valores temporais e seqüenciais”. São estes os valores de *então* registrados: (MARTELOTA, 1996:224)

-*então anafórico*;

-*então seqüencial*;

-*então conclusivo*;

-*então alternativo*;

-*então intensificador*;

-*então resumitivo*;

-*então introduzindo informações livres*.

Quanto a *então conclusivo*, objeto de nosso estudo, Martelota (1996) diz ser uma variante do *então seqüencial*, pois inicia cláusulas que expressam uma conseqüência em relação ao que foi dito anteriormente, que provém do uso anafórico.

Em nossas ocorrências encontramos casos de *então* cuja função é dar seqüencialidade ao discurso. Vejamos o exemplo a seguir:

(6) “Experimente o leitor desenhar as letras ao contrário, talvez já tenha experimentado... e *então* conhece as dificuldades que, mesmo quando se trata de letras de forma, e maiúscula, as mais fáceis de reproduzir, o exercício oferece...” (PB-Ed-Ve:21/06/00:p.17011-19)

Percebe-se que *então* presente na ocorrência acima afasta-se um pouco de seu comportamento conclusivo e aproxima-se mais das unidades seqüenciais. Deste modo *então* não pode ser substituído por *logo*, aceita anteposição do *e* e tem mobilidade dentro da

oração, o que lhe preserva o valor adverbial, porém não aceita focalizadores, o que o aproxima dos jutores conclusivos.

*Então* preserva ainda seu caráter anafórico, conforme se observa em (24).

(24) “*Seu filho é especial, não é? **Então**, mostre ele para todo mundo.*” (PB-A-P&F:07/00:p.61:1-6)

O caráter anafórico é evidenciado claramente se comutarmos *então* com *por isso*, e assim verificaremos que *então* retoma a primeira oração para posteriormente encerrar explicação/causa ao invés de conclusão. Prova disso é a interrogativa *tag* que, terminando a primeira oração, faz com que o jutor retome a questão referida.

Nessa ocorrência *então* não aceita substituição por *logo* nem anteposição do *e* e tem mobilidade dentro da oração.

### 3.3.5 Por isso

*Por isso* é o operador menos conclusivo dentre os demais jutores anteriormente analisados, pois apresenta ainda muitas propriedades adverbiais e muitas vezes exprime explicação ou causa ao invés de conclusão ou conseqüência. Exemplo disso é a possibilidade de *por isso* ocorrer juntamente com partículas especiais de focalização e de clivagem, sendo o único dos cinco jutores de nossa análise a comportar-se de tal maneira.

As ocorrências de *por isso* oscilam entre os valores conclusivos e explicativos. Nossa análise partirá das ocorrências conclusivas e depois passaremos às que se aproximam mais das sentenças explicativas e causais.

(25) “*É um carro produzido a cada dois minutos. **Por isso**, quando você acabar de ler este anúncio, este número recorde de 13 milhões já terá sido ultrapassado.*” (PB-A-Ve:22/03/00:p.77:28-30)

Nessa ocorrência o jutor *por isso* aproxima-se de uma conjunção conclusiva, já que 1) tem a possibilidade de ser substituído por *logo*, 2) refere-se ao domínio lingüístico epistêmico, típico de ocorrer nas orações conclusivas, 3) não pode ser movido de sua posição, pois, nesse caso, liga o período simples [*é um carro produzido a cada dois minutos*] ao período composto [*quando você acabar de ler este anúncio, este número*]

*recorde de 13 milhões já terá sido ultrapassado*]. No entanto, carrega propriedades de advérbio, já que 1) aceita a anteposição do juntor aditivo *e* e 2) a presença de partículas especiais de focalização e de clivagem.

Temos uma ocorrência em nosso *corpus* em que *por isso* apresenta propriedades adverbiais, por vir focalizado por meio de clivagem.

(26) “A pessoa precisa de liberdade, tanto o homem quanto a mulher. Eu prezo muito a minha. É por isso que tenho um pouco de medo do casamento.” (PB-Mat-Clau:03/00:p.162:65-68)

Nesse caso, *por isso* focalizado retoma as razões anteriormente relatadas para depois afirmar e explicar que o interlocutor tem medo de casamento. Sendo assim trata-se de uma ocorrência com comportamento anafórico e explicativo. Nela o juntor não pode ser substituído por *logo*, aceita anteposição do *e*, tem partículas focalizadoras de clivagem, porém não apresenta mobilidade dentro da oração semelhante ao protótipo conclusivo *logo*. Entretanto essa ausência de mobilidade não se deve à posição fixa que os jutores conclusivos devem apresentar, mas sim ao fato de *por isso* ser foco da sentença.

Outra característica importante que verificamos também nas ocorrências de *por isso* é o fato de esse juntor poder seguir as interrogativas *tag*, vejamos o exemplo:

(27) “De complicada já basta a vida, concorda? Por isso mesmo o seguro só pode ser Real Só Vida.” (PB-A-Clau-02/00:p.135:12-13)

Aqui o juntor *por isso* segue uma questão *tag*, reforçando ainda mais seu caráter explicativo/causal ou ainda adverbial, tanto que novamente aceita partícula focalizadora *mesmo*.

### 3.4 Considerações Finais

Com essa breve fundamentação do comportamento de cada juntor ora analisado é possível mostrar, com base nos critérios a que foi submetido cada juntor, um gráfico disposto entre unidades adverbiais e conjunções.

unidades adverbiais-----conjunções  
*por isso* → --- → *então* → --- → *portanto* → --- → *pois* → --- → *logo*

O juntor *logo* preenche, como vimos, todas as condições que caracterizam uma conjunção conclusiva: não aceita a anteposição do *e*, não tem mobilidade dentro da oração, não aceita focalizadores e pertence ao domínio lingüístico epistêmico.

O operador *pois* também se adequa a todos os fatores que caracterizam o protótipo conclusivo, exceto no que diz respeito à mobilidade dentro da oração, já que na única ocorrência em que *pois* apareceu, ele vem intercalado na oração conclusiva, tendo assim mobilidade e jamais, com esse valor, pode aparecer iniciando a segunda oração.

Os jutores *portanto* e *então* apresentam comportamentos semelhantes, pois ambos, em todas as ocorrências, não aceitam focalizadores e têm mobilidade. Com relação aos outros fatores, os jutores *portanto* e *então* geralmente aceitam a substituição por *logo* e a anteposição do juntor *e*.

Em nosso *corpus*, a única característica que realmente diferencia *portanto* de *então* refere-se ao fato de *portanto*, em uma ocorrência, conectar termos, o que o aproxima ainda mais das conjunções

- (1) “...os países europeus, de modo geral, são contrários à importação de transgênicos exatamente porque se sentem inseguros sobre os efeitos para a saúde humana e animal desse tipo de organismo. Logo, se um país (no caso o Brasil) tem condições, como tem, de produzir sementes naturais, fica com um vasto mercado à sua disposição já que não terá a concorrência dos norte-americanos (formidáveis produtores), porque cerca de um terço da produção dos Estados Unidos já é transgênica, inaceitável, portanto, para os padrões europeus. Não parece haver, pois, motivo nenhum para precipitar decisões na área dos transgênicos...” (PB-Mat-FSP:08/07/00 p.2:28-51)

O juntor *por isso*, por outro lado, aproxima-se mais das unidades adverbiais pelo fato de a maior parte das ocorrências não poder ser substituída por *logo*, aceitar a anteposição do *e*, ter mobilidade dentro da oração e apresentar partículas especiais de focalização ou de clivagem.

Por fim podemos constatar que a junção conclusiva é geralmente efetuada por meio de outros conectores e não pelo protótipo conclusivo *logo* ou por *pois*, que apareceram em poucas ocorrências. Verifica-se que a relação semântica de conclusão no português do Brasil é estabelecida, na maioria dos casos, por *então* e *portanto*, ficando ao juntor *por isso* o caráter explicativo/causal das orações.

## Capítulo III

### 4 Análise de grupos de ocorrências

No capítulo anterior foi possível visualizar o comportamento de todos os operadores considerados conclusivos pelas gramáticas e ainda conferir o tipo de texto em que cada um aparecia com maior frequência. Neste capítulo serão analisadas mais detalhadamente as ocorrências de *então* em textos informais, ou seja, anúncios e entrevistas, ainda com base nos mesmos fatores do capítulo anterior, porém de uma forma mais sistematizada, já que as ocorrências que apresentam igualdade de fatores foram agrupadas em grupos, totalizando 16 grupos.

Antes de iniciarmos nosso trabalho, faz-se necessário especificar a nomenclatura a ser utilizada na análise dos fatores:

N= não é possível a substituição por *logo*;

S= é possível a substituição por *logo*;

-= não é possível a anteposição da conjunção *e*;

= é possível a anteposição da conjunção *e*;

n= o operador não apresenta mobilidade na oração;

s= o operador apresenta mobilidade na oração;

O= ausência de partículas de focalização ou clivagem;

f= presença de partículas de focalização ou clivagem;

R=domínio lingüístico referencial;

E= domínio lingüístico epistêmico;

F= domínio lingüístico: ato de fala;

\*= ausência de vírgula após o operador;

,= presença de vírgula após o operador;

M=operador iniciando período;

m= operador iniciando oração;

## Grupo 1

N+s0C\*m

*Veja: O senhor afirma que desde o nascimento os bebês já tiram conclusões, fazem previsões, buscam explicações, fazem experimentos. Que tipo de problema eles resolvem?*

*Meltzoff: O problema da permanência dos objetos é um clássico na infância. Antes de um ano de idade, as crianças não sabem que os objetos que desaparecem de suas vistas continuam a existir. Deitados no berço, os bebês fazem experiências de como esconder o boneco debaixo de um pano e **então** procurar por ele, mostrando grande entusiasmo quando o encontram. Ou então empurram uma bola para baixo do sofá dezenas de vezes e a recuperam apenas para, em seguida, escondê-la de novo. Mediante esses jogos de esconde-esconde, eles descobrem a permanência dos objetos. (PB-Ent-Veja:17/05/00:14)*

Essa ocorrência mostra um exemplo de *então* adverbial que não aceita a substituição pela conjunção prototípica conclusiva *logo*, aceita a anteposição da conjunção aditiva *e*, tem mobilidade dentro da oração, não aceita focalização por meio de clivagem (é que) ou partículas especiais de focalização, pertence ao domínio lingüístico referencial, não sendo seguido de vírgula e não iniciando período.

## Grupo 2

N-s0C\*m (Aceita a anteposição do *ou*)

*Veja: O senhor afirma que desde o nascimento os bebês já tiram conclusões, fazem previsões, buscam explicações, fazem experimentos. Que tipo de problema eles resolvem?*

*Meltzoff: O problema da permanência dos objetos é um clássico na infância. Antes de um ano de idade, as crianças não sabem que os objeto que desaparecem de suas vistas continuam a existir. Deitados no berço, os bebês fazem experiências de como esconder o boneco debaixo de um pano e então procurar por ele, mostrando grande entusiasmo quando o encontram. Ou **então** empurram uma bola para baixo do sofá dezenas de vezes e a recuperam apenas para, em seguida, escondê-la de novo. Mediante esses jogos de esconde-esconde, eles descobrem a permanência dos objetos. (PB-Ent-Veja:17/05/00:14)*

N-s0C\*m

*Veja: Você quase deixou escapar a oportunidade que a música lhe deu, não?*

*Fábio: Comecei a fazer música na escola de samba Estácio de Sá, depois da chacina. Arrumei um emprego de faxineiro ali e comecei a compor. Em 1997, ganhei uma disputa. No ano seguinte, fui para a Beija-Flor de Nilópolis e ganhei novamente. Arrumei uma boa grana, mas também gastei muito. Com o primeiro samba, faturei uns 6000 reais, depois perdi tudo. Ajudei uma pessoa que morava comigo a construir uma casa, acabei me endividando, pegando dinheiro emprestado e fiquei duro. Fui, **então** para a Beija-Flor, começar tudo de novo. Ganhei ainda mais dinheiro, mas gastei tudo, saindo com mulheres. Ia aos restaurantes, tirava a onda que nenhum menino de rua poderia tirar. Não guardei nada e hoje me arrependo muito. Tinha 19 anos, não estava preparado para o sucesso.*

*(PB-Ent-Veja:28/05/00:15)*

Nessas ocorrências o articulador *então* não estabelece relação conclusiva também, não podendo, portanto, ser substituído por *logo*, tendo mobilidade dentro da oração, não aceitando partículas de clivagem ou focalização, pertencendo ao domínio lingüístico referencial, não apresentando vírgula em seguida e iniciando oração e não período.

Sobre a anteposição de outros conectores, que confere o caráter adverbial a *então*, pode-se notar que a primeira ocorrência aceita tal fator, antepondo-se a *então* a conjunção alternativa *ou* – que faz com que o articulador em estudo assumam e enfatize esse papel alternativo predominante.

Quanto ao segundo exemplo, pode-se perceber que não foi aceita a anteposição da conjunção *e*, pois *então* não inicia oração nem período, sendo precedido pelo verbo *fui*, o que impede tal anteposição.

### Grupo 3

S+s0E,M

*“Meu pai era bancário, mas tinha trabalho itinerante, ele passava muito tempo fora de casa. **Então**, tanto fazia ir para casa ou para Belém.” (PB-Ent-Qu:05/00:p.26:29-34)*

S+s0E,M

*“Nós, militares, temos uma hipersensibilidade na questão da honra. Os sensores que acusam que nossa honra está sendo atingida são muitos extensos. **Então**, se eu mantivesse essa hipersensibilidade num cargo como este aqui, viveria me aborrecendo.” (PB-Ent-Ve:31/05/00:p.11:49-56)*

S+s0E,M

“Cheguei a um ponto em que eu pensei: ‘Meu Deus, eu vou morrer doente do fígado.’ **Então**, para evitar esse permanente desgaste íntimo, você tem de estabelecer uma espécie de ‘núcleo duro’ da sua honra, uma parte de você que será sempre inatingível, e, a partir daí, deixar para lá”.(PB-Ent-Ve:31/05/00:p.11:68-76)

S+s0E,M

*Veja: Por que a água é tão essencial?*

*Ward: O fato de haver águas rasas na Terra pode ter sido vital, em certo momento de sua história, para o processo químico que formou grandes quantidades de calcário e retirou gás carbônico da atmosfera. Se isso não tivesse acontecido, a atmosfera de nosso planeta não teria concentrações muito elevadas de gás carbônico. Como resultado, a temperatura seria excessivamente alta, acima de 100 graus Celsius. Num ambiente assim, os oceanos evaporariam e a vida na Terra terminaria de maneira catastrófica. Nosso planeta levou cerca de dois bilhões de anos para formar oxigênio em quantidade suficiente para permitir a sobrevivência de animais. Além disso, a superfície passou por um longo período de estabilidade, que permitiu a existência contínua de água. A Terra só conseguiu desenvolver um ecossistema tão rico porque vem mantendo seus oceanos por mais de quatro bilhões de anos. E sempre em grau de acidez e salinidade que permite a formação de proteínas, a estrutura básica dos seres vivos.*

*Veja: **Então**, tudo se resume a uma questão de sorte?*

*Ward: Sorte é, sem dúvida, uma razão para existirmos, mas há outros fatores. Veja o papel desempenhado pela Lua nessa história (...).(PB-Ent-Veja:15/03/00:14)*

S+s0E,M

*Veja: Existe alguma conduta indicada por psicólogos para os homossexuais lidarem melhor com sua família, ou vice-versa?*

*Ana: A família tem sempre de buscar respeito e diálogo, tentar preservar o afeto. Eu sei que é muito difícil. O indicado é que a família perceba que seu filho ou filha homossexual não criou alma nova por causa da orientação sexual. Trata-se daquele filho que cresceu ali, que fez, que fez coisas erradas e certas na vida. Era levado ou quieto demais, não importa. Foi amado com todas as suas características e isso precisa continuar. A família tem uma nova informação sobre ele, mas não um novo filho. Por outro lado, temos de reconhecer que a moral dominante está no olhar do vizinho, no cotidiano. **Então**, a família também precisa ser compreendida. O filho não pode querer que, de repente, o pai passe a aceitar ou achar bonitinha sua condição de homossexual. Juntos, todos têm de procurar a compreensão.*

*(PB-Ent-Veja:26/04/00:15)*

S+s0E,M

*Veja: Mulheres bonitas e feias têm os mesmos problemas em relação aos homens?*

*Gaby: É claro que não. Mas analise a questão de outro ângulo. Basta olhar em volta para perceber que nem todo homem é um Adônis. Muitos nem devem ter espelho em casa: medem cada mulher como se pudessem escolher. A maioria não tem esse privilégio. **Então**, a questão da beleza não é realmente fundamental. Há mulheres magras e gordas, altas e baixas, feias e bonitas, brancas e negras – e o mesmo vale para os homens. Com a maturidade, percebe-se que essas características não são decisivas na escolha de um parceiro. Se fossem, o mundo seria povoado por solitárias e solitários. (PB-Ent-Veja:02/02/00:14)*

Nesse grupo todas as ocorrências de *então* podem ser substituídas pelo protótipo conclusivo *logo*, não aceitam qualquer tipo de focalização ou clivagem, pertencem ao domínio lingüístico epistêmico, apresentam a vírgula posposta a *então*, iniciam período, aceitam a anteposição de *e* e tem mobilidade dentro da oração, sendo essas últimas duas característica que inserem nessas ocorrências um aspecto adverbial a *então*.

#### Grupo 4

N-s0E\*m

*“Esse jurado não deve ter mãe. Ou **então** não é sambista.”*

*(Maria Helena, porta-bandeira da Imperatriz Leopoldinense, queixando-se de uma nota baixa recebida por sua escola.)” (PB-Fr-Veja:15/03/00:40)*

N-s0E\*m

*Renault Kangoo – Itens de diversão: duas opções de motorização (1.0 e 1.6), espaço interno de sobra, porta lateral deslizante, direção hidráulica, travas e vidros elétricos, ar condicionado, rodas de liga leve, rádio toca-fitas com comando satélite, bancos traseiros rebatíveis e removíveis, bloqueio de ignição e air bag duplo de série. Renault Kangoo. Se ele não é o carro mais divertido que existe, qual é **então**? Renault Kangoo. Divirta-se. (PB-A-Veja:08/03/00:05)*

N-s0E\*m

*Bräuner: Eu fui mal interpretado. Não quis desafiar ninguém. Fiquei sabendo que estava demitido pelo rádio. Não pode! Como dão uma notícia dessas sem falar comigo? É, no mínimo, falta de ética. O ministro Elcio me contou que o presidente ficou irritado com as minhas declarações e que não havia saída senão me demitir e também à doutora Solange. Disse a ele que não aceitava isso como motivo para me demitirem. Não é pelo rádio que se demite um comandante de Força. Isso é grave.*

*Veja: O senhor está dizendo **então** que o presidente errou na forma de demiti-lo?*

*Bräuner: Não sei de quem foi...É, quem assina o ato é ele.(...)*

*(PB-Ent-Veja:12/01/00:11)*

N-s0E\*m

*Veja: O senhor é a favor da quebra do sigilo fiscal das pessoas suspeitas de irregularidades?*

*Everaldo: As pessoas que ocupam cargos na administração pública estão obrigadas a encaminhar ao Tribunal Contas sua declaração de renda. Essa lei foi resultado de um projeto do senador Pedro Simon. Mas acho que ela é exagerada. Acho que a declaração deve estar disponível e não ser entregue obrigatoriamente. Deve-se partir do princípio de que a maioria das pessoas são honestas e que não é necessário expor a intimidade dessas pessoas se não houver proveito no combate à corrupção. Mais do que isso. As informações fiscais devem estar disponíveis para as autoridades especializadas na matéria. Só sob suspensão o órgão especializado na fiscalização utilizará todos os meios necessários para a investigação se algo for descoberto, daí **então** é correto dar publicidade à história.*

*(PB-Ent-Veja:01/05/00:15)*

Nota-se nessas ocorrências que, apesar de elas apresentarem igualdade na descrição dos fatores a que foram submetidas, elas apresentam funcionamento textual diverso, cada qual com sua especificidade. Deste modo, serão descritos somente os fatores, ficando para a próxima análise o funcionamento textual de cada ocorrência ou grupo das mesmas.

Nesse grupo as ocorrências não aceitam a substituição por *logo*, têm mobilidade dentro da oração, não aceitam partículas de clivagem e focalização, pertencem ao domínio lingüístico epistêmico, não apresentando vírgula posposta ao articulador em análise nem iniciando período.

Quanto à anteposição da conjunção aditiva *e*, todos a recusam, porém os motivos são variados. Na primeira ocorrência, *então* vem precedido pela conjunção alternativa *ou*.

Na segunda, *então* vem enfatizando uma interrogação (... *qual é então?*). Na terceira e quarta ocorrências, *então* aparece no meio da oração, o que impossibilita a anteposição do *e*.

## Grupo 5

S-s0E\*m

*Para descomplicar o trânsito das informações, a solução é uma rede de 100% fibra óptica. Agora, se você quer descomplicar ainda mais, com máxima velocidade e segurança, **então** a solução é a rede AT&T. Sua empresa vai ter acesso à mais avançada tecnologia de comunicação. Por maior que seja a quantidade de dados transmitidos, eles sempre encontram um caminho livre. É como ter à disposição uma capacidade de comunicação praticamente ilimitada. Isso sem falar em outra vantagem: uma taxa média de disponibilidade de 99,98%. Bons argumentos para trocar de rede não faltam. Afinal, congestionamento já basta o que você pega para ir trabalhar. (PB-A-Veja:05/01/00:105)*

S-s0E\*m

*João Ubaldo: Da obsessão de meu pai, um humanista, mas um homem autoritário, que me fazia aprender na base da porrada, e com quem eu sempre tive uma relação muito conflituosa. Aos 10 anos me obrigava a ler em outras línguas e traduzir simultaneamente, sem qualquer hesitação. No inglês eu decorava cinquenta palavras do dicionário por dia, e tinha a sorte de morar num edifício com vários garotos americanos. Li Shakespeare muito cedo, e segui lendo todos os clássicos da língua inglesa. Considero, sem modéstia, que falo um inglês melhor que a maioria dos americanos.*

*Veja: Sendo seu pai um humanista, **então** deve ter estimulado sua vocação.*

*João Ubaldo: Não, não. Ele nunca se conformou de eu ser escritor. (...)*

(...)

*Veja: E em relação ao país, o senhor é otimista ou pessimista?*

*João Ubaldo: Ah, isso é outra história. Uma das coisas que mais me irritam é ver o Brasil, a imprensa brasileira, a causar comoção pública porque uma empresa qualquer especializada deu uma nota baixa ao país em nível de risco e não sei o que lá. A gente se esquece de que o Brasil está entre o sexto e o oitavo país em população do mundo e é provavelmente o maior país em extensão territorial em terras utilizáveis.*

*Veja: Então essa crise de pessimismo vem de onde? Da falta de auto-estima?*

*João Ubaldo: Só pode ser e não tem cabimento. O Canadá é um pedaço de gelo. A China é um monte de desertos (...) O Brasil acaba sendo o maior. E mais com língua homogênea. É um dos maiores mercados do mundo. Os investidores não podem prescindir desse mercado. Eles têm dinheiro para burro aqui.*

*(PB-Ent-Veja:16/02/00:11-14)*

S-s0E\*m

*Impossível reduzir o benefício, **então** reduzimos o custo.*

*(PB-A-Veja:09/02/00:136)*

Essa ocorrência também apresenta um funcionamento conclusivo, assemelhando-se muito com a anterior. A única diferença entre elas é o fato de, na anterior, o *então* iniciar período e nesta ele vir iniciando oração.

Nesse grupo se encontram as ocorrências que aceitam a substituição por logo, não aceitam anteposição do conector e, não admitem partículas de focalização e clivagem, pertencem ao domínio lingüístico epistêmico, não apresenta vírgula após o *então*, tal articulador vem iniciando oração e apresenta mobilidade dentro da oração – única característica adverbial dessas ocorrências.

## Grupo 6

N+s0C\*M

*“Não estava fácil descobrir uma maneira de reunir, em um mesmo lugar, alguns dos maiores concorrentes do setor financeiro do país. **Então** nós tivemos um clique. A maior e melhor seleção de investimentos em um só lugar: o seu computador. (www.investshop.com.br – o primeiro site que cuida do seu bolso.)”**(PB-A-Veja:29/03/00:65)*

N+s0C\*M

*“(…) Nos fins de dezembro de 1977, lembro-me bem, o Geisel, enfim, me fez o convite para ser candidato. Pedi 24 horas para dar-lhe a resposta. No dia seguinte, quando fui dar-lhe a resposta do ‘sim’, ele me perguntou:*

*\_Figueiredo, e o vice?*

***Então** falei: ‘Esse governador mineiro, seu amigo, Aureliano Ch...’*

*Ele, então, para não me dar tempo de pensar noutra alternativa, nem me deixou concluir meu raciocínio. Como se não me desse tempo de mudar de idéia, interrompendo-me, dizendo:*

*\_Ótimo, então não é bom comunicar logo a ele?*

*Só que ele não me esperou terminar o que eu ia lhe dizer. Eu ia lhe dizer:*

*\_Esse governador mineiro, seu amigo, Aureliano, Chaves, nãããã!”*

Nessa ocorrência *então* não pode ser substituído por *logo*, aceita anteposição do *e*, apresenta mobilidade, pertence ao domínio lingüístico epistêmico, inicia período e não apresenta vírgula posposta. O único fator em que é apresentada uma característica conjuntiva é ausência de partículas focalizadoras, já que todos os conectores negam a presença de tais palavras.

## Grupo 7

S-s0E\*M

*Summers: O presidente Clinton e todos nós na sua administração lutamos para criar uma nova economia baseada em virtudes antigas. Isso significa tirar vantagem de todo o poder da informação e da tecnologia atuais. Um Ford Taurus tem mais eletrônica embarcada do que a cápsula do projeto Apollo que levou o homem à Lua. O enorme poder da tecnologia da informação, das telecomunicações, da biotecnologia tem capacidade para mudar as economias, assim como as ferrovias e a eletricidade mudaram o mundo no século que se encerrou. Mas ainda assim o crescimento econômico e a estabilidade dependem de valores conhecidos há um bom tempo. Dependem de poupança, de mão-de-obra qualificada, de um sistema financeiro eficiente. Dependem de evitar que os governos gastem mais do que arrecadam. Dependem de uma política monetária eficaz. Portanto, creio que há mudanças muito profundas na nossa economia. Mas nenhuma delas nos dá o direito de ignorar verdades econômicas já estabelecidas.*

*Veja: **Então** é tola a idéia do fim dos ciclos econômicos, que trazem recessão ou resfriamento econômico ao final de cada etapa de expansão?*

*Summers: O excesso de confiança é sempre autodestrutivo. Principalmente se levar a planos de expansão da economia pouco realistas e à criação de capacidade de produção acima do que o mercado é capaz de absorver, ou a outras medidas sem base sólida de sustentação. (PB-Ent-Veja:19/01/00:14)*

S-s0E\*M

*João Ubaldo: Da obsessão de meu pai, um humanista, mas um homem autoritário, que me fazia aprender na base da porrada, e com quem eu sempre tive uma relação muito conflituosa. Aos 10 anos me obrigava a ler em outras línguas e traduzir simultaneamente, sem qualquer hesitação. No inglês eu decorava cinquenta palavras do dicionário por dia, e tinha a sorte de morar num edifício com vários garotos americanos. Li Shakespeare muito cedo, e segui lendo todos os clássicos da língua inglesa. Considero, sem modéstia, que falo um inglês melhor que a maioria dos americanos.*

*Veja: Sendo seu pai um humanista, então deve ter estimulado sua vocação.*

*João Ubaldo: Não, não. Ele nunca se conformou de eu ser escritor. (...)*

(...)

*Veja: E em relação ao país, o senhor é otimista ou pessimista?*

*João Ubaldo: Ah, isso é outra história. Uma das coisas que mais me irritam é ver o Brasil, a imprensa brasileira, a causar comoção pública porque uma empresa qualquer especializada deu uma nota baixa ao país em nível de risco e não sei o que lá. A gente se esquece de que o Brasil está entre o sexto e o oitavo país em população do mundo e é provavelmente o maior país em extensão territorial em terras utilizáveis.*

*Veja: **Então** essa crise de pessimismo vem de onde? Da falta de auto-estima?*

*João Ubaldo: Só pode ser e não tem cabimento. O Canadá é um pedaço de gelo. A China é um monte de desertos (...) O Brasil acaba sendo o maior. E mais com língua homogênea. É um dos maiores mercados do mundo. Os investidores não podem prescindir desse mercado. Eles têm dinheiro para burro aqui.*

*(PB-Ent-Veja:16/02/00:11-14)*

Nessas ocorrências vemos um funcionamento conclusivo de *então*, que é confirmado pela descrição dos fatores. Aqui, *então* é facilmente substituído por *logo*, não aceita a anteposição de *e* nem a presença de partículas focalizadoras e de clivagem, pertence ao domínio lingüístico epistêmico, inicia período – ligando porções maiores de

texto – e não apresenta vírgula posposta, porém então neste exemplo apresenta mobilidade – sendo esta uma característica adverbial – pois os conectores prototípicos tendem a ocupar posição fixa inicial.

## Grupo 8

S+s0C,M

*“Só não piorei porque tinha um trabalho, e sempre levei a sério o que faço. **Então**, fazia tudo direito”. (PB-Ent-Qu:05/00:p.28:10-16)*

S+s0C,M

*“Não, pois\_sou muito econômico! Sou uma formiguinha, trabalho e guardo, não fico gastando em besteira. **Então**, quando vem o inverno, tenho uma reserva.” (PB-Ent-Qu:05/00:p.29:115-120)*

S+s0C,M

*“Venho de uma família em que ninguém falava de sexo. **Então**, antes de transar, eu nem pensava muito nisso.” (PB-Ent-Qu:05/00:p.63:8-12)*

S+s0C,M

*Veja: Que tipo de besteira?*

*Ronaldinho: Um das besteiras a gente faz. Que nem esse negócio de comprar a Ferrari. Para mim, não era uma besteira, era um sonho. Desde pequeno eu sonhava em ter uma Ferrari. Mas o sonho virou pesadelo. Virou escândalo. Todo mundo me criticou porque eu paguei 500.000 reais num carro. **Então**, resolvi vender. Não vou mais andar de Ferrari. Já curti esse carro. Andei com ele nas férias. (PB-Ent-Veja:05/01/00:14)*

Esses exemplos aceitam a substituição por *logo* – sendo que em algumas ocorrências há um pouco de estranheza com essa troca – também aceitam a anteposição de *e*, apresentam mobilidade, como os demais não apresentam focalizadores, são de domínio lingüístico referencial, iniciam período e apresentam vírgula posposta a *então*.

## Grupo 9

N+s0C,M

*“Conheci o Jean no carnaval de 1987, no litoral catarinense. Namoramos por carta durante cinco anos – e ficamos cinco sem nos ver. **Então**, no carnaval de 1997 (dez anos depois, quem diria...) nos reencontramos. Por mais três anos, namoramos à distancia – eu em São Paulo e ele em Blumenau. Sempre que dava, viajava para vê-lo, ou vice-versa. Era angustiante viver a quilômetros do homem que amo, mas superamos essa fase até o nosso casamento, há dois anos.”*

*(Andréia Gosyoz Burguetti Iglesias, 28 anos)*

*(PB-Fr-Nova:01/2003 (1):66)*

N+s0C,M

*“Ainda bem que meu marido usou Credicard na semana do Dia das Mães.”*

*“Foi uma surpresa. Como eu não sou mãe, aliás, acho que sou um pouco sim, porque a gente acaba sendo mãe do irmão, do marido, do cachorro e até da própria mãe. De qualquer forma, foi uma surpresa e pensei: ‘ué, ele se lembrou de mim no Dia das Mães?’ **Então**, eu abri a caixinha e vi que era uma jóia da H. Stern. Foi muito legal. E ele me disse que ganhou na promoção “Seja nosso convidado” da Credicard junto com um crédito de R\$100,00 na fatura. Eu falei para o Maurício: ‘mas como foi que você ganhou? Você se inscreveu? Ligou?’ E ele respondeu que não, que ele, por possuir um Credicard e ter usado o cartão, acabou ganhando. Assim, do nada. Eu fiquei supercontente quando ele me deu a jóia. Porque eu acho que presente, pode ser uma rosa, mas se você não está esperando, é maravilhoso. Queria até aproveitar para falar que eu gosto muito da idéia de dar jóias como brinde. É exatamente original e charmoso. Adorei. Só espero que a próxima surpresa seja tão boa quanto é essa.”*

*(Valéria Macari, esposa de Maurício, cliente Credicard.)*

*(PB-A-Veja:24/05/00:108)*

N+s0C,M

*A melhor contribuição da ciência à mulher não é o silicone.*

*Chegou Sym. O único absorvente com body fit system.*

*Quando você experimentar SYM vai se perguntar por que não inventaram o Body Fit System antes. O Body Fit System é um sistema de alta tecnologia que deixa o absorvente SYM tridimensional, dando um ajuste perfeito ao seu corpo. Ele tem o centro anatômico delicadamente elevado e ajusta-se ao seu corpo conforme você se movimenta, evitando a formação de espaços e dando-lhe muito mais segurança. Além*

disso, suas extremidades são muito mais finas e não marcam na calcinha, mesmo nas roupas mais justas. Isso é o máximo em conforto. **Então**, quer evoluir? A resposta é SYM. (PB-A-Nova:06/2001:58)

N+s0C,M

“O homem (Sarney) ficou atarantado, botou as mãos na cabeça, apavorado com o tamanho da crise. Pediu que eu segurasse minha decisão (renúncia) até o fim do dia. Mais tarde, me volta do Congresso o Sarney com duas cartas endereçadas a mim. Disse que estava fazendo comigo a mesma coisa que eu havia feito com ele. Em respeito ao meu gesto de comunicar-lhe antes aquelas decisões, também queria fazer o mesmo. Li a primeira carta, e veja como ele estava pensando muito na frente. Ele também renunciava à presidência do PDS. Na Segunda renunciava à senatoria pelo Maranhão, seu estado. Ia para casa. Estava pendurando a chuteiras. Fiquei mais p. ainda com aquela jogada. Era uma lance para me pressionar. Estava claro que era um jogo de emoção. Ele estava extorquindo meu sentimento. **Então**, eu o encarei e disse com toda a lisura: ‘Impossível, eu não tenho o direito de acabar com sua carreira política. Você sempre foi político e ainda tem filhos que dependem de você. Eu não posso arruiná-lo.’ (PB-Ent-Veja: 12/01/00:41,43,44,46)

Nessas ocorrências não é possível substituir *então* por *logo*, *então* aceita anteposição do e, tem mobilidade dentro da oração, como as demais não aceita focalizadores, pertence ao domínio lingüístico epistêmico, vem seguido de vírgula e inicia período.

## Grupo 10

N-s0C,M

“(…) Nos fins de dezembro de 1977, lembro-me bem, o Geisel, enfim, me fez o convite para ser candidato. Pedi 24 horas para dar-lhe a resposta. No dia seguinte, quando fui dar-lhe a resposta do ‘sim’, ele me perguntou:

—Figueiredo, e o vice?

Então falei: ‘Esse governador mineiro, seu amigo, Aureliano Ch...’

Ele, **então**, para não me dar tempo de pensar noutra alternativa, nem me deixou concluir meu raciocínio. Como se não me desse tempo de mudar de idéia, interrompendo-me, dizendo:

—Ótimo, então não é bom comunicar logo a ele?

Só que ele não me esperou terminar o que eu ia lhe dizer. Eu ia lhe dizer:

—Esse governador mineiro, seu amigo, Aureliano, Chaves, nãããã!” (...)

(PB-Ent-Veja (Especial):12/01/00:41,43,44,46)

N-s0C,M

*“A última vez que falei com Sarney foi por telefone. Um mês depois que deixei o governo, fiz uma viagem de navio para dar uma descansada daquela chatura de Brasília. Estava tranqüilo em casa quando o telefone chamou. Era um empresário amigo meu e dele se dizendo empenhado em fazer um contato com o presidente antigo e o novo. O amigo começou a conversa dizendo que o Sarney estava querendo falar comigo, mas tinha um certo receio de ser mal recebido, maltratado por mim. Respondi-lhe, **então**, que o novo presidente não precisava ter receios”.(PB-Ent-Veja (Especial):12/01/00:41,43,44,46)*

N-s0C,M

*Veja: Muitos astros reclamam do tratamento que a imprensa lhes dá. O senhor se incomoda com o que sai a seu respeito nos jornais e revistas?*

*Schwarzenegger: É óbvio que todos nós adoramos ler coisas boas sobre nós mesmos - e detestamos quando sai algo negativo. Por isso mesmo, seria a última pessoa a dizer que os jornalistas não prestam porque publicaram essa ou aquela notícia, ou porque disseram que meu filme é ruim. É preciso aceitar as críticas. Se você não gosta de calor, saia da cozinha. Por outro lado, há um tipo de jornalismo que vive de procurar e explorar o que há de pior na vida de gente famosa. Nesses casos, em que se publicam afirmações falaciosas e destrutivas, é preciso recorrer à justiça ou exigir retratação. Por exemplo: um jornal disse que eu não havia me recuperado bem da cirurgia cardíaca a que fui submetido. Que mal conseguia andar depois da operação, imagine só. Mesmo sendo estampada numa publicação não lá muito conceituada, é o tipo de manchete que prejudica a minha carreira. Escrevi, **então**, ao editor do jornal, pedindo que ele desmentisse a nota.  
(PB-Ent-Veja:24/05/00:14)*

Nestes exemplos *então* vem posposto a um dos elementos da oração, portanto não é possível substituí-lo por *logo* nem antepor a ele a conjunção *e*. A mobilidade desse articulador dentro da oração já vem confirmada nos exemplos. Além desses fatores *então* também não aceita partículas de clivagem ou focalização, pertence ao domínio lingüístico de conteúdo, vem seguido de vírgula e, apesar de não iniciar o período, é ele que articula o período em que aparece com o anterior.

## Grupo 11

N-s0F\*m

*“Tóquio, Londres, Nova Iorque, Hong Kong, São Paulo ou na esquina de qualquer cidade do mundo – o HSBC está sempre onde sua empresa precisa. São mais de 134 anos de experiência nos mais diferentes mercados, com agência em 82 países. Se você procura segurança para os investimentos da sua empresa, não deixe de falar com o HSBC. Agora, se você está mais interessado em taxas e rentabilidade, **então** faça o seguinte: fale com o HSBC. Aqui sua empresa é atendida pelos melhores especialistas do mercado. Com um capital de US\$ 37 bilhões, o HSBC administra hoje mais de US\$ 400 bilhões em todo o mundo. Além da segurança e rentabilidade, todo esse sucesso está baseado nas transparência total das operações. Por tudo isso, não esqueça: antes de investir fale com o HSBC. (PB-A-Veja:29/03/00:202/203)*

N-s0F\*m

*“Se querem exclusividade, **então** me paguem um salário, eu me torno funcionário da Globo e pronto.” (Lobão, cantor e compositor, sobre o veto do Domingão do Faustão aos artistas que aparecem no Domingo Legal, do SBT.) (PB-Fr-Veja:12/04/00:38)*

Essas ocorrências têm funcionamento condicional, sendo o *então* seguido de um ato de fala imperativo. Tais particularidades impossibilitam *então* de ser substituído por *logo* e precedido por *e*. Nelas *então* tem mobilidade, não aceita focalizadores, faz parte de um ato de fala imperativo, inicia oração e não vem seguido de vírgula.

## Grupo 12

N-s0F\*M

*“Seu filho é especial, não é? **Então** mostre ele para todo mundo.” (PB-A-P&F:07/00:p.61:1-6)*

N-s0F\*M

*“Eu não podia acreditar! Mirava-o (Aureliano Chaves) fixamente. Ele, lívido, ali, com medo de eu tornar pública a tal conversa de alguns meses antes. Levantei-me e disse-lhe: ‘Pois **então** passe bem’. O Aureliano levantou-se também e se foi. Faltavam uns oito meses para terminar o governo e nunca mais nos falamos direito”. (PB-Ent-Veja (Especial):12/01/00:41,43,44,46)*

N-s0F\*M

*“Todo mundo diz que Costa e Silva era burrão. Grande engano. Sempre foi o primeiro colocado onde quer que tenha estudado. Ele era da turma do Castello, e o melhor aluno era o Costa e não o Castellinho. Tinha muito bom senso, mas sua grande característica era ser decidido. Na época do AI-5, quando chegava um relatório sobre a conduta de algum político contra a revolução, não hesitava. Prontamente dizia, com seu marcante sotaque gaúcho: ‘Que se lhe casse, **então!**’” (PB-Ent-Veja (Especial):12/01/00:41,43,44,46)*

As ocorrências do grupo 13 apresentam descrição dos fatores semelhantes aos do grupo 12, sendo os únicos pontos que os distinguem o fato de, nesse grupo, *então* estar coordenando períodos diferentes e as duas últimas ocorrências não apresentarem a construção condicional.

### Grupo 13

N+s0C,m

*“Eu era presidente e estive na China. Fui lá visitar o Deng Xiaoping, um baixinho que mandava lá. O curioso é que notei que ele estava sem as divisas de general. Notei, mas não falei nada. Ele foi quem me falou. Disse que na China é assim: quando um oficial chega ao generalato não usa mais suas divisas. Segundo ele, isso é prova de desambição e também para demonstrar que, antes de mais nada, é um soldado. Eu ouvi o tradutor falar e, **então**, respondi: ‘No Brasil é bem diferente. As divisas representam uma carreira coroada de sucesso e bravura’. Não sei se o rapaz traduziu, mas que eu disse, disse.”*  
(PB-Ent-Veja (Especial):12/01/00:41,43,44,46)

A impossibilidade de *então* ser substituído por *logo* nesse exemplo se deve ao fato de ele vir precedido pela conjunção aditiva *e*. Nessa ocorrência *então* tem mobilidade, não apresenta focalizadores, pertence ao domínio lingüístico de conteúdo – apresentando um valor seqüencial – inicia oração e vem entre vírgulas, porque aparece intercalado aos elementos da segunda oração.

## Grupo 14

N-s0C\*M

“Você gosta de diversão? **Então** você vai gostar da I-Zone, a nova câmera Polaroid que é superprática, moderna e multicolorida.” (PB-A-Qu:08/00:p.7:1-2)

N-s0C\*M

“Eu tenho um monte de teorias sobre mães. É a faculdade que todo mundo fez, mesmo quem não é mãe, porque tem a vizinha, a irmã. **Então** o que acontece, todo mundo dá palpite, com direito e propriedade sobre tudo.” (PB-Ent-Mae:07/00:p.36:40-46)

N-s0C\*M

“(…) Nos fins de dezembro de 1977, lembro-me bem, o Geisel, enfim, me fez o convite para ser candidato. Pedi 24 horas para dar-lhe a resposta. No dia seguinte, quando fui dar-lhe a resposta do ‘sim’, ele me perguntou:

\_\_Figueiredo, e o vice?

Então falei: ‘Esse governador mineiro, seu amigo, Aureliano Ch...’

Ele, então, para não me dar tempo de pensar noutra alternativa, nem me deixou concluir meu raciocínio. Como se não me desse tempo de mudar de idéia, interrompendo-me, dizendo:

\_\_Ótimo, **então** não é bom comunicar logo a ele?

Só que ele não me esperou terminar o que eu ia lhe dizer. Eu ia lhe dizer:

\_\_Esse governador mineiro, seu amigo, Aureliano, Chaves, nãããã!”

(PB-Ent-Veja (Especial):12/01/00:41,43,44,46)

As únicas diferenças entre este grupo e o anterior são que nessas ocorrências *então* inicia período, o que o impede de vir precedido pela conjunção *e*, e não vem seguido de vírgula.

## Grupo 15

S-s0E,M

“Depois que você tem filho, você vê que isso é uma prioridade. **Então**, quando acontece de você não ter tempo, você fabrica o tempo.” (PB-Ent-Mae:07/00:p.35:33-36)

S-s0E,M

*“Praticamente toda mulher tem condição de lactar. Mas a amamentação acontece nos níveis físico e psicológico. Então, para ter mais leite é importante relaxar.” (PB-Ent-Mae:07/00:p.49:73-77)*

Nestes exemplos, *então* pode ser facilmente substituído por *logo*, não aceita anteposição do *e*, tem mobilidade, não aceita partículas focalizadoras, pertence ao domínio lingüístico epistêmico, vem seguido de vírgula e inicia período. Todos esses fatores, exceto a mobilidade de *então* na oração, conferem ao articulador em análise o caráter conjuntivo e argumentativo conclusivo.

## Grupo 16

S+s0E\*m

*“E por que acabou?”*

*Porque não tinha mais paixão, não tinha mais tesão e poderia caminhar para algo sem generosidade. Temos uma filha para criar e vamos ser parceiros para o resto da vida, **então** foi melhor separar.” (PB-Ent-Clau:01/00:p.35:10-19)*

Nesse exemplo *então* apresenta um funcionamento conclusivo, podendo ser substituído por *logo*, vir antecedido por *e* e apresentar mobilidade. Aqui *então* – como em todas as outras ocorrências – não apresenta partículas de clivagem ou de focalização. É necessário ainda afirmar que ele pertence ao domínio epistêmico, não vem seguido de vírgula e inicia oração.

#### 4.1 Quadro Resumido

Para facilitar a compreensão de cada grupo, apresentamos a análise na tabela abaixo, onde é detalhado o comportamento de cada grupo e ainda destacados em vermelho os fatores que assumem características conclusivas e em azul os fatores que apresentam comportamento adverbial.

◆ característica conclusiva

◆ característica adverbial

##### 4.1.1.1

Grupo 1	N	+	S	0	C	*	m
Grupo 2	N	-	S	0	C	*	m
Grupo 3	S	+	S	0	E	,	M
Grupo 4	N	-	S	0	E	*	m
Grupo 5	S	-	S	0	E	*	m
Grupo 6	N	+	S	0	C	*	M
Grupo 7	S	-	S	0	E	*	M
Grupo 8	S	+	S	0	C	,	M
Grupo 9	N	+	S	0	C	,	M
Grupo 10	N	-	S	0	C	,	M
Grupo 11	N	-	S	0	F	*	m
Grupo 12	N	-	S	0	F	*	M
Grupo 13	N	+	S	0	C	,	m
Grupo 14	N	-	S	0	C	*	M
Grupo 15	S	-	S	0	E	,	M
Grupo 16	S	+	S	0	E	*	m

\*os fatores que não apresentam alteração de cor ocorrem, pois foram utilizados somente para verificar o comportamento da ocorrência sem se valer da divisão conjunção conclusiva/advérbio.

Verifica-se no quadro acima que não houve distinção na terceira coluna – referente à mobilidade, pois, em todas as ocorrências, *então* apresenta tal característica –, nem na

quarta coluna – referente a elementos focalizadores, pois *então* não os aceita. Isso indica um comportamento uniforme de tal operador.

O penúltimo fator, que indicou presença ou ausência de vírgula depois de *então*, não revelou nenhum comportamento textual significativo, pois percebe-se que ele só mostrou distinção no nível formal e superficial e não textual e argumentativo.

Desse modo, os quatro fatores restantes – substituição por *logo*, anteposição da conjunção *e*, tipo de domínio lingüístico e operador-iniciador de oração ou período – são mais pertinentes a nossa análise, que revelou, principalmente, que características conclusivas e adverbiais co-ocorrem nas ocorrências de *então*, visto que em três grupos (3, 8 e 16) *então* aceita substituição por *logo* (característica conclusiva) e anteposição pela conjunção *e* (característica adverbial), pertencendo ainda o grupo 8 ao domínio referencial e não epistêmico, como o protótipo conclusivo *logo*.

Outro dado verificado nos grupos 2, 4, 10, 12 e 14 é o fato de *então* não aceitar a substituição por *logo* nem a anteposição da conjunção *e*, características contrárias às descritas no parágrafo anterior. Foi constatado que esses fatores não foram possíveis nessas ocorrências, pois *então* ou é precedido pela conjunção coordenativa alternativa *ou* (a), que impede que outra conjunção co-ocorra, ou inicia período (b), visto ser estranho no texto escrito a conjunção *e* iniciar período, ou ainda vem posposto a elementos da oração (c). Observe:

a- N-s0E\*m

*“Esse jurado não deve ter mãe. Ou então não é sambista.”*

*(Maria Helena, porta-bandeira da Imperatriz Leopoldinense, queixando-se de uma nota baixa recebida por sua escola.) (PB-Fr-Veja:15/03/00:40)*

b- N-s0F\*M

*“Seu filho é especial, não é? Então mostre ele para todo mundo.” (PB-A-P&F:07/00:p.61:1-6)*

c- N-s0C,M

*“A última vez que falei com Sarney foi por telefone. Um mês depois que deixei o governo, fiz uma viagem de navio para dar uma descansada daquela chatura de Brasília. Estava tranqüilo em casa quando o telefone chamou. Era um empresário amigo meu e dele se dizendo empenhado em fazer um contato com o*

*presidente antigo e o novo. O amigo começou a conversa dizendo que o Sarney estava querendo falar comigo, mas tinha um certo receio de ser mal recebido, maltratado por mim. Respondi-lhe, **então**, que o novo presidente não precisava ter receios”.(PB-Ent-Veja (Especial):12/01/00:41,43,44,46)*



## Capítulo IV

### 5 Análise textual e argumentativa do corpus

Pretende-se nesse capítulo apresentar os tipos de funcionamento textual que *então* desempenhou em nossas ocorrências e ainda detalhar o funcionamento do então-conclusivo – o mais freqüente em nosso *corpus* –, mostrando sua orientação argumentativa numa análise enunciativa.

#### 5.1 Análise textual

Verificando que *então* - apesar de ser descrito pelas gramáticas tradicionais como conjunção conclusiva - apresentou funcionamentos textuais diversos, fez-se necessário o levantamento dos tipos de *então* encontrados em nossa análise. Veja:

##### 5.1.1 Então – temporalidade

N+s0C1\*m

*Veja: O senhor afirma que desde o nascimento os bebês já tiram conclusões, fazem previsões, buscam explicações, fazem experimentos. Que tipo de problema eles resolvem?*

*Meltzoff: O problema da permanência dos objetos é um clássico na infância. Antes de um ano de idade, as crianças não sabem que os objetos que desaparecem de suas vistas continuam a existir. Deitados no berço, os bebês fazem experiências de como esconder o boneco debaixo de um pano e **então** procurar por ele, mostrando grande entusiasmo quando o encontram. Ou então empurram uma bola para baixo do sofá dezenas de vezes e a recuperam apenas para, em seguida, escondê-la de novo. Mediante esses jogos de esconde-esconde, eles descobrem a permanência dos objetos. (PB-Ent-Veja:17/05/00:14)*

Nesta ocorrência, *então* funciona como uma unidade adverbial de tempo, podendo até ser substituído por *depois*, indicando assim uma ação posterior a outra. Além dessas características, verifica-se claramente que não é *então* que articula “os bebês fazem

*experiências de como esconder o boneco debaixo de um pano” a “procurar por ele”, e sim a conjunção aditiva e.*

Deste modo *então* poderia ser excluído das duas orações articuladas por *e* que ainda assim elas não perderiam nenhum traço informativo – “*os bebês fazem experiências de como esconder o boneco debaixo de um pano e procurar por ele*” – cabendo ao operador em análise somente a indicação temporal.

### **5.1.2 Então – causalidade**

N-s0C1\*m

*Veja: Você quase deixou escapar a oportunidade que a música lhe deu, não?*

*Fábio: Comecei a fazer música na escola de samba Estácio de Sá, depois da chacina. Arrumei um emprego de faxineiro ali e comecei a compor. Em 1997, ganhei uma disputa. No ano seguinte, fui para a Beija-Flor de Nilópolis e ganhei novamente. Arrumei uma boa grana, mas também gastei muito. Com o primeiro samba, faturei uns 6000 reais, depois perdi tudo. Ajudei uma pessoa que morava comigo a construir uma casa, acabei me endividando, pegando dinheiro emprestado e fiquei duro. Fui, **então** para a Beija-Flor, começar tudo de novo. Ganhei ainda mais dinheiro, mas gastei tudo, saindo com mulheres. Ia aos restaurantes, tirava a onda que nenhum menino de rua poderia tirar. Não guardei nada e hoje me arrependo muito. Tinha 19 anos, não estava preparado para o sucesso.*

*(PB-Ent-Veja:28/05/00:15)*

Nessa entrevista percebe-se claramente que o entrevistado utilizou-se de *então* para encadear causa e consequência, sendo a causa “*acabei me endividando, pegando dinheiro emprestado e fiquei duro*” e a consequência “*fui para a Beija-Flor, começar tudo de novo*”.

Esse tipo de funcionamento já era previsto em nosso corpus, pois – como vimos no capítulo II – alguns estudiosos e gramáticos afirmam que *então* pode articular orações, indicando uma relação de causa e consequência, classificada por Koch de relação de causalidade.

### 5.1.3 Então – condicionalidade

O operador *então* juntamente com a partícula *se* na estrutura *se p então q*, expressa um enunciado condicional. Tal estrutura em nossas ocorrências não manteve a ordem descrita com rigidez, pois em alguns casos os operadores que expressam condição vêm implícitos, ou em outros vem deslocados de suas posições previstas, como veremos a seguir.

S-s0E1\*m

“*Se querem exclusividade, então me paguem um salário, eu torno funcionário da Globo e pronto.*” (Lobão, cantor e compositor, sobre o veto do Domingão do Faustão aos artistas que aparecem no Domingo Legal, do SBT.) (PB-Fr-Veja:12/04/00:38)

O exemplo acima mostra os operadores que expressam condição na estrutura já prevista e freqüente de ocorrer – *se p então q*. Já nas ocorrências abaixo, *então* é deslocado de sua posição e ocupa em (a) a posição final ( *se p, q então*) e em (b) inicia a estrutura condicional (*então, se p, q*), não perdendo nunca tal valor. Vejamos:

(a) N-s0E1\*m

*Renault Kangoo – Itens de diversão: duas opções de motorização (1.0 e 1.6), espaço interno de sobra, porta lateral deslizante, direção hidráulica, travas e vidros elétricos, ar condicionado, rodas de liga leve, rádio toca-fitas com comando satélite, bancos traseiros rebatíveis e removíveis, bloqueio de ignição e air bag duplo de série. Renault Kangoo. Se ele não é o carro mais divertido que existe, qual é então? Renault Kangoo. Divirta-se. (PB-A-Veja:08/03/00:05)*

(b) S+s0E1,M

“*Nós, militares, temos uma hipersensibilidade na questão da honra. Os sensores que acusam que nossa honra está sendo atingida são muitos extensos. Então, se eu mantivesse essa hipersensibilidade num cargo como este aqui, viveria me aborrecendo.*” (PB-Ent-Ve:31/05/00:p.11:49-56)

Em (a) o que se nota é que *então*, ocupando posição final da oração interrogativa, torna esta mais enfática e preenche a elipse anafórica existente, pois se estruturássemos as orações em *se p, então q*, teríamos “*Se ele não é o carro mais divertido que existe, então*

*qual é o carro mais divertido?*”, uma frase repetitiva e menos enfática que a original que apresenta posposição de *então* e elipse referencial.

Já em (b), *então* antecipa-se ao *se p* e mostra novo tipo de organização da estrutura condicional – *então, se p, q*.

Por fim notou-se em nossa análise que há casos em que a estrutura condicional está implícita, apresentando-se como uma pergunta, cuja resposta pressuposta é afirmativa, e a continuação da enunciação condicional/conclusiva é iniciada por *então*.

(c) N-s0C1\*M

“*Você gosta de diversão? Então você vai gostar da I-Zone, a nova câmera Polaroid que é superprática, moderna e multicolorida.*” (PB-A-Qu:08/00:p.7:1-2)

(d) N-s0F1,M

“*Seu filho é especial, não é? Então, mostre ele para todo mundo.*” (PB-A-P&F:07/00:p.61:1-6)

em que (c) “*Se você gosta de diversão, então vai gostar da I-Zone...*” e (d) “*Se seu filho é especial, então, mostre ele para todo mundo*”.

Faz-se necessário ainda ressaltar que, nesse tipo de funcionamento condicional, o operador *então* encabeça um enunciado conclusivo dentro de uma estrutura condicional, por isso esses exemplos não serão analisados argumentativamente, já que esse tipo de análise se restringirá aos casos em que *então* funciona numa estrutura somente conclusiva.

#### 5.1.4 Então – conclusão

S-s0E1\*m

S+s0E1\*M

*Veja: Além de Fernando Henrique, o senhor é amigo pessoal de Fernando de la Rúa, presidente da Argentina. Isso facilitará a criação de vínculos mais firmes entre os três países?*

*Lagos: Há fatores da política internacional que estão além do governo, mas a amizade ajuda. O Chile é um pequeno país e para que se escute nossa voz devemos falar junto com outras vozes. O Mercosul é uma ótima instância para falarmos com uma única voz, representando esta parte do mundo. Precisamos pertencer a um bloco regional forte, se pensamos no futuro. Dou o exemplo da Espanha, que pôs abaixo os Pirineus e se*

*integrou à Europa. A Espanha é importante na Europa, **então** é importante no mundo. Não é só uma questão de tarifas alfandegárias.*

*Veja: **Então** a prioridade do Chile será o Mercosul e não o Nafta, que reúne os Estados Unidos, o México e o Canadá?*

*Lagos: Claro. O Nafta, para nós, é um acordo comercial. O Mercosul é mais do que isso, é político, estratégico.(PB-Ent-Veja:08/03/00:13)*

Nessa ocorrência o operador *então* aparece duas vezes. Na primeira delas *então* encabeça uma conclusão convincente, calcada no conhecimento de mundo eurocêntrico implícito de que a Europa é importante no mundo. Veja:

(a) *A Espanha é importante na Europa, **então** é importante no mundo.*

em que a sustentação da conclusão se dá pelo implícito do enunciado acima: “*A Europa é importante no mundo*”.

Já na segunda ocorrência de *então*, ainda na mesma entrevista, percebe-se que a conclusão que o entrevistador tira de tudo que foi dito pelo entrevistado não é tão convincente quanto à primeira, pois ao mesmo tempo em que o entrevistador parece concluir, também dirige uma pergunta a Lagos, testando sua conclusão iniciada pelo operador em análise.

(b)

*Lagos: Há fatores da política internacional que estão além do governo, mas a amizade ajuda. O Chile é um pequeno país e para que se escute nossa voz devemos falar junto com outras vozes. O Mercosul é uma ótima instância para falarmos com uma única voz, representando esta parte do mundo. Precisamos pertencer a um bloco regional forte, se pensamos no futuro. Dou o exemplo da Espanha, que pôs abaixo os Pirineus e se integrou à Europa. A Espanha é importante na Europa, **então** é importante no mundo. Não é só uma questão de tarifas alfandegárias.*

Veja: **Então** a prioridade do Chile será o Mercosul e não o Nafta, que reúne os Estados Unidos, o México e o Canadá?

Aqui fica claro que os operadores argumentativos podem articular atos de fala distintos no discurso, como afirma Koch (1989), já que os argumentos postos por Lagos (L1), orientaram a conclusão tirada pelo entrevistador (L2) da revista Veja.

É necessário ainda afirmar que em (a) temos a coordenação de orações e em (b) a coordenação de porções textuais, separadas por parágrafos e locutores diferentes.

Na ocorrência seguinte *então* também orienta argumentativamente para uma conclusão, mas também parece ser um elemento resumitivo do discurso, encadeando porções textuais, separadas por parágrafos e locutores diferentes. Além disso, *então* aparece iniciando uma pergunta, como se o entrevistador questionasse sua própria conclusão, que será confirmada pela resposta do entrevistado.

S+s0E1,M

Veja: *Por que a água é tão essencial?*

Ward: *O fato de haver águas rasas na Terra pode ter sido vital, em certo momento de sua história, para o processo químico que formou grandes quantidades de calcário e retirou gás carbônico da atmosfera. Se isso não tivesse acontecido, a atmosfera de nosso planeta não teria concentrações muito elevadas de gás carbônico. Como resultado, a temperatura seria excessivamente alta, acima de 100 graus Celsius. Num ambiente assim, os oceanos evaporariam e a vida na Terra terminaria de maneira catastrófica. Nosso planeta levou cerca de dois bilhões de anos para formar oxigênio em quantidade suficiente para permitir a sobrevivência de animais. Além disso, a superfície passou por um longo período de estabilidade, que permitiu a existência contínua de água. A Terra só conseguiu desenvolver um ecossistema tão rico porque vem mantendo seus oceanos por mais de quatro bilhões de anos. E sempre em grau de acidez e salinidade que permite a formação de proteínas, a estrutura básica dos seres vivos.*

Veja: **Então**, tudo se resume a uma questão de sorte?

Ward: *Sorte é, sem dúvida, uma razão para existirmos, mas há outros fatores. Veja o papel desempenhado pela Lua nessa história (...).(PB-Ent-Veja:15/03/00:14)*

### 5.1.5 Então – anafórico-sequencial

N+s0C1,M

*“Ainda bem que meu marido usou Credicard na semana do Dia das Mães.”*

*“Foi uma surpresa. Como eu não sou mãe, aliás, acho que sou um pouco sim, porque a gente acaba sendo mãe do irmão, do marido, do cachorro e até da própria mãe. De qualquer forma, foi uma surpresa e pensei: ‘ué, ele se lembrou de mim no Dia das Mães?’ **Então**, eu abri a caixinha e vi que era uma jóia da H. Stern. Foi muito legal. E ele me disse que ganhou na promoção “Seja nosso convidado” da Credicard junto com um crédito de R\$100,00 na fatura. Eu falei para o Maurício: ‘mas como foi que você ganhou? Você se inscreveu? Ligou?’ E ele respondeu que não, que ele, por possuir um Credicard e ter usado o cartão, acabou ganhando. Assim, do nada. Eu fiquei supercontente quando ele me deu a jóia. Porque eu acho que presente, pode ser uma rosa, mas se você não está esperando, é maravilhoso. Queria até aproveitar para falar que eu gosto muito da idéia de dar jóias como brinde. É exatamente original e charmoso. Adorei. Só espero que a próxima surpresa seja tão boa quanto é essa.”*

*(Valéria Macari, esposa de Maurício, cliente Credicard.)*

*(PB-A-Veja:24/05/00:108)*

Segundo Martelota (1996) *então* possui, no português atual, além de valor conclusivo, valores sequenciais e anafóricos. O que se vê nessa ocorrência é que tal operador engloba num mesmo momento esses dois últimos valores, fazendo com que o texto apresente uma seqüência (usar Credicard – ganhar o brinde na promoção – dar o presente (surpresa) à esposa – e ela abrir a surpresa) e ainda retome tudo que foi dito e pensado pela esposa - *“Foi uma surpresa. Como eu não sou mãe, aliás, acho que sou um pouco sim, porque a gente acaba sendo mãe do irmão, do marido, do cachorro e até da própria mãe. De qualquer forma, foi uma surpresa e pensei: ‘ué, ele se lembrou de mim no Dia das Mães?’ **Então**, eu abri a caixinha e vi que era uma jóia da H. Stern. Foi muito legal.”*.

### 5.1.6 Então – seqüencial

N+s0C1\*M

N-s0C1,M

S-s0E1\*M

“(…) Nos fins de dezembro de 1977, lembro-me bem, o Geisel, enfim, me fez o convite para ser candidato. Pedi 24 horas para dar-lhe a resposta. No dia seguinte, quando fui dar-lhe a resposta do ‘sim’, ele me perguntou:

*\_Figueiredo, e o vice?*

***Então** falei: ‘Esse governador mineiro, seu amigo, Aureliano Ch...’*

*Ele, **então**, para não me dar tempo de pensar noutra alternativa, nem me deixou concluir meu raciocínio. Como se não me desse tempo de mudar de idéia, interrompendo-me, dizendo:*

*\_Ótimo, então não é bom comunicar logo a ele?*

*Só que ele não me esperou terminar o que eu ia lhe dizer. Eu ia lhe dizer:*

*\_Esse governador mineiro, seu amigo, Aureliano, Chaves, nãããã!”*

Este trecho pertence a uma longa entrevista concedida a Veja pelo presidente Figueiredo, marcada por diálogos (discurso direto) relatados pelo próprio ex-presidente, marcas de oralidade e, principalmente, pelo uso de *então* para seqüenciar o discurso, ordenando linearmente eventos lembrados e descritos por Figueiredo.

No caso acima *então* vem seqüenciando (ordenando) as falas entre Figueiredo e Geisel.

*\_Figueiredo, e o vice?*

***Então** falei: ‘Esse governador mineiro, seu amigo, Aureliano Ch...’*

*Ele, **então**, para não me dar tempo de pensar noutra alternativa, **nem me deixou concluir meu raciocínio.***

Segundo RISSO (1996), dessa forma *então* se apresenta como um advérbio que passa a funcionar no estabelecimento de uma relação conjuntiva configuradora da linearidade temporal entre orações e eventos nelas mencionados.

### 5.1.7 Então – intensificador

Por fim, o último tipo de funcionamento textual de *então* encontrado em nosso corpus – então-intensificador – aparece enfatizando palavras, enunciados ou a própria enunciação. Veja:

(a) *N-s0E1\*m*

*“Esse jurado não deve ter mãe. Ou **então** não é sambista.”*

*(Maria Helena, porta-bandeira da Imperatriz Leopoldinense, queixando-se de uma nota baixa recebida por sua escola.)” (PB-Fr-Veja:15/03/00:40)*

*N-s0E1\*M*

(b) *N-s0C1,M*

*A melhor contribuição da ciência à mulher não é o silicone.*

*Chegou Sym. O único absorvente com body fit system.*

*Quando você experimentar SYM vai se perguntar por que não inventaram o Body Fit System antes. O Body Fit System é um sistema de alta tecnologia que deixa o absorvente SYM tridimensional, dando um ajuste perfeito ao seu corpo. Ele tem o centro anatômico delicadamente elevado e ajusta-se ao seu corpo conforme você se movimenta, evitando a formação de espaços e dando-lhe muito mais segurança. Além disso, suas extremidades são muito mais finas e não marcam na calcinha, mesmo nas roupas mais justas. Isso é o máximo em conforto. **Então**, quer evoluir? A resposta é SYM.*

*(PB-A-Nova:06/2001:58)*

(c) *N-s0F1\*m*

*“Eu não podia acreditar! Mirava-o (Aureliano Chaves) fixamente. Ele, lívido, ali, com medo de eu tornar pública a tal conversa de alguns meses antes. Levantei-me e disse-lhe: ‘Pois **então** passe bem’. O Aureliano levantou-se também e se foi. Faltavam uns oito meses para terminar o governo e nunca mais nos falamos direito.”*

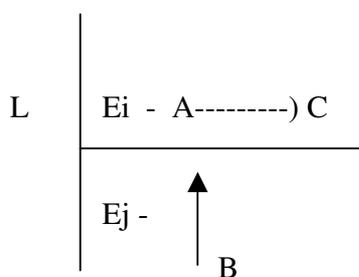
Em (a) é possível afirmar que *então* vem intensificando a conjunção alternativa *ou*, além de apresentar uma possível conclusão. Já em (b), *então* intensifica o enunciado em que aparece, sendo (b) um enunciado interrogativo, enfatizado pelo operador, que convida a leitor à resposta e que, segundo RISSO (1996), *então*, nesse tipo de emprego, é um recurso

propiciador de abertura de contato entre interlocutores no discurso oral, mas, conforme vimos no exemplo, também presente no texto publicitário escrito, já que este é marcado pela coloquialidade e proximidade com o consumidor. Finalmente (c) apresenta uma estrutura cristalizada em nossa língua, em que *então* aparece nela para intensificar tal oração e ainda por fim a enunciação.

## 5.2 Análise argumentativa de então-conclusivo

Nessa parte do estudo, será feita uma análise argumentativo-enunciativa das ocorrências que apresentaram *então* com funcionamento somente conclusivo. É importante mencionar nesse ponto do trabalho que nem todas as análises das ocorrências com *então-conclusivo* serão explicitadas, pois muitas delas apresentaram funcionamento argumentativo-enunciativo tão semelhantes que, se analisadas, tornariam o estudo repetitivo. Além disso, algumas análises foram feitas com grupos de ocorrências que se assemelhavam.

Segundo Guimarães, todas as enunciações do tipo *x logo (portanto, então, etc.) y* são consideradas polifônicas e tem como significação:



em que B é um argumento implícito, geralmente dado da perspectiva de um enunciador genérico ou universal, que sustenta a conclusão contida em C.

As duas ocorrências que seguem foram tiradas de uma entrevista com Selton Mello, que comenta sobre sua relação familiar e profissional.

“Meu pai era bancário, mas tinha trabalho itinerante, ele passava muito tempo fora de casa. **Então, tanto fazia ir para casa ou para Belém.**” (PB-Ent-Qu:05/00:p.26:29-34)

“Só não piorei porque tinha um trabalho, e sempre levei a sério o que faço. **Então, fazia tudo direito.**” (PB-Ent-Qu:05/00:p.28:10-16)

Na primeira delas, ele afirma ser indiferente ir para casa ou para Belém, pois o pai tinha trabalho itinerante, então quase não via a família. Daí a conclusão ***Então, tanto fazia ir para casa ou para Belém.***” sustentada pelo topos +Itinerante - Presença do Pai.

Nesse trecho da entrevista percebemos três orientações argumentativas.

1) “*Meu pai era bancário, mas tinha trabalho itinerante...*”

E1 = x (meu pai era bancário)

E2= x---) r (tem trabalho fixo, fica muito em casa)

E3= y (tinha trabalho itinerante)

E4= y---)~ r (vive viajando)

Sendo que L se identifica e recusa E1, recusa E2 e assume E3 e E4.

2) “*...tinha trabalho itinerante, passava muito tempo fora de casa.*”

Tais enunciados constituem uma soma de argumentos numa classe argumentativa.

3) “*Meu pai era bancário, mas tinha trabalho itinerante, ele passava muito tempo fora de casa. ***Então, tanto fazia ir para casa ou para Belém.****”

E por fim a terceira orientação, que se aproveita de todas as anteriores é a conclusiva em que E1 concentra a orientação contrajuntiva e conjuntiva e Egco, baseado no senso comum, conclui que para L era indiferente ir para casa ou Belém, pois era difícil de encontrar seu pai.

Já a outra ocorrência apresenta uma conclusão circular e redundante como se funcionasse como uma soma de argumentos.

“*...e sempre levei a sério o que faço. **Então, fazia tudo direito.***”

Em que E1: *sempre levei a sério ----)Ej :faço tudo direito*, não havendo diferença alguma quanto ao sentido da frase (levar a sério = fazer direito), mas sim um encadeamento entre causa e consequência.

Nas três ocorrências seguintes, observa-se que *então* está numa frase conclusiva, mas parece não ser substituído por *logo* facilmente, pois tende a aceitar mais a substituição pelo operador com traços explicativos *por isso*, como se a conclusão explicasse os argumentos mencionados anteriormente.

a) “*Venho de uma família em que ninguém falava de sexo. **Então**, antes de transar, eu nem pensava muito nisso.*” (PB-Ent-Qu:05/00:p.63:8-12)

b) “*Eu tenho um monte de teorias sobre mães. É a faculdade que todo mundo fez, mesmo quem não é mãe, porque tem a vizinha, a irmã. **Então** o que acontece, todo mundo dá palpite, com direito e propriedade sobre tudo.*” (PB-Ent-Mae:07/00:p.36:40-46)

c) “*Praticamente toda mulher tem condição de lactar. Mas a amamentação acontece nos níveis físico e psicológico. **Então**, para ter mais leite é importante relaxar.*” (PB-Ent-Mae:07/00:p.49:73-77)

Vejamos a comutação de *então* com *logo* e *por isso*:

a’) “*Venho de uma família em que ninguém falava de sexo. **Logo**, antes de transar, eu nem pensava muito nisso*”

a’’) “*Venho de uma família em que ninguém falava de sexo. **Por isso**, antes de transar, eu nem pensava muito nisso.*”

b’) “*Eu tenho um monte de teorias sobre mães. É a faculdade que todo mundo fez, mesmo quem não é mãe, porque tem a vizinha, a irmã. **Logo** o que acontece, todo mundo dá palpite, com direito e propriedade sobre tudo.*”

b’’) “*Eu tenho um monte de teorias sobre mães. É a faculdade que todo mundo fez, mesmo quem não é mãe, porque tem a vizinha, a irmã. **Por isso** o que acontece, todo mundo dá palpite, com direito e propriedade sobre tudo.*”

c’) “*Praticamente toda mulher tem condição de lactar. Mas a amamentação acontece nos níveis físico e psicológico. **Logo**, para ter mais leite é importante relaxar.*”

c'') *“Praticamente toda mulher tem condição de lactar. Mas a amamentação acontece nos níveis físico e psicológico. **Por isso, para ter mais leite é importante relaxar.**”*

Os testes mostram que a construção com *por isso* se dá com mais facilidade do que com *logo*. O que parece desfavorecer a substituição por *logo* são as estruturas que vêm bem depois do operador, sendo elas em a) “*antes de transar*”, em b) “*o que acontece*” e em c) “*para ter mais leite*”. Se retirarmos essas construções do enunciado, o operador *logo* fica mais próximo da seqüência conclusiva e assim parece ser aceito na frase. Vejamos:

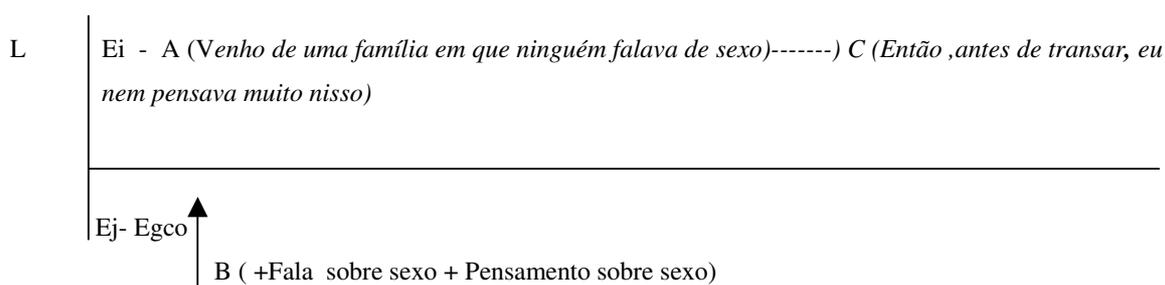
a') *“Venho de uma família em que ninguém falava de sexo. **Logo, eu nem pensava muito nisso***

b') *“Eu tenho um monte de teorias sobre mães. É a faculdade que todo mundo fez, mesmo quem não é mãe, porque tem a vizinha, a irmã. **Logo, todo mundo dá palpite, com direito e propriedade sobre tudo.**”*

c') *“Praticamente toda mulher tem condição de lactar. Mas a amamentação acontece nos níveis físico e psicológico. **Logo, é importante relaxar.**”*

Isso nos leva a afirmar que o operador *logo* deve articular necessariamente os argumentos e sua conclusão, sem que esta venha precedida por construções focalizadoras ou intercaladas.

A análise argumentativa das três ocorrências mostra que elas se encaixam no recorte enunciativo das conclusivas proposto por Guimarães(1987).Observe o recorte de (a):



O conteúdo B que garante o movimento argumentativo A-----)C para as ocorrências b) e c) seleciona, respectivamente, os topoi Conhecimento/Palpite e Relaxar/Amamentação.

Tendo b) FT1: +C +P e FT2: -C -P e c) FT1: +R +A e FT2: -R -A, sendo selecionadas, para ambos os casos, as FT1.

Nos três exemplos, o enunciador de B se sustenta na voz do senso comum, ou seja, num enunciador genérico. Talvez isso se deva ao fato de os três trechos terem sido retirados de entrevistas informais, sobre temas do dia-a-dia e não temas científico-formais.

A próxima ocorrência, publicada pela revista Veja em março de 2000, mostra uma entrevista com o cientista Ward que explica o porquê de a Terra ter evoluído e se constituído com vida. Veja:

S+s0E1,M

*Veja: Por que a água é tão essencial?*

*Ward: O fato de haver águas rasas na Terra pode ter sido vital, em certo momento de sua história, para o processo químico que formou grandes quantidades de calcário e retirou gás carbônico da atmosfera. Se isso não tivesse acontecido, a atmosfera de nosso planeta teria concentrações muito elevadas de gás carbônico. Como resultado, a temperatura seria excessivamente alta, acima de 100 graus Celsius. Num ambiente assim, os oceanos evaporariam e a vida na Terra terminaria de maneira catastrófica. Nosso planeta levou cerca de dois bilhões de anos para formar oxigênio em quantidade suficiente para permitir a sobrevivência de animais. Além disso, a superfície passou por um longo período de estabilidade, que permitiu a existência contínua de água. A Terra só conseguiu desenvolver um ecossistema tão rico porque vem mantendo seus oceanos por mais de quatro bilhões de anos. E sempre em grau de acidez e salinidade que permite a formação de proteínas, a estrutura básica dos seres vivos.*

*Veja: Então, tudo se resume a uma questão de sorte?*

*Ward: Sorte é, sem dúvida, uma razão para existirmos, mas há outros fatores. Veja o papel desempenhado pela Lua nessa história (...).(PB-Ent-Veja:15/03/00:14)*

Nesse exemplo os argumentos que se unem e orientam para a conclusão e a própria conclusão aparecem separados por locutores diferentes.

O operador *então* vem ligando toda a porção textual referente aos argumentos e a interrogativa em que aparece, orientando uma conclusão que ainda não é definitiva, pois *então*, além dessa orientação conclusiva, encabeçando uma interrogativa total, funciona como um teste para a conclusão tirada pelo entrevistador (L2). Quem determinará se a conclusão do entrevistador tem sustentação é o entrevistado (L1) com sua resposta.

Resta-nos ainda afirmar que, nesse caso, além de locutores diferentes – um elencando argumentos e outro testando a conclusão – verifica-se, de acordo com a teoria polifônica, que há enunciadores diferentes na enunciação de L2 (entrevistador) - *Então, tudo se resume a uma questão de sorte?* -, sendo E1 o enunciador que conclui afirmativamente (*Então, tudo se resume a uma questão de sorte.*) e E2 o enunciador que testa a conclusão por meio de uma interrogação (É isso mesmo?).

Na ocorrência em análise, L1 elenca numa classe todos os benefícios que a água proporcionou à formação do planeta, mas não diz como isso foi possível nem por quê o planeta apresentou água. A partir dessas observações o entrevistador (L2) toma esta classe de benefícios como uma escala argumentativa e se vê autorizado a tirar uma conclusão baseada no senso comum (“... foi uma questão de sorte?”) e ligada a uma interrogativa, o que revela, em certa medida, incerteza, já que a conclusão só será confirmada pela resposta do entrevistado.

Percebe-se também que pode haver a comutação entre *então* e *logo*, mas *logo* implica uma conclusão verdadeira com forte sustentação, sem depender de outros argumentos, o que não se pode dizer de *então*, em que a conclusão se afrouxa e aparece também como uma seqüenciação de porções textuais.

O que leva L2 a concluir que tudo não passou de sorte foram as afirmações “*O fato de haver águas rasas na Terra pode ter sido vital, em certo momento de sua história, para o processo químico que formou grandes quantidades de calcário e retirou gás carbônico da atmosfera. Se isso não tivesse acontecido, a atmosfera de nosso planeta teria concentrações muito elevadas de gás carbônico. Como resultado, a temperatura seria excessivamente alta, acima de 100 graus Celsius. Num ambiente assim, os oceanos evaporariam e a vida na Terra terminaria de maneira catastrófica*”

Representemos a seguir as relações argumentativas em jogo.

L

Ei-A = L1(Ward): O fato de haver águas rasas na Terra pode ter sido vital, em certo momento de sua história, para o processo químico que formou grandes quantidades de calcário e retirou gás carbônico da atmosfera. Se isso não tivesse acontecido, a atmosfera de nosso planeta teria concentrações muito elevadas de gás carbônico. Como resultado, a temperatura seria excessivamente alta, acima de 100 graus Celsius. Num ambiente assim, os oceanos evaporariam e a vida na Terra terminaria de maneira catastrófica. Nosso planeta levou cerca de dois bilhões de anos para formar oxigênio em quantidade suficiente para permitir a sobrevivência de animais. Além disso, a superfície passou por um longo período de estabilidade, que permitiu a existência contínua de água. A Terra só conseguiu desenvolver um ecossistema tão rico porque vem mantendo seus oceanos por mais de quatro bilhões de anos. E sempre em grau de acidez e salinidade que permite a formação de proteínas, a estrutura básica dos seres vivos.) -----) C= L2(Veja): **Então**, tudo se resume a uma questão de sorte? (E1: **Então**, tudo se resume a uma questão de sorte. + E2: É isso mesmo?)

---

Ej = Egco

↑  
Topos : FT2 = Quanto menos explicações científicas, mais questão de sorte.

É preciso observar que L2 sugere a identificação de E1 com Ei e se sustenta num Egco no qual estão incluídos tanto ele quanto L1.

O entrevistador é levado a acreditar que a presença de vida em nosso planeta foi uma questão de sorte, já que o entrevistado afirma que a presença da água em nosso planeta foi vital, elenca os benefícios da água na formação dos oceanos e, conseqüentemente, da vida no planeta, mas não apresenta uma justificativa para haver água na Terra, o que permite a indagação do entrevistador que logo é aceita pelo estudioso entrevistado, mas com ressalvas, pois este afirma haver outros fatores.

Deste modo é a ausência de explicações científicas sobre a presença da água em nosso planeta que faz com que a Veja conclua com o apoio no senso comum - portanto um enunciador Egco - que tudo foi uma questão de sorte, constituindo assim o topos *Ciência/Sorte* da relação conclusiva entre o conteúdo A e C – *quanto mais explicações*

*científicas, menos questão de sorte* -, as formas tópicas +C – S e –C +S; esta última sendo a forma selecionada para essa ocorrência, como se afirmado: o que a ciência não afirma/prova, é uma questão de sorte.

Esse tipo de construção com o operador *então*, iniciando um enunciado conclusivo juntamente com uma interrogação, foi muito presente em nosso córpus, por isso será analisado somente mais um exemplo desse funcionamento para que o estudo não fique exaustivo.

O exemplo que segue também faz parte da seção de entrevistas da revista Veja, publicada em janeiro de 2000.

*Bräuner: Eu fui mal interpretado. Não quis desafiar ninguém. Fiquei sabendo que estava demitido pelo rádio. Não pode! Como dão uma notícia dessas sem falar comigo? É, no mínimo, falta de ética. O ministro Élcio me contou que o presidente ficou irritado com as minhas declarações e que não havia saída senão me demitir e também à doutora Solange. Disse a ele que não aceitava isso como motivo para me demitirem. Não é pelo rádio que se demite um comandante de Força. Isso é grave.*

*Veja: O senhor está dizendo **então** que o presidente errou na forma de demiti-lo?*

*Bräuner: Não sei de quem foi...É, quem assina o ato é ele.(...)*  
(PB-Ent-Veja:12/01/00:11)

Nessa ocorrência *logo* não pode substituir *então*, apesar de ela ter valor conclusivo, pois o operador *então* vem posposto a elementos da oração.

*Veja: O senhor está dizendo **logo** que o presidente errou na forma de demiti-lo?*

Porém se iniciarmos com *logo*, ele parece ser aceito, mas o texto parece causar estranheza, pois orienta uma conclusão tirada pela VEJA e finalizada por uma interrogativa total que testa a conclusão e tenta resumir o texto anterior, e o operador *logo* encabeça conclusões com garantia de verdade e de forte sustentação, o que não se verifica no enunciado abaixo,

*Veja: Logo o senhor está dizendo que o presidente errou na forma de demiti-lo?*

pois a conclusão não traz uma garantia de verdade ao enunciado, já que vem unida a uma interrogação, ocorrendo assim a presença de dois enunciadores, E1 que conclui e o E2 que indaga e testa a conclusão.

L1: A: Bräuner: Eu fui mal interpretado. Não quis desafiar ninguém. Fiquei sabendo que estava demitido pelo rádio. Não pode! Como dão uma notícia dessas sem falar comigo? É, no mínimo, falta de ética. O ministro Élcio me contou que o presidente ficou irritado com as minhas declarações e que não havia saída senão me demitir e também à doutora Solange. Disse a ele que não aceitava isso como motivo para me demitirem. Não é pelo rádio que se demite um comandante de Força. Isso é grave.-----) L2: C: *Veja: O senhor está dizendo **então** que o presidente errou na forma de demiti-lo? (E1: Então o presidente errou na forma de demiti-lo. + E2: O senhor está dizendo isso?)*

Eun: *Quanto menos ética, mais erro.*



Quanto aos locutores, L1 apresenta em seu enunciado argumentos organizados numa escala argumentativa crescente. Veja os trechos sublinhados e também a escala proposta

*Bräuner: Eu fui mal interpretado. Não quis desafiar ninguém. Fiquei sabendo que estava demitido pelo rádio. Não pode! Como dão uma notícia dessas sem falar comigo? É, no mínimo, falta de ética. O ministro Élcio me contou que o presidente ficou irritado com as minhas declarações e que não havia saída senão me demitir e também à doutora Solange. Disse a ele que não aceitava isso como motivo para me demitirem. Não é pelo rádio que se demite um comandante de Força. Isso é grave.*

1) não posso ser demitido pelo rádio -----2) sem falar comigo-----3) é falta de ética----  
4) demitir pelo rádio um comandante-----)5) É grave.

Observe que houve um salto dos argumentos de menor força e gerais que podem ser resumidos em “É falta de ética demitir alguém pelo rádio” para os argumentos de maior força argumentativa e particulares que são 4 e 5, parafraseados por “É grave demitir um comandante pelo rádio (como no meu caso)”.

Baseado na escala argumentativa descrita, L2 toma o topos Ética / Erro – em que FT1: +Ética – Erro e FT2: -Ética + Erro - e conclui o conteúdo C, com a forma tópica FT2.

Seguindo temos mais uma ocorrência retirada de uma entrevista da revista Veja de março de 2000 com o então presidente do Chile.

*Veja: Além de Fernando Henrique, o senhor é amigo pessoal de Fernando de la Rúa, presidente da Argentina. Isso facilitará a criação de vínculos mais firmes entre os três países?*

*Lagos: Há fatores da política internacional que estão além do governo, mas a amizade ajuda. O Chile é um pequeno país e para que se escute nossa voz devemos falar junto com outras vozes. O Mercosul é uma ótima instância para falarmos com uma única voz, representando esta parte do mundo. Precisamos pertencer a um bloco regional forte, se pensamos no futuro. Dou o exemplo da Espanha, que pôs abaixo os Pirineus e se integrou à Europa. A Espanha é importante na Europa, **então** é importante no mundo. Não é só uma questão de tarifas alfandegárias.*

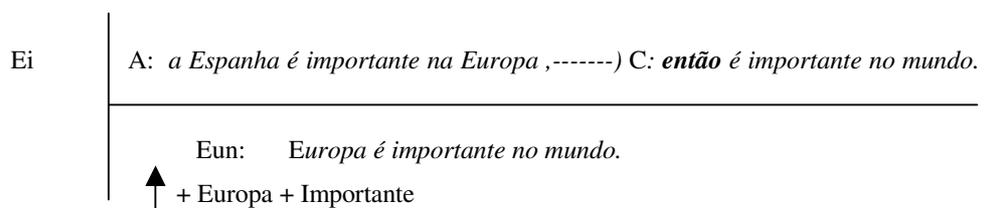
*Veja: **Então** a prioridade do Chile será o Mercosul e não o Nafta, que reúne os Estados Unidos, o México e o Canadá?*

*Lagos: Claro. O Nafta, para nós, é um acordo comercial. O Mercosul é mais do que isso, é político, estratégico.(PB-Ent-Veja:08/03/00:13)*

Nessa ocorrência, como já dissemos antes, o operador *então* aparece duas vezes. Na primeira delas *então* encabeça uma conclusão convincente, calcada no conhecimento de mundo implícito de que a Europa é importante no mundo. Veja:

(a) *A Espanha é importante na Europa, **então** é importante no mundo.*

em que a sustentação da conclusão se dá pelo implícito do enunciado acima: “A Europa é importante no mundo”.



Como se verifica, essa ocorrência traz uma conclusão dada como verdadeira e universal, sendo *então* facilmente substituído por *logo* (*A Espanha é importante na Europa, logo é importante no mundo.*) e garantida pelo topos “A Europa é importante no mundo”, que apresenta as formas tópicas: F1: +E +Imp e F2: -E -Imp.

Já na segunda ocorrência de *então*, ainda na mesma entrevista, percebe-se que a conclusão que o entrevistador tira de tudo que foi dito pelo entrevistado não é tão convincente quanto à primeira, pois ao mesmo tempo em que o entrevistador parece concluir, também dirige uma pergunta a Lagos, testando sua conclusão iniciada pelo operador em análise, como já vimos em nossa terceira análise sobre o papel da água na formação de vida em nosso planeta.

L1: Ei: A: *Há fatores da política internacional que estão além do governo, mas a amizade ajuda. O Chile é um pequeno país e para que se escute nossa voz devemos falar junto com outras vozes. O Mercosul é uma ótima instância para falarmos com uma única voz, representando esta parte do mundo. Precisamos pertencer a um bloco regional forte, se pensamos no futuro. Dou o exemplo da Espanha, que pôs abaixo os Pirineus e se integrou à Europa. A Espanha é importante na Europa, **então** é importante no mundo. Não é só uma questão de tarifas alfandegárias. -----) L2:Ej: C: Veja: **Então** a prioridade do Chile será o Mercosul e não o Nafta, que reúne os Estados Unidos, o México e o Canadá?( E1: **Então** a prioridade do Chile será o Mercosul e não o Nafta, que reúne os Estados Unidos, o México e o Canadá. + E2: É isso mesmo?)*

---

Eun            ↑            Quanto mais união regional, mais força no mundo.

A conclusão como já visto é dividida em dois enunciadores, E1 que conclui e E2 que questiona a conclusão e testa sua legitimidade. O topos levantado se constrói e se sustenta na afirmação de Lagos “*Precisamos pertencer a um bloco regional forte, se pensamos no futuro*” e na analogia que ele faz do bloco regional da América Latina (Mercosul) com a relação Espanha e Europa, que, devido à união, são importantes no mundo.

Nessa seqüência fica claro que os operadores argumentativos podem articular atos de fala distintos no discurso, como afirma Koch (1989) e Guimarães (1987), já que os

argumentos postos por Lagos (L1), orientaram a conclusão tirada pelo entrevistador (L2) da revista Veja, havendo a concordância entre ambos.

É necessário ainda afirmar que em (a) temos a coordenação de orações e em (b) a coordenação de porções textuais, separadas por parágrafos e locutores diferentes.

No próximo exemplo a conclusão não é de responsabilidade do locutor, no caso o ex-presidente Figueiredo. Este somente, elencando argumentos para mostrar a personalidade de outrem (Costa e Silva), introduz, por discurso direto, uma frase típica de Costa e Silva, quando chegava a uma conclusão. Observe:

*“Todo mundo diz que Costa e Silva era burrão. Grande engano. Sempre foi o primeiro colocado onde quer que tenha estudado. Ele era da turma do Castello, e o melhor aluno era o Costa e não o Castellinho. Tinha muito bom senso, mas sua grande característica era ser decidido. Na época do AI-5, quando chegava um relatório sobre a conduta de algum político contra a revolução, não hesitava. Prontamente dizia, com seu marcante sotaque gaúcho: ‘Que se lhe casse, **então!**’”*

O enunciado conclusivo, como se vê, também funciona como um ato imperativo, ou seja, pela análise polifônica há um enunciador que conclui e outro que ordena.

L1	Ei: A: <i>“Todo mundo diz que Costa e Silva era burrão. Grande engano. Sempre foi o primeiro colocado onde quer que tenha estudado. Ele era da turma do Castello, e o melhor aluno era o Costa e não o Castellinho. Tinha muito bom senso, mas sua grande característica era ser decidido. Na época do AI-5, quando chegava um relatório sobre a conduta de algum político contra a revolução, não hesitava. Prontamente dizia, com seu marcante sotaque gaúcho:-----) C: E1: ‘Que se lhe casse, <b>então!</b>’ E2: (imperativo) Isso é uma ordem.</i>
	↑ Eλ: Quanto mais decidido, mais inteligente. (FT1: +D+I)

O topos Decidido/Inteligente – em que FT1: +D+I e FT2: -D-I - é sustentado por um enunciador enquanto pessoa no mundo, que apresenta a voz dos militares durante a ditadura militar, que por qualquer indício de subversão, torturavam, cassavam e até matavam.

Nessa ocorrência, *então* não pode ser substituído por *logo*, apesar de estar num enunciado conclusivo, pois vem posposto a todos os elementos do enunciado. Além disso,

tal operador ocorre num ato de fala imperativo e *logo*, como vimos em análises anteriores ocorre no domínio epistêmico.

Além dos implícitos que levam à conclusão imperativa, somam-se argumentos na escala argumentativa para confirmar o caráter decidido de Costa e Silva, sendo eles: a) primeiro colocado onde quer que tenha estudado, b) melhor aluno, c) ter bom senso, d) ser decidido, e) não hesitar e f) sua frase característica que se torna o argumento marcante da decisão - “Que se lhe casse, então!”.

Passaremos a analisar as ocorrências com o operador *então*, orientando uma conclusão, que foi retirado de uma entrevista com a escritora alemã Gaby Hauptman, publicada pela revista *Veja* em fevereiro de 2000.

Tal escritora é feminista e nessa entrevista discute a relação homem e mulher. Observe o trecho da entrevista em que *então* aparece.

*Veja: Mulheres bonitas e feias têm os mesmos problemas em relação aos homens?*

*Gaby: É claro que não. Mas analise a questão de outro ângulo. Basta olhar em volta para perceber que nem todo homem é um Adônis. Muitos nem devem ter espelho em casa. Medem cada mulher como se pudesse escolher. A maioria não tem esse privilégio. Então a questão da beleza não é realmente fundamental.*

A ocorrência demonstra claramente a relação conclusiva estabelecida por *então*, sendo o conteúdo A (*Basta olhar em volta para perceber que nem todo homem é um Adônis. Muitos nem devem ter espelho em casa. Medem cada mulher como se pudesse escolher. A maioria não tem esse privilégio.*) argumento para a conclusão contida no conteúdo C (*Então a questão da beleza não é realmente fundamental*). Além disso, a construção acima é circular, concluindo com um conteúdo já mencionado anteriormente.

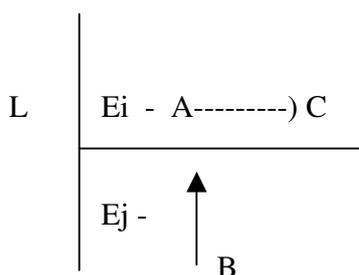
Confirmando o caráter conclusivo de *então* nessa ocorrência, percebe-se que tal operador é facilmente substituído pela conjunção conclusiva prototípica *logo*.

*“(...) Basta olhar em volta para perceber que nem todo homem é um Adônis. Muitos nem devem ter espelho em casa. Medem cada mulher como se pudesse escolher. A maioria não tem esse privilégio. Logo a questão da beleza não é realmente fundamental.”*

Na ocorrência analisada todos os argumentos contidos no conteúdo A (uma classe argumentativa) têm igual força.

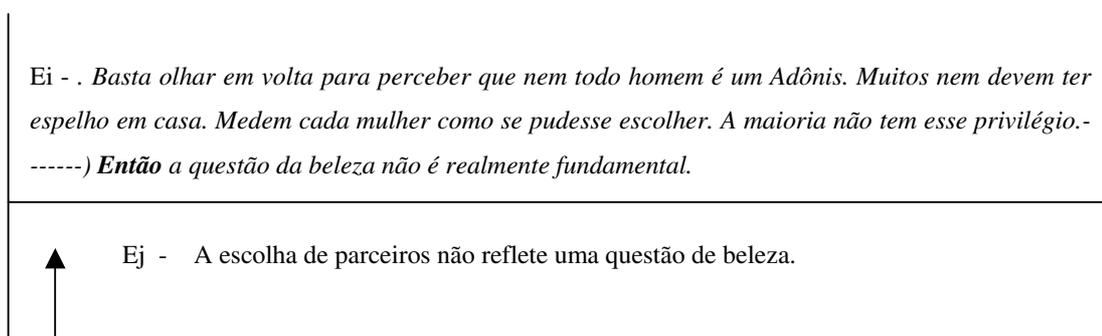
Um fato relevante nessa ocorrência é que *então* não coordena somente orações, mas sim porções textuais maiores, já que coloca como argumento para a conclusão estabelecida em C várias orações que caminham para a mesma conclusão.

Como já dissemos, segundo Guimarães, todas as enunciações do tipo *x logo* (*portanto, então, etc.*) y são consideradas polifônicas e tem como significação:



em que B é um argumento implícito, geralmente dado da perspectiva de um enunciador genérico ou universal, que sustenta a conclusão contida em C.

Aplicando essa hipótese em nossa ocorrência temos:



É interessante notar que Ei se identifica com L e que L está contido em Ej. Ej sustenta a conclusão do conteúdo C, representando uma voz genérica (Egco), do senso comum.

Se pensamos na questão geral desta conclusão do L da seqüência temos que observar que na verdade o Locutor aceita o dizer do locutor da pergunta e se contrapõe ao que ela implica. É como se a pergunta

*“Veja: Mulheres bonitas e feias têm os mesmos problemas em relação aos homens?”*

fosse interpretada por L atribuindo ao entrevistador: “é mais fácil para as mulheres bonitas serem escolhidas pelos homens”. Ou seja L opera atribuindo ao entrevistador uma perspectiva sustentada num topos “para as mulheres a beleza facilita ser escolhida”, com as formas tópicas: FT1 +beleza + fácil ser escolhida; FT2 – beleza – fácil ser escolhida. Assim podemos ver como a conclusão de L pelo “Então a questão da beleza não é realmente fundamental” se dá como uma negação do topos dado como implícito na pergunta do entrevistador. Deste modo o Ej indicado acima identifica-se ao  $\lambda$  ducrotiano para negá-lo como possível. Ou seja, L desautoriza o topos mobilizado pelo entrevistador.

## 6 CONCLUSÃO

Feito esse percurso, considero oportuno voltarmos a lembrar o objetivo de nossa pesquisa: a) observar o articulador *então* na organização textual, contrapondo-o aos outros articuladores também considerados conclusivos, focalizando as especificidades de cada operador, principalmente *então*, ao articular termos, orações ou até porções textuais; e b) analisar as funções argumentativas, bem como os fenômenos semânticos da polifonia e implicação estabelecidos por *então* no texto escrito.

Ao contrapor *então* aos outros operadores, foi possível mostrar que tal operador se encontra numa posição intermediária na escala disposta entre as categorias *unidade adverbial* e *conjunção*, pois conserva ainda características de sua etimologia adverbial. Relembremos a escala:

*unidade adverbial* -----*conjunção*  
*por isso*-----*então*-----*portanto*-----*pois*-----*logo*

Como se nota *então* ocupa tal posição na escala por mesclar características adverbiais - como ter mobilidade na oração e aceitar anteposição da conjunção aditiva *e* - e também apresentar comportamento semelhante ao protótipo conclusivo *logo* - ao poder ser substituído por este e não aceitar focalizadores.

Nessa parte da análise, é necessário lembrar que *então* e *portanto* apresentaram comportamentos bem parecidos, mas pelo fato de *portanto*, em uma ocorrência, ter articulado termos, ele foi posto mais próximo da categoria *conjunção*.

Como Martelotta (1994) e Riso (1996) apontam os vários tipos de funcionamento textual de *então* no texto oral, nosso estudo pretendeu mostrar o funcionamento textual de *então* no texto escrito, o que nos deixou claro que, em ambas as modalidades, *então* mantém suas características anafórico-seqüências marcantes, mas também revelou que este operador, com funcionamento conclusivo, apareceu mais em textos informais escritos (entrevistas) com ancoragem na oralidade, característica esta que também o diferenciou de *portanto*, que estava mais presente em textos de formalidade

intermediária (matérias assinadas e cartas de leitores editores), sem nenhuma sustentação na modalidade oral.

Segundo Martelotta (1994) os diferentes usos do articulador *então* possuem uma origem espacial > (tempo) > texto e, a partir desse processo, tal articulador tende a desempenhar funções discursivas, ganhando posições mais fixas dentro da cláusula, tendo como uma das funções principais a de orientar argumentativamente enunciados.

Quanto à análise argumentativo-enunciativa, é de fundamental importância concluir dizendo que o movimento conclusivo, como visto nas análises, não se restringe aos limites estritos dos enunciados e sim opera sobre as relações textuais, englobando aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos que aparecem indissolivelmente integrados, o que confirma os apontamentos de Vogt sobre o que ele chamou em seus estudos de *pragmática integrada*.

Especificamente sobre o operador *então*, foi possível notar algumas particularidades em seu funcionamento argumentativo-enunciativo que antes da análise não se previa, como o fato de tal operador, em algumas ocorrências, ao mesmo tempo em que sustentava um ato de fala argumentativo-conclusivo, também se apresentar em outros atos de fala, como o imperativo e interrogativo, apresentando assim, na análise polifônica, dois enunciadores – um que concluía e outro que ora interrogava ora ordenava - num único enunciado aparentemente somente conclusivo. Este funcionamento impedia *então* de ser substituído pelo protótipo conclusivo *logo*, mesmo apresentando semelhante funcionamento.

Talvez seja precipitado ainda mencionar que as construções com nosso operador parecem ser mais sustentadas por enunciadores genéricos, refletindo no topos o senso comum, o que nos possibilitou levantar a hipótese de que isso ocorre pelo fato de termos analisado gêneros textuais informais – entrevistas e anúncios – que tem forte ancoragem no coloquial e oral.

Mas o que foi dito no parágrafo anterior não passa de hipótese que, para ser confirmada, necessita de mais estudo e dedicação, pois ainda existem muitos outros pontos de se pensar a argumentação e operador *então*, mas neste momento encontro mais “uma pedra no meio do caminho”, que me faz parar, respirar e refletir sobre o muito que resta a andar e a pensar.

“...finalizarei aqui a minha narração. Se ela está felizmente concebida e ordenada, era este o meu desejo. Se está imperfeita e medíocre, é que não pude fazer melhor. Assim como é nocivo beber somente o vinho ou somente a água, mas agradável e verdadeiramente proveitoso é beber a água e o vinho misturados; assim também a disposição agradável do relato é o que causa prazer aos ouvidos do leitor. Aqui, pois, termino.”  
(Macabeus 15, 37-39)

Ou melhor: Aqui, **então**, termino.



## 7 Referências Bibliográficas

- ABREU, A. S. Coordenação e subordinação: uma proposta de descrição gramatical. *Alfa* (São Paulo). v. 41, p. 13-37, 1992.
- ALI, M. S. *Gramática elementar da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1931.
- BARBOSA, J. S. *Gramática Philosophica da Língua Portuguesa*. Lisboa: Academia Real da Ciências, 1881.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- CARONE, F. de B. *Subordinação e Coordenação: confrontos e contrastes*. São Paulo: Ática, 1988.
- COUTINHO, I. L. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.
- CUNHA, C. F. & CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DUCROT, Oswald. *Provar e Dizer: linguagem e lógica*. Trad. Maria Aparecida Barbosa, Maria de Fátima Gonçalves Moreira, Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: Global, 1981.
- \_\_\_\_\_. *O dizer e o dito*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- DUCROT, Oswald & TODOROV, Tzvetan. *Dicionário das Ciências da Linguagem*. Lisboa: D. Quixote, 1972.
- GARCIA, O. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.
- GUIMARÃES, E. *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português*. Campinas: Pontes, 1987.
- \_\_\_\_\_. (org.). *História e Sentido na Linguagem*. Campinas: Pontes, 1989.
- KOCH, I. G. V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.
- \_\_\_\_\_. A articulação entre orações no texto. *Cadernos de Estudos Linguísticos* (Campinas). n. 28, p. 9-18, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Aspectos da argumentação em língua portuguesa*. Tese PUC-SP. São Paulo, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

- KURY, A. da G. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1985.
- LIMA, C. H. da R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- MACAMBIRA, J. R. *A estrutura morfo-sintática do português*. Fortaleza:Imprensa Universitária da U. F do Ceará, 1970.
- MARTELOTA, M.E. Gramaticalização de *então*. In: *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro:UFRJ, Departamento de Linguística e de Filologia, 1996.
- MATEUS, M. (et al). *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983.
- NEVES, M. H. de M. O estatuto das chamadas conjunções coordenativas no sistema do português. *Alfa* (São Paulo). v. 29, p. 59-65, 1985.
- PAIVA, M. C. Cláusulas causais: iconicidade e funcionalidade. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* (Campinas). n. 28, p. 59-68, 1995.
- PERELMAN, Chaim."Argumentação".In *Enciclopédia Einaudi*, Volume 11, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1987.
- PERELMAN, Chaim.*O Império Retórico. Retórica e Argumentação*, Lisboa, Edições Asa, 1993.
- PEZATTI, E.G. As construções conclusivas no português falado. In: ABAURRE, M. B. & RODRIGUES, A. (orgs.). *Gramática do português falado*. vol. VIII (no prelo). São Paulo:FAPESP/ Campinas:Editora da Unicamp, 1998.
- RISSE, M. S. "O articulador discursivo *então*".In: *Gramática do Português Falado IV*. Campinas: Editora da Unicamp: FAPESP, 1996.
- SAPIR, E. "O Grau: Estudo de Semântica". In: *Linguística como ciência*. Ensaios. Seleção, tradução e notas de J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Liv. Acadêmica, 1969, p.161- 203
- VOGT, Carlos. O intervalo semântico. São Paulo, Ática, 1977.
- ZANDWAIS, Ana (org.). *Relações entre pragmática e enunciação*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2002. (Coleções Ensaios – 17)